

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
MUSEU NACIONAL  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**Patrícia Monte-Mór**

# **HOJE É O DIA DO SANTO REIS**

**Um Estudo de Cultura Popular  
no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro  
1992

**Patrícia Monte-Mór**

# **HOJE É O DIA DO SANTO REIS**

**Um Estudo de Cultura Popular  
no Rio de Janeiro**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social do Museu Nacional da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
1992

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b>	4
<b>Introdução</b>	8
<b>1. O que é Folia de Reis</b>	16
Um balanço da literatura - folclore e cultura popular: a descoberta das festas populares	19
A tradição dos estudos do folclore no Brasil	24
Uma história que eles contam para eles mesmos	32
As tradições da Epifania na Cidade do Rio de Janeiro	37
<b>2. A Folia na Mangueira</b>	41
O Universo da Pesquisa: a Mangueira e a Candelária	41
O Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira - Mangueira	48
A Candelária e a Folia	54
As Falias de Mangueira: o "giro" da Folia	62
<b>3. A Festa e a Memória da Festa</b>	68
A organização social das Falias de Mangueira	68
Festa do Remate na Candelária: Maio, 1981	77
A promessa: uma obrigação	82
As Falias de Mangueira: de duas se faz uma	83
O dono, o mestre, o palhaço: saber e poder	86
Minas, a festa e a memória da festa	91
<b>4. A Folia de Reis e as diversas instâncias de poder</b>	100
As Falias de Reis, a Igreja Católica e as religiões populares	100
A Folia de Reis e o poder público	110
<b>5. Considerações Finais</b>	120
O trabalho de campo. Reflexões para uma Antrop. Visual	120
Conclusão	123
<b>Bibliografia</b>	131
<b>Glossário</b>	138
<b>Anexo I</b>	
<b>AnexoII</b>	
<b>AnexoIII</b>	

## **AGRADECIMENTOS**

Do início da pesquisa à conclusão desta dissertação, passaram-se muitos anos. Com certeza, muitas foram as pessoas e instituições que, de uma maneira ou de outra, foram importantes para a produção deste trabalho. Seria impossível aqui incluir todas elas. Gostaria, no entanto, de explicitar alguns agradecimentos especiais.

A Gilberto Velho, orientador desta dissertação, devo um estímulo dificilmente encontrado nos meios acadêmicos. A disciplina que impõe aos seus orientandos, a atenção e o interesse que lhes dedica, e a disponibilidade com que acompanhou e discutiu cada etapa deste trabalho, devem ser destacadas. Agradeço ainda pela sua acolhida no meu retorno ao PPGAS, após vários anos, para finalizar esta dissertação.

Desde os tempos de graduação, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ, professores e colegas já me ouviam falar em Folias de Reis. Yvonne Maggie, mestra daquela época, acompanhou de perto todo o meu percurso, nas diversas pesquisas, projetos, discussões, trazendo, invariavelmente, contribuições fundamentais às minhas observações. A ela devo parte essencial de minha formação e um estímulo muito especial.

Agradeço aos professores e colegas do PPGAS, que, de diversas maneiras, contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço, em especial ao Prof. José Sergio Leite Lopes pelo estímulo constante e contribuições importantes à minha pesquisa enquanto aluna de cursos por ele ministrados. Quero mencionar também as colegas e amigas Rosane M. Prado e Clarice Peixoto .



Gostaria de fazer um agradecimento especial a Rubem César Fernandes. Fui sua aluna, nos cursos de Antropologia da Religião e, a seu convite, passei a integrar a equipe do Instituto de Estudos da Religião - Iser, a partir de 1980. Desenvolvi parte da minha pesquisa de campo durante esse período e desfrutei do convívio com pessoas fundamentais ao nível acadêmico e pessoal. Devo a Rubem Cesar um incentivo particular.

Lembro de minha participação no Grupo de Estudos de Catolicismo do Iser, de 1982 a 1987. A contribuição dos diversos colegas que integravam o grupo foi decisiva às minhas investigações. Beneficiei-me ainda de um certo apoio financeiro, que gostaria de agradecer. Quero mencionar também Cáscia Frade, com quem trabalhei nas primeiras pesquisas que acabaram por originar elementos para esta dissertação.

O Professor e amigo Carlos Rodrigues Brandão merece ser destacado. Vive no mundo das folias e das festas de santo, nas terras paulistas e das minas gerais. É, para mim, não só um interlocutor especial, como também responsável por parte significativa da bibliografia por mim consultada. Tanto a nível da sua produção quanto de indicação. Através de Brandão tomei conhecimento de uma produção que dificilmente teria acesso não fosse por seu entusiasmo e interesse que eu finalizasse minha dissertação.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos concedida pelo período de 1980-1982. No segundo semestre de 1991, participei como assistente de pesquisa do projeto dirigido pelo prof. Gilberto Velho: "Estudos comparativos de estilos de vida metropolitano" (Finep/F.Ford) - o que contribuiu para viabilizar a redação final desta dissertação.

Cecília Leal de Oliveira cuidou dos acabamentos gráficos desta dissertação, como capa, anexos e montagem. Agradeço sua presteza e boa vontade.

À minha mãe, Jannice Monte-Mór, devo indiscutivelmente parte de meu interesse pelo mundo das ciências humanas. Acompanhou, sempre de perto, minha trajetória acadêmica e profissional. Participou, de diversas maneiras, na finalização deste trabalho. Agradeço por tudo e, mais ainda, pelo trabalho de revisão do texto.

José Inacio Parente conheceu-me falando de Folia. Juntos, subimos a Mangueira várias vezes, para filmar os grupos de Reis. São dele as imagens em vídeo e fotográficas. Acompanhou-me em outras muitas viagens. Sem seu apoio, incentivo e paciência não teria sido viável para mim finalizar esta dissertação. Simplesmente agradecer o seu companheirismo e amor seria pouco.

Lourenço, que um dia quer ser "palhaço" de Folia, Luciana e Fabio souberam entender que, muitas vezes, não pude acompanhá-los por conta desta "responsabilidade".

Finalmente, agradeço às pessoas que integram as Folias de Reis, Mangedoura de Mangueira e Sagrada Família, do morro da Candelária, Mangueira que, por muitos anos, dividiram comigo parte da história das suas vidas, do seu mundo, me recebendo em suas casas e não se cansando em me ouvir perguntar e mais perguntar sobre a mesma coisa! Com elas, muito aprendi. Fica para toda a vida!

Gostaria de agradecer, em especial, a Altevero, um precioso informante e "palhaço" da Folia que, um dia, após algum tempo de ausência em campo, encontrei paralítico, vítima de um derrame.

Agradeço também a Celica e Astério: sua casa tornou-se a minha casa na Candelária.

A Geraldo Raimundo, meu principal informante, que se tornou amigo, devo agradecimento especial.

## INTRODUÇÃO

Hoje é o dia dos Santos Reis  
Anda meio esquecido  
Mas é o dia da festa  
dos Santos Reis

Eles chegam tocando,  
Sanfona e violão  
Seus pandeiros de fita  
carregam sempre na mão

Eles vão levando,  
Vão levando o que podem  
Se deixar com eles  
Eles levam até os bodes,

É os bodes da gente  
É os bodes da gente, méee!

Hoje é o dia dos Santos Reis, dia da festa!...

(Hoje é o dia dos Santos Reis. Música de Tim Maia)

O objetivo central desta dissertação é investigar, através do estudo de grupos de Folias de Reis, formas de sociabilidade e padrões de interação em camadas populares urbanas de nossa sociedade. O trabalho de campo foi feito basicamente no Morro da Mangueira - Candelária - zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Tradicionais das áreas rurais, difundindo-se especialmente pelos Estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de São Paulo e do Espírito Santo, os grupos de Folias de Reis, quando encontrados nos grandes centros urbanos, têm sido estudados enquanto "lembranças" do passado rural de seus integrantes, quase que como um cenário deslocado da complexa vida urbana, o que é reproduzido pelo discurso da grande imprensa.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> "É curioso que os jornais dão destaque justamente às folias que se apresentam, às vezes aos pedaços, dentro das grandes cidades: 'Uma família revive a Folia de Reis em (São Paulo)' Folha de São Paulo, 02-01-1978; 'Folia de Reis: uma tradição que o goianiense gosta', O Popular, 03-01-1976; 'O longo caminho dos Reis', Jornal do Brasil, 06-01-1977; 'Folias de Reis: quando a fé tem muito de Carnaval', O Globo, 15-01-1969." Brandão, 1982:53

Na letra da música citada, popularizada na voz de Tim Maia, na década de 70, esta idéia de existência frágil das Folias está presente: "Anda meio esquecido mas é o dia da festa dos Santos Reis."

No entanto, interessada num estudo sistemático sobre os referidos grupos, desde o ano de 1977, e toda a rede de outros mais com os quais os de Mangueira se relacionam pelos vários cantos da Cidade, tinha a impressão de que estas tradições seriam mais do que simples "lembranças da roça". Parecia recorrente a origem "mineira" dos foliões cariocas, e a marca da rede de parentesco, organizando o ritual. Seja na Mangueira, no Morro de Santa Marta, em Duque de Caxias, em Jacarepaguá, para citar alguns exemplos, grandes famílias extensas de migrantes mineiros formam o núcleo principal dos grupos de Folias de Reis que se organizam na Cidade hoje, para a peregrinação anual, à época do Natal.

Calçados, uniformizados, com instrumentos que dividem com o Bloco de Carnaval do seu bairro, com chapéus enfeitados em missangas coloridas ou flores plásticas, uma bandeira ou estandarte à frente, incluindo mulheres e, muitas vezes, iniciando sua jornada em terreiros de Umbanda, e terminando num animado forró, andando de ônibus ou trem, apresentando-se em palcos patrocinados pelos órgãos de cultura e turismo - assim vivem e se atualizam as Folias de Reis hoje, na cidade do Rio de Janeiro. São mais de 200 grupos cadastrados pelo Estado, e em torno de 80, no município<sup>2</sup>.

Assim, estou interessada, neste trabalho, em entender, em última instância, o que significa para operários, biscateiros, migrantes, cariocas, mineiros, moradores do morro, católicos, umbandistas, sambistas, enfim, uma ampla categoria de moradores da Cidade do Rio de Janeiro, fazer Folia de Reis. Na verdade, ao contrário do discurso que preconiza a 'decadência' das

---

<sup>2</sup> Ver Divisão de Folclore da SEEC-RJ e mapas em anexo. Castro & Couto 1962:13 referem-se à existência de grupos de Folias de Reis nos seguintes pontos da cidade, na década de 50: Gávea, Morros de Salgueiro, Formiga, Babilônia, Jacarezinho. Andaraí, Ilha do Governador, Vicente de Carvalho, Coelho Neto, Engenho Novo, Parada de Lucas; nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias.

manifestações tradicionais populares, especialmente quando 'transplantadas' para o meio urbano, as Folias de Reis parecem "vivas". Estou, portanto, interessada em desvendar que condições sociais permitem que se difundam na Cidade do Rio de Janeiro tais grupos - que desde o início do século já registra sua existência e relevância dentre as manifestações da cultura popular e da vida na Cidade.

Minha aproximação com os grupos de Folias de Reis faz parte já de minha história pessoal. Recebê-las, acompanhá-las, observá-las, gravar seus versos, conversar com seus participantes, era brincadeira da infância, quando em férias no interior do Estado do Rio, numa pequena localidade do Município de Vassouras. "Descobrí-las" no Rio de Janeiro, acabou por interessar-me por pesquisar mais sistematicamente e a refletir então sobre o mecanismo de tornar o "familiar" em "exótico" assim como proposto pelas discussões de Da Matta (1974) e Velho (1978) sobre o ofício do etnógrafo.

De início, participava da equipe da pesquisa patrocinada pela UNESCO, "Significado e funções da música do povo na educação", que visava repensar o ensino da educação artística no país, através de dados de um levantamento sobre cultura popular.<sup>3</sup> O universo da pesquisa de campo compreendia os Morros de Mangureira (zona norte) e Chapéu Mangureira (zona sul), os municípios de Duque de Caxias, Santo Antonio de Pádua, Parati e Angra dos Reis. Procedemos a um levantamento da "cultura popular" de tais regiões, com base nas orientações da pesquisa folclórica.

A pesquisa junto ao Morro de Mangureira estendeu-se por muitos meses (1976-1977), dada a complexidade da comunidade e os diferentes caminhos que tomamos na investigação. Gerou um filme, dirigido por Luiz Rosenberg

---

<sup>3</sup> Ver Conde, Cecília. "Para uma nova educação musical". In Arte & Educação, Sobreart, RJ, ano 6, n.21, set 77, pág13/14.

e, em meio àquela diversidade toda, num morro conhecido e cantado por sua famosa escola de Samba - a Estação Primeira de Mangueira - encontramos os grupos de Folias de Reis Mangedoura de Mangueira e Sagrada Família, organizados por moradores do morro, migrantes mineiros originários de uma mesma família extensa (ver diagrama em anexo). É neste contexto que minha aproximação mais sistemática com o tema ganha contorno.

O trabalho de campo e a organização dos dados, que resultaram nesta dissertação, realizaram-se de modo distinto, por período de tempo também diferenciado. Posso estabelecer três períodos diferentes para a pesquisa de campo, originando relatórios variados; e uma etapa final de retomada do material e reorganização das informações. Ora extendendo o universo da pesquisa à outras áreas da Cidade e mesmo do Estado, ora voltando a concentrar em Mangueira, ora extrapolando os limites geográficos mas seguindo as fronteiras rituais e conhecendo as Folias em Minas Gerais, muitos anos se passaram.

1. 1976-1977 - Período do projeto da Unesco: as Folias de Reis na Candelária, Morro de Mangueira, registradas no universo da cultura local por um grupo de pesquisadores do qual fazia parte. Através especialmente das lideranças dos grupos, gravamos entrevistas abertas variadas, histórias de vida e passamos a acompanhá-los em diversos momentos rituais significativos. Este período coincide com uma época muito ativa na área da cultura, em nível Estadual, de interesse pelo chamado "folclore" do Estado<sup>4</sup>.

Esta "descoberta" dos grupos de Mangueira, passava então a ser repartida com outros públicos que não aqueles tradicionais do ritual, nas "apresentações" em Universidades, praças públicas, cursos de folclore etc.

---

<sup>4</sup> Cáscia Frade, que coordenava a pesquisa, dirigia a Divisão de Folclore da SEEC do Rio de Janeiro.

2. 1980 -1985 - Período que inclui o meu ingresso no PPGAS <sup>5</sup> (1980 e minha vinculação a diversas instituições de cultura e pesquisa (como Iser, Funarte)<sup>6</sup>, levando-me a diferentes etapas de trabalho de campo. É deste período a etnografia mais densa sobre os grupos e o ritual. Neste contexto, valorizei o "caderno de campo", passando a registrar sistematicamente minhas observações, assim como a documentação visual, através da fotografia e do vídeo.

Embora sendo os grupos de Mangueira o eixo principal de minhas investigações, passei a acompanhar mais de perto esta rede de grupos de Folia existente na Cidade do Rio de Janeiro.

Particpei de inúmeras "Festas de Remate" de Folias espalhadas pela Cidade. Acompanhei os grupos em diversas apresentações públicas. Na Candelária, Mangueira, visitei casas de foliões, comparecí a outras festividades de seu cotidiano que não aquelas vinculadas ao ritual da Folia: festas de aniversário, Primeira Comunhão, 15 anos, ensaios de Blocos e da Escola de Samba, reunião de Associação de Moradores, de grupos "jovem" da Igreja Católica, de forró de sábado à noite.

Junto com alguns moradores-foliões, organizamos uma mostra do filme referido anteriormente, produzido no período 76-77, na Associação de Moradores da Candelária - AMOC - aberta a toda a comunidade.

Pesquisei ainda dentro da Companhia de Cerâmica Brasileira - CCB - indústria localizada à entrada do morro, guiada pelo "encarregado" Altevero, "palhaço" da Mangueira, lá encontrando muitos foliões enquanto operários.

---

<sup>5</sup> Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

<sup>6</sup> Instituto de Estudos da Religião e Fundação Nacional de Arte.



Vários trabalhos de curso para o PPGAS foram gerados a partir destes dados, assim como relatórios de pesquisa encaminhados a projetos vinculados ao Iser e à Funarte<sup>7</sup>. Neste período, já me preocupava em produzir material visual que acompanhasse as investigações. Slides, fotografias em papel e a documentação em vídeo, passaram a fazer parte fundamental do meu interesse e registro, especialmente a partir de 1982, iniciada nesta linguagem por José Inacio Parente com quem passei a compartilhar a maior parte das minhas idas em campo<sup>8</sup>. As imagens em vídeo foram gravadas por José Inacio, durante dias e noites na Mangueira e em Minas Gerais - para onde nos dirigimos numa festa de Reis, seguindo o roteiro da viagem dos foliões que hoje vivem em Mangueira, guiados por um de seus principais integrantes e meu informante privilegiado: Geraldo Raimundo. No retorno, as imagens gravadas em Minas foram exibidas para a platéia dos foliões da Candelária, que identificavam pessoas, comportamentos, mudanças rituais, e deste processo de interação muito enriqueceu minha observação.

3. 1987-1988 - A retomada da pesquisa passou a ser concentrada numa preocupação de história social, de memória da Mangueira e sua formação, no contexto da história da Cidade do Rio de Janeiro. A partir de minha inserção em outros projetos, e inúmeras leituras sobre a Cidade e o início do século, passei a orientar as investigações buscando identificar a trajetória dos grupos de Reis na Cidade e a bibliografia básica sobre o tema. Voltei a entrevistar informantes que julguei fundamentais, levantei material quantitativo (mapas, registros de grupos) e contei com a participação de uma estagiária, por um curto período, dentro de um projeto de pesquisa do Iser, a que me encontrava vinculada<sup>9</sup>.

4. 1991-1992 - Esta última etapa refere-se à organização final dos dados, com

---

<sup>7</sup> Ver bibliografia.

<sup>8</sup> A partir deste contexto, passamos a trabalhar juntos e fizemos algumas reflexões sobre o trabalho conjunto do antropólogo e do cineasta. Ver Monte-Mór, 1987.

<sup>9</sup> Grupo de Estudos do Catolicismo.

o objetivo de terminar a redação da dissertação. Retomei a literatura sobre o tema, atualizando a bibliografia e as discussões teóricas.

Propositamente não voltei em campo. Embora saiba que muito tenha mudado na história dos foliões da Candelária - preciosos informantes morreram, outros tornaram-se inválidos, outros cresceram ou se mudaram, o número de habitantes do morro aumentou significativamente - as Falias continuam lá, fazendo a sua jornada. Reproduzindo, no entanto, o discurso corrente, os foliões estão sempre se referindo à fragilidade dos grupos de Reis e apontando para os fatores supostamente responsáveis pelo seu "decílio":

*Agora, com a morte de Beja não dá mais..."(Geraldo, 1982)*

*Agora, aqui, só saio acompanhando. Morreu a mulher do Teixeira. Ele não quer mais ficar com a Folia. O Simplício diz que fica... Eu só saio em Folia em Minas ..."(Geraldo, 1992)*

É nesta tensão que os foliões passam o ano discutindo a reorganização da Folia, para, ao final, conseguirem fazer a sua "saída".

A Associação de Moradores da Candelária é notícia hoje nos jornais, através da realização dos bailes na sua sede: se antes a moda era o "funk", agora é pela mania do "sambalanço"<sup>10</sup>.

Conforme já citei anteriormente, é interessante chamar a atenção para o registro visual, nesta pesquisa. Muito já se falou, nas introduções a diversas monografias, sobre o uso do gravador e da câmera fotográfica, como facilitando a aceitação do pesquisador em seu universo de pesquisa. O vídeo trás a possibilidade da pronta visão da imagem, por parte do grupo estudado, o que parece reforçar esta questão. De início, embora em sua versão mínima, o equipamento que carregávamos parecia causar um certo transtorno em nosso trabalho na Candelária - a presença da câmera, a busca

---

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, Caderno B, 22.02.1992.

de tomadas, luzes fortes, extensões, fios atravessando. Por outro lado, num segundo momento, a possibilidade de se ver na tela, de sugerir abordagens e entrevistas e de estar junto à equipe associada frequentemente à de televisão, resultava numa interação significativa. Muitos dos dados por mim registrados, falas, depoimentos e detalhes do universo pesquisado, foram por vezes percebidos, num momento posterior à pesquisa - quando, em casa, fazia o exame do material gravado. Essas observações constituem-se de particular interessante para o debate em torno do que seja uma Antropologia Visual. Deste trabalho, elaborei e produzi um vídeo. Apresento assim, nesta dissertação, dois textos: um escrito e um visual. Independentes, mas complementares.

Faço, no primeiro capítulo, um balanço da bibliografia sobre cultura popular e folclore, buscando responder a pergunta "O que é Folia de Reis". Partindo dos relatos da História da cultura popular na Europa sobre as tradições das festas populares de Natal, Epifania e Carnaval (Bakhtin, 1968; Burke 1989 e outros), busquei as primeiras referências a essas tradições na literatura e na tradição acadêmica brasileira e especialmente no âmbito da história da Cidade do Rio de Janeiro, visando contextualizar o universo em que se insere minha pesquisa.

O segundo capítulo é uma etnografia do Morro de Mangueira, destacando a Candelária, região do morro onde se organizam os dois grupos rituais de Mangueira e vivem os foliões.

No capítulo três, descrevo a organização social das Falias na Candelária, aponto para as questões relativas à "identidade regional" e à "memória social", descrevendo a "festa" na Cidade e a "memória da festa", na roça.

No último capítulo vou tratar da Folia articulando as diversas instâncias do poder: a Igreja, o Poder Público, a Cultura, o Turismo. Nas Considerações Finais retomo a questão da Antropologia Visual aqui apontada.

## CAPITULO I

### O QUE É FOLIA DE REIS :

"O difícil da folia é entender o que é a Santa Folia. Nenhum mestre de Folia sabe explicar o que é a Santa Folia. Folia de Reis é uma coisa muito tradicional, de muitos anos. E foram os Três Reis que saíram do Oriente prá Belém e nessa trajetória deles em viagem, passaram pela casa de Herodes, que é o Rei desse país lá que Jesus nasceu, a Judéia. Então eles saíram seguindo uma estrela Oriente e essa estrela já anunciava prá eles. Eles eram antigos, homens que estudavam muito e sabiam mais ou menos que Jesus havia de nascer. Eles não tinham a data e então quando nasceu em Belém, a estrêla anunciou. Tanto que nós temos na nossa bandeira uma estrêla. Então essa estrela é que guiou eles até a gruta de Belém, onde Jesus nasceu." (Altevero, Mestre palhaço da Folia Mangedoura de Mangueira,/RJ).

Para atores sociais, foliões envolvidos na prática da sua tradição de "fazer folia", o difícil da Folia não é entender: "nenhum mestre sabe explicar". Porque explicar pressupõe um interlocutor que não entende, não participa, não conhece os códigos do ritual. É uma vida de trocas e saberes, que vão se transmitindo de geração a geração. Um imenso fabulário, baseado na História Sagrada, Vida dos Santos, Romances populares, transmitidos por um saber oral ou por inscrições em antigos cadernos, passados de pai para filho, refaz as dramatizações medievais de contar a vida dos santos, uma verdadeira saga dos Três Reis, que hoje se atualiza na prática do ritual das Falias de Reis.

Encontramos somente em Mateus (2,1-22) um pequeno trecho sobre a visita dos Magos a Belém.<sup>1</sup> A partir daí, toda uma recriação é feita. Entre os livros consultados pelos antigos foliões, foi-nos citado "O Mártir do Gólgota" que, sugestivamente, um dono de folia me informava ser obra de origem "egípcia"<sup>2</sup>. No livro terceiro (Os Peregrinos do Oriente) e quarto (Caminho do Egito) do volume I, encontramos narrada toda a estória da viagem e adoração dos Magos ao "Menino Jesus." Parece, no entanto, que somente com Beda, o Venerável (uma das grandes personalidades da igreja anglo-saxônica no princípio do século VIII, que escreveu História Eclesiástica da Nação Inglesa) é que se chegou a falar no número e no nome dos Magos que visitaram Belém. "São chamados Reis Magos, ou Santos Reis, embora o

---

1 Adoração dos Magos.1 Nascido Jesus em belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns Magos, vindos do Oriente,2 que perguntaram:"Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? pois vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo". 3Ao ouvir isto, o rei Herodes perturbou-se e toda Jerusalém com ele,4 e, convocados todos os grão-sacerdotes e os escribas do povo, informou-se deles onde havia de nascer o Messias.5Responderam-lhe eles: "Em Belém da Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta:6"E tu, Belém, terra de Judá, já não és a mais pequena entre as principais cidades de Judá, porque de ti há de sair um Príncipe que há de reger o meu povo, Israel". 7 Então Herodes, tendo chamado secretamente os magos, procurou saber deles, com exatidão, o tempo em que a estrela lhes tinha aparecido, 8 e, enviando-os a Belém, disse-lhes:"Ide e informai-vos diligentemente do menino e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me para eu ir também adorá-lo". 9 Os magos, depois de ouvirem o rei, partiram. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles até que parou sobre o lugar onde estava o menino.10.Ao verem a estrela, sentiram grandíssima alegria.11E, tendo entrado na casa, viram o Menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se o adoraram. Em seguida, abriram os seus escrínios e ofereceram-lhe como presente:ouro, incenso e mirra.12Tendo depois recebido aviso superior, em sonho, de não regressarem à presença de Herodes, voltaram por outro caminho, para sua terra.

2 Encontrei uma edição, em dois volumes, da obra citada com o subtítulo:Tradições do Oriente. Trata-se de uma edição portuguesa, da década de 40, de autoria de Henrique Perez Escrich. Carlos Brandão (1980:61nota13) fala de livros também citados por seus informantes praticantes da dança de São Gonçalo; "um deles reclamava durante uma função de São Gonçalo, haver esquecido o seu Manual do devoto, de onde saberia "tirar rezas mais bonitas". Um outro me fez encomendas de livros antigos, hoje muito raros, e manuais de cuja existência tenho algumas dúvidas: Horas Marianas, Livro do Devoto e Livro de Bólgotas". Acredito que o último seja , o " Martir de Golgota"; ver bibliografia.

relato bíblico não se refira a isso nem ao número deles"(ver Grande Enciclopédia Delta Larousse,7:4192,1970)<sup>3</sup>

Várias são as categorias associadas pelos foliões à tentativa de explicação de "Folia de Reis":

"Folia de Reis **não tem mulher folião**. Nem pode. **Acompanhar pode**, agora botar roupa de folia e coroa na cabeça, não".

"Folia de Reis é **só homem**".

"Folia de Reis **é uma só, desde que começou é uma só**. O essencial da Folia é o **nascimento de Cristo**. Tem o Novo, o Velho testamento, mas o nascimento é um só. O que modifica são os donativos, porque tem muitas profecias: o martírio de São João, de São Jorge, a Série Sagrada, a Virgem Senhora. O mestre tem que ter tudo **decorado**, porque tem que ser **o que está na Escritura**."

"O Reis não pode ser improvisado, porque **não é cordel**. A parte de cordel é a parte do palhaço(...) A Folia é **sempre igual, muda só a toada**. **É igual a missa**, às vezes um pronuncia a frase de um jeito, outro de outro, mas o nascimento é um só.

Hoje em dia a Folia tá mais **é a parte comercial**, é da **cantoria das casas**. Quanto mais casas a gente cantar, tem mais oferta prá poder fazer a festa no fim do ano para os foliões."

"Quem quiser saber o que é Folia? **Folia é bincadeira**. Você tem que **reunir aqueles companheiros**, não pode nenhum ter raiva do outro. Porque você sai com a Folia, como manda nas Escrituras. **Folia de Reis é religião!**"

Entre o Novo e o Velho Testamento; o que é decorado e o que é improvisado; as Sagradas Escrituras - uma só, e as várias toadas; a

---

<sup>3</sup> "Os Reis são 4. Um foi expulso pela lei de Deus, que praticou o adultério, e com a irmã. Rei preto é o mais rico. É por causa disso que eu sou um preto abusado, é que eu sou da parte do Merquior, Merquinho!. Gaspar, mais inteligente..."(Malagueta/Jorge, palhaço de Folia da Mangueira)

cantoria das casas - a parte comercial, dos donativos, e a Folia-religião; a reunião dos companheiros, a brincadeira, e as tensões ; os homens e as mulheres, neste universo os grupos de Folia atualizam a cada ano a sua forma de festejar o Natal, a sua própria saga, "reproduzindo a viagem dos Reis Magos a Belém.". Ao mesmo tempo que se definem enquanto "a representação dos soldados de Herodes, em número de 12, por isso a Folia certa tem 12 foliões", podem ser "os Apóstolos, em número de 12", ou fazem "a vez **do Reis**, na viagem deles a Belém". "**Do Reis**, que é um, mas são três", conforme o depoimento de um informante. É comum a referência no singular aos Três Reis Magos, no universo dos foliões.

**Folia**, ao mesmo tempo que identifica um grupo ritual que se organiza em **foliões** (mestres, contra-mestres, tocadores) e **palhaços**, reproduzindo a viagem dos três Reis a Belém: **as Falias de Reis**; também define a parte "sagrada"do ritual, das profecias, da bandeira, do devoto; em oposição ao "profano", do palhaço: dos versos improvisados - as chulas - dos malabarismos e acrobacias, da música barulhenta, da fantasia, da máscara : "o cão, o tranca Rua, o exu". **A Folia** , pode estar definindo o grupo completo: **foliões e palhaços**; mas também a **Folia em oposição ao palhaço**: "a vez da folia, a vez do palhaço"em referência ao tempo ritual de cada um. Nesta medida, o conceito de **Folia** estaria em oposição ao significado corrente na língua: **folgança ruidosa, pândega** \* .

Um balanço da Literatura - folclore e cultura popular:

A descoberta das festas populares:

---

\* Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Dicionário da Língua Portuguesa. RJ, Nova Fronteira, 1977.

"Os autos e cheganças da Noite de Natal remontam ao alvorecer da Idade Média, época em que os natais - produções em verso destinadas a celebrar o nascimento de Jesus - confundiam-se com as composições sagradas; e em que os trovadores e menestrelis, seguindo as procissões solenes, os iam exhibir nas lapinhas, em visita ao Messias no presepe de Belém. Então, esses personagens, vestidos de pastores e reis Magos, dedilhando as cordas de seus instrumentos, representavam os seus "mistérios"diante do berço de palha do Messias das nações".<sup>4</sup>

Dentre as festas religiosas tradicionais desde a Idade Média, citadas nos relatos dos pesquisadores (ver Bakhtin 1968, Burke 1989, Davis 1990), a Vida dos Santos, a Epifania, e os 12 dias após o Natal, aparecem, junto ao Carnaval, dentre as mais significativas, ao nível da vida popular.

A Festa dos Bobos, do mundo medieval, na análise de Bakhtin (1968), que parte da obra de Rabelais para seu brilhante trabalho, é vista como uma paródia do culto oficial, com mascarados e "danças impróprias". Tais celebrações eram feitas por clérigos com baixa posição na hierarquia, especialmente no Ano Novo e na Epifania. O autor via, na Festa dos Bobos, uma "degradação grotesca"dos vários rituais de Igreja e seus símbolos. Tais rituais transferiam-se para o nível corporal:comilança e bebedeira na mesa do altar, gestos indecentes, etc. Bobeira, folia e riso"era o que vigorava, em oposição ao ritual cristão e à hierarquia da Igreja. Nesta abordagem , o oficial e o riso popular se conjugam, e fazem a festa, a festa popular.

Os temas dos ciclos de Páscoa e de Natal serviam de polo atrativo para o teatro Medieval, que nasceu da encenação, nas igrejas - de textos litúrgicos.

---

<sup>4</sup> Mello Morais Filho, 1979:46-47



Para Burke (1989:51) a participação das "classes altas na cultura popular", era um fenômeno importante na vida européia, visível nas festividades. Nesta medida, o autor propõe o conceito de "negociação" para se entender esta interação. Faz assim uma crítica ao modelo de Redfield do conceito de cultura, explicado em termos de Grande Tradição e Pequena Tradição (op. cit.) Para Burke, essas duas tradições interagiam: um tema determinado ia e voltava entre as duas tradições, ao longo dos séculos (1989:88)." Existem interações entre cultura erudita e popular" e cita Rabelais para se justificar, - por ter tido como fonte de sua obra, a cultura popular. Entre as "duas tradições", no entanto, estaria a "cultura de folhetos, dos semiletrados, mediadora ", objeto de suas preocupações.

Assim, as festas das Cortes muitas vezes ocorriam na mesma época das festas populares, como o Carnaval e os doze dias de Natal. "Ao longo do século XVI as festas das cortes tornaram-se mais privadas, elaboradas e formais. Usavam mais acessórios, desenvolveram uma unidade temática e vieram a exigir organizadores profissionais, como o Mestre de Folias, na Inglaterra. O mascaramento informal se converteu na máscara formal. As festas das cortes continuaram a trazer as marcas de suas origens populares".(Burke 1989:89).

O "saber e os costumes populares" foram, durante anos, objeto privilegiado dos especialistas do Folclore que, desde o século passado vinham se interessando por sua pesquisa e registro no Brasil. Este interesse fazia parte de um movimento mais amplo, em nível da história do pensamento ocidental. No final do século 18 e início do século 19, na Europa, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, é que o "povo"(folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais que

buscavam equivalentes populares da música, da arte, da literatura, então entendidas como "cultura". Peter Burke reconhece que a cultura popular foi praticamente "inventada" por estes intelectuais, os folcloristas do século XIX. Sem eles, seria "impossível reconstituir a cultura popular da Europa moderna até o século XIX". São, portanto, considerados fonte privilegiada para os estudos da problemática que formularam.<sup>5</sup>

Na segunda metade do século 19, início do século XX, encontramos no Brasil representantes importantes deste movimento, destacando-se, entre outros, Celso Magalhães (1879) e Silvio Romero (1897), que se interessaram mais especificamente pela literatura popular. Preocupados em definir o seu campo de pesquisa, os autores europeus, aos quais acompanham os brasileiros, de início seguem as formulações sobre a disciplina feita pelo inglês William John Thoms. Em 1846, endereçou carta à revista The Atheneum, de Londres, com a principal finalidade de pedir apoio para um levantamento de dados sobre usos, tradições, lendas e baladas regionais da Inglaterra: "as antiguidades populares ou literatura popular - embora seja mais precisamente um saber popular do que uma literatura e que poderia ser com mais propriedade designado com uma boa palavra anglosaxônica: *folklore* - o saber tradicional do povo." <sup>6</sup> Estes estudos estiveram constantemente vinculados à idéia de construção de uma identidade nacional, especialmente nos países da Europa, sendo que no Brasil, na segunda metade do século atual, quando ganha corpo, se institucionaliza dentro deste mesmo quadro do nacionalismo.

---

<sup>5</sup> Burke 1989:25-26,30.

<sup>6</sup> Lima, 1972:9

O interesse pelos diversos tipos de literatura tradicional, em fins do século 18, fazia parte do movimento amplo na Europa de *descoberta do povo*. Nas descrições dos "viajantes e cronistas", esta nova atitude em relação ao povo é notada, quando seus relatos não mais se prendiam a ruínas antigas, mas incluíam maneiras e costumes, festas e tradições: Saint-Hilaire (1975), que viajava por Mato Grosso no ano de 1819, numa de suas crônicas, descreve o seu encontro com uma Folia, como "um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte, outro um violão e, um terceiro, um tambor."<sup>7</sup>

Houve em seguida a "*descoberta da religião popular...* Houve ainda a *descoberta das Festas populares*".<sup>8</sup> Na cultura popular europeia tradicional, o tipo de cenário mais importante era a *feira*: Feiras de família, como casamentos; de comunidade, como a festa do santo padroeiro de uma cidade ou paróquia; feiras anuais comuns a muitos europeus, como a Páscoa, o Primeiro de Maio, o Solstício de Verão, os Doze dias de Natal, o Ano Novo e o dia de Reis, por fim o Carnaval. O lugar da festa na sociedade tradicional estava em oposição ao cotidiano. Era uma época de desperdício, ocasião especial, simbolizada nas roupas que o povo usava para dela participar - as melhores. (Burke 1989:202) As pessoas contavam o tempo pelas grandes feiras, um tempo cíclico.

Como o Carnaval, os "Doze dias de Natal" era grande ocasião de se comer e beber, espaço para a encenação de peças e "desgoverno" de vários tipos. Na Inglaterra, era hábito encenar peças que podiam incluir casamentos

---

<sup>7</sup> Saint-Hilaire, Auguste. 1975

<sup>8</sup> Burke, 1989:34

simulados, na primeira 2a. feira a contar do "dia de Reis". Na Itália, a Epifania era personificada como uma "bruxa velha", parecida com a da Quaresma. Um relato alemão do século XVII descreve que determinadas pessoas recebiam autorização do patriarca para correr as ruas com fogos de artifícios especiais, "por um período de 8 dias antes do Natal até o dia dos três Reis Magos... Andavam vestidos como foliões de Carnaval, com chapéus de madeira pintada na cabeça"<sup>9</sup>.

É interessante frisar que falar de festas, festas populares, tanto na Idade Média quanto na Idade Moderna, na Europa, é falar de Carnaval e Natal - os Doze dias do Natal, a Epifania; o Carnaval: duas faces de uma mesma moeda, que no entanto guardam claras oposições.

Relacionando estas observações e análises à nossa pesquisa de campo, no Morro de Mangueira, Natal e Carnaval também fazem parte de um mesmo contexto, de um mesmo universo, que se diferenciam e se complementam: folião de Reis, folião de Carnaval. Essa associação também é apontada nos primeiros relatos e descrições dos festejos de Reis no Brasil, o que será objeto de discussão ainda neste capítulo.

#### A tradição dos estudos de folclore no Brasil:

No Brasil, os autores que se destacam, a partir da segunda metade do século passado, seguem as orientações da disciplina do folclore para tudo o que dizia respeito às "antiguidades populares", com interesse especial pela

---

<sup>9</sup> Op.Cit 1989:217

literatura popular. Na década de 20, Amadeu Amaral faz uma crítica a esses trabalhos anteriores, trazendo uma visão bastante atual das criações populares: "Os fatos, conforme nota Van Gennep, não se apresentam como superfícies, mas como volumes, o que quer dizer que têm várias faces. Os observadores geralmente os encaram por uma só face descurando as demais, muitas vezes como se não existissem"<sup>10</sup>. A partir de então iniciam-se sociedades diversas, vinculadas aos nomes de destaque nesse campo intelectual, e inúmeros trabalhos foram produzidos por tais especialistas: de Mello Moraes Filho a Mario de Andrade, passando por Amadeu Amaral, Silvio Romero, Câmara Cascudo, Nina Rodrigues, Joaquim Ribeiro, Edison Carneiro, entre outros. Segundo Vilhena,(1991) numa certa medida, segue-se a tradição dos estudos folclóricos europeus, que poderia ser definida como "o colecionismo diletante do antiquário"(Ortiz, 1985) combinada com o "populismo nacionalista dos românticos" (Cavalcanti, 1988) acrescida das "exigências de cientificidade que os folcloristas reivindicavam constantemente para seus estudos".(Vilhena, Op.Cit.)

Para Edison Carneiro (1962), a evolução dos estudos do folclore no Brasil é descrita como um esforço para substituir então as tendências literárias e diletantes por uma orientação científica rigorosa, na qual Amadeu Amaral e Mario de Andrade poderiam ser considerados pioneiros. Em 1947, criava-se no Brasil, por iniciativa de Renato Almeida, no âmbito do Ministério das Relações Exteriores, a Comissão Nacional do Folclore (CNFL), tornando-se a década seguinte um marco neste processo. Realizou-se em agosto de 1951, no Rio de Janeiro, o I Congresso Brasileiro de Folclore, com o objetivo de formulação de conceitos e definições do objeto do folclore, em termos

---

<sup>10</sup> Ver Carneiro, 1962:50

brasileiros, que na própria definição do conceito já trazia uma ambiguidade: Folclore ao mesmo tempo identificando um conjunto de pesquisas e o seu objeto. É deste período a Carta do Folclore Brasileiro, roteiro de ação a partir das decisões do I Congresso.

"Constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir, agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pelas imitações, que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica".

Não seria exagero afirmar uma predileção pelo estudo dos chamados "folguedos populares", já estudados por Mario de Andrade enquanto "danças dramáticas", como se verifica nas recomendações feitas pela Comissão de Folclore, responsável pela organização dos Congressos Nacionais (Carneiro, 1965).

- a) recomendou a preparação do calendário folclórico;
- b) tentou, para alguns estados, o mapa dos folguedos;
- c) obteve, com o IBGE, o levantamento geral da ocorrência deles no território brasileiro.

No ano de 1950, Renato Almeida publica um artigo sobre Folguedos Populares no Brasil ( Boletim da Subcomissão Espiritosantense de Folclore, Ano I, Vitória, Março, abril, maio 1950, n.5) no qual chama a atenção para os esforços da Comissão Nacional do Folclore (CNFL) em "salvaguardar o imenso patrimônio cultural" representado pelas artes populares, "espelho da alma coletiva da nacionalidade" em que os folguedos populares se destacam enquanto síntese deste patrimônio, que deve ser "preservado". O

necessário, segue o autor, "é defender o patrimônio tradicional pelo seu sentido nacionalista, pela sua significação histórica, pela continuidade protetora".

De certa forma, a idéia da busca de valores que caracterizem uma identidade nacional está aí presente, na medida em que nos parece ser possível uma interpretação de que os **folguedos** possam apresentar maior capacidade de absorver as influências não européias de nossa cultura, ou mesmo , a partir delas, produzir manifestações genuinamente brasileiras:

"Uma das manifestações mais características da música popular brasileira são as nossas danças-dramáticas. Nisso o povo brasileiro evoluciona bem sobre as raças que nos originaram e as outras formações nacionais da América."<sup>11</sup> .

Renato Almeida <sup>12</sup> faz um elogio à capacidade "dinâmica" das nossas tradições, também em torno da dança:

"De um modo geral, podemos dizer que as formas mais mestiçadas e com maior capacidade de aglutinar novos elementos são mais duradouras. A dança por exemplo. Não temos um tipo de dança brasileira, mas um modo brasileiro de dançar, que vai criando nas cidades várias modalidades, com uma interminável variedade rítmica. Já os romances tradicionais vão se arcaizando... "

O II Congresso Brasileiro de Folclore realizou-se em Curitiba, no ano de 1953 com os "folguedos populares" como tema preferencial, definido enquanto designando "todo fato folclórico dramático, coletivo e com estruturação"<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Andrade, 1982:23

<sup>12</sup> Almeida, 1953:339

Classificadas como "cortejos", dentro da "Lúdica Popular", segundo Carneiro (1955), ao lado das Escolas de Samba, as Folias de Reis são também classificadas como "folguedos", na nomenclatura da época. Em seu artigo do ano de 1957, intitulado "Folguedo Popular" Carneiro (1965) preocupado em "restaurar o folclore", vai encaminhar sugestões à Comissão Nacional de Folclore em torno da "proteção aos folguedos existentes e da restauração dos folguedos desaparecidos ou em decadência." Acreditava o autor que "a simples apresentação do folguedo revigora, pois, os costumes que formam a sua moldura natural", e assim exemplifica: "as mães fantasiavam os filhos menores de acordo com o figurino do folguedo - **de folião de Reis, em Caxias**, de brincante do Bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão, de marujas em Bragança, Pará. ...**o folguedo reforça o instinto de coesão do povo.**"(Op. Cit.114-116).

É interessante notar que é deste período a bibliografia mais densa sobre as Folias de Reis, por nós encontrada, seja em artigos de Jornais, resultados de pesquisas, livros publicados e outros relatos. ( Ver bibliografia).

Em 1949, Alceu Maynard Araújo publicava, na Separata da Revista do Museu Paulista, um artigo sobre "Folia de Reis de Cunha", parte de sua pesquisa - "estudo de comunidade" - sobre a referida comunidade rural paulista. No ano de 1952, a escritora Rachel de Queiróz publicava em dois periódicos cariocas A Tribuna e O Diário de Notícias, artigos sobre "a Folia dos Santos Reis".Em 1953, Edison Carneiro, com o pseudônimo de Carlos Antonio,

---

<sup>13</sup> Lima, 1972:121-122



publica no Jornal carioca Última Hora um artigo sobre as Folias de Reis no Rio de Janeiro, enquanto uma "diversão" do campo que o êxodo rural está trazendo para as cidades. Na Revista Manchete, o tema, assinado por Solano Trindade era notícia em 1954; em 1955, Edison Carneiro escreve novamente, desta vez para o Diário de Notícias sobre as Folias de Reis, como "elementos novos no folclore carioca" e em 1957, Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto publicam os primeiros de uma série de artigos sobre as Folias, a partir de pesquisas que vão empreender sobre o tema durante os anos seguintes, no então Estado da Guanabara. Registram um sem-número de Folias, apontam para a recorrência de migrantes do estado de Minas Gerais na liderança das Folias e para a "influência de macumba e espiritismo" nas folias da cidade (1962:63). Fazem incluir na publicação de 1962 um mapa, localizando as Folias de Reis na Guanabara entre os anos de 1952-1954. (Ver em anexo reprodução deste mapa).

Em 1958, um artigo de Francisco Manoel Brandão, publicado no Diário de Notícias, trás o título: Folia de Reis - Censura e Política, citando o "reaparecimento" das Folias, com o apoio dos intelectuais e a perseguição da polícia, "alheia aos interesses culturais".

Em 1966, Edison Carneiro associa a existência das Folias "vivas" na Guanabara como decorrência direta do êxodo rural, "resultado longínquo das alterações da vida econômica produzida pela revolução de 1930".

Na década de 30 Claude Levi-Strauss chegava ao Brasil como professor de Sociologia, assim como chegaram diversos outros mestres, contratados pela recém-criada Universidade de São Paulo (ver Soares, 1983). Acompanhava-o sua esposa Dina Levi-Strauss, professora, como ele, da Universidade de Paris. Em 1939 Mario de Andrade já se interessava pela

aproximação dos estudos de folclore com a Universidade e com os estudiosos estrangeiros que ela aglutinava. Buscava tratar o folclore enquanto "matéria científica, indicando os perigos das visões apriorísticas à realização de pesquisas..."(Ver Op.Cit.). Durante sua gestão enquanto diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, entre 1935-1938, fundou a Sociedade de Etnografia e Folclore, de São Paulo, em 1937, sendo o presidente, e tendo Dina Levi-Strauss como secretária.<sup>14</sup> Quando um modelo acadêmico de Ciências Sociais começa a consolidar-se, Edison Carneiro "irá polemizar com aqueles que estão na linha de frente deste processo, o grupo paulista que rejeita a cientificidade do folclore"<sup>15</sup>. Os chamados "estudos de comunidade", entre eles as pesquisas de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1958), Emílio Willems (1961), Antonio Cândido (1964), são marcas essenciais na introdução da antropologia e da sociologia como "método adequado ao folclore".

Seja do ponto de vista jornalístico- informativo, seja do ponto de vista dos pesquisadores da ciência do folclore - a tônica da literatura deste período é o "desamparo" em que se encontram as "vivências populares", necessitando "proteção", "amparo", função que deve ser desempenhada pelo Estado.

No tocante à bibliografia mais específica sobre as Folias de Reis, o que se privilegia é a descrição dos grupos de Folia através dos itens que os caracterizavam, como vestimentas, músicas, instrumentos, personagens, datas, localidades de "giro". A questão fundamental destas descrições continua a ser o maior ou menor grau de vitalidade dos grupos, utilizando

---

<sup>14</sup> Ver Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, 1983.

<sup>15</sup> Vilhena1991:11 Os folcloristas buscam neste período, com obsessão, o status de "cientificidade"para seus estudos e Mario de Andrade será o pioneiro neste esforço: defende uma "cultura científica" em oposição ao amadorismo reinante

sempre as categorias: **morrendo, desaparecendo, ressurgindo , vivas, passado, lembrança** para falar destes rituais. O que nos chama atenção é o fato de que esta mesma abordagem é encontrada tanto nos relatos desde o início do século quanto em produções acadêmicas dos anos recentes.

O País, periódico circulando no Rio de Janeiro, em 1. de Janeiro de 1907, noticia a organização de um rancho de Reis; "ressuscitado" por um intelectual: "Este ano o número de presepes e de reisados e bailes pastoris aumentou; e se nem todos se destacaram de modo a merecer referências especiais é justamente porque eles se disseminam mais, tornando-se mais comuns, ganhando em normalidade o quanto conquistaram em número. Já não se destacam os presepes; mas se acentua bem que eles **voltaram** vitoriosamente aos nossos costumes. Dos ranchos de Reis que anteontem saíram à rua, é dever ressaltar o do Dr. Melo Moraes Filho, porque este foi a célula geradora desta **ressurreição**." Ainda à época do Império, o mesmo Mello Moraes fala da "decadência" e preconiza a morte das práticas da cultura popular - discurso que se repete no decorrer do século.

Descrevendo os festejos das "vésperas de Natal" na Bahia, o autor diz: "...É que vamos sendo pacificamente reconquistados...E a árvore das nossas tradições, cuja sombra alongava-se por todo o país, sopro de inverno prematuro, despe-lhe as folhas e a impele para o **aniquilamento**... Ainda um instante amparando-a na sua **queda**, assistimos a uma "véspera de Reis" em nossa província. (1979:57).

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão tem-se destacado na produção de pesquisas sobre a cultura popular, nos últimos anos, sendo que as Folias de Reis ocupam parte significativa de sua produção. O autor, no entanto,

manifesta-se preocupado com a "sobrevivência" dos grupos, discutindo a sua vitalidade na estrutura social camponesa e a sua desagregação no meio urbano. Desde os primeiros estudos de "folclore" na produção brasileira, aquilo que se descreve, se relata, é o que se quer preservar; associando as manifestações da cultura popular a "coisas do passado, lembranças, memórias, reconstruções" . Para Brandão (1982), a existência de grupos rituais, como as Folias, nos grandes centros urbanos, não é mais que "reconstruções aos pedaços, de partes do mundo deixado na roça."

Esta polêmica segue até hoje, quando o termo "folclore" - amplamente utilizado na linguagem coloquial - acaba por designar, coisas do passado, o exótico, o pitoresco, ou mesmo o que não tem sentido.<sup>16</sup> Nesta medida, as noções de cultura, ritual, identidade, reciprocidade, memória, entre outras, conforme formuladas pela antropologia e pela sociologia, nos parecem ser fundamentais para se pensar este processo.<sup>17</sup>

É nesta direção que tentamos desenvolver nossas investigações sobre as Folias de Reis no Morro de Mangueira e na cidade do Rio de Janeiro, com a seguinte indagação:

Que significa, que quer dizer, para os atores sociais, produtores deste ritual , fazer Folia , dentre as demais atividades do seu cotidiano na vida urbana.

### Uma história que eles contam para eles mesmos<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Em determinada situação de pesquisa de campo sobre Folias de Reis, no Rio de Janeiro - uma "festa do remate"- em meio a um número grande de pessoas presentes, um dos integrantes do grupo de Folia local, vira-se para a pesquisadora e pergunta: - Você é do folclore?

<sup>17</sup> Ver Guimarães, 1974; Prado, 1977; Arantes, 1980; Brandão, 1981; Carneiro, 1986 entre outros.

<sup>18</sup> Geertz (1978)

Na era da chamada "descoberta" do povo, o termo "cultura" tendia a referir-se a arte, literatura e música, e não seria incorreto descrever os folcloristas do século XIX como buscando equivalentes populares da música clássica, da arte acadêmica e assim por diante. (Burke, 1989:25).

É de 1871 a famosa definição de Edward Tylor que, embora problemática, abria as portas para novas questões: "Cultura ou civilização...é este todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes, e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade".<sup>19</sup>

Tema caro ao romantismo europeu, "cultura" definia o esforço de unificação nacional, os aspectos espirituais de uma comunidade, a tradição, a singularidade de cada povo. A noção é assumida pela Antropologia, que constroi o seu campo de saber profundamente associado a ela. Hoje, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores, e outros, "usam o termo muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma sociedade - como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana" <sup>20</sup>. O que parece óbvio, senso comum, é assim visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, é "construído" socialmente e portanto requer explicação e interpretação social e histórica, continua o autor.

---

<sup>19</sup> Velho e Viveiros de Castro 1978:01

<sup>20</sup> Burke 1989:25

Segundo Velho e Viveiros de Castro (1978) esta mesma idéia já era apontada por Leach, em 1954, quando afirmava que "a sociedade e a cultura estão sempre se fazendo, que não são entidades estáticas pairando sobre os indivíduos"...Assim, seguem os autores," os indivíduos concretos, em suas biografias, interpretam, mudam e criam símbolos e significados, evidentemente vinculados a uma herança, a um sistema de crenças. Com isto recupera-se a idéia de que os indivíduos também desempenham o papel de agentes na transformação e mudança da cultura e da sociedade e não são meros joguetes de forças impessoais."<sup>21</sup>

Parecem-me bastante reveladoras as formulações de Geertz (1978) para o conceito de cultura: a idéia de que existe uma "produção simbólica" e um "sistema de símbolos" que apontam as fronteiras de grupos sociais e sociedades específicas. Entende-se assim "cultura" como código, como sistema de comunicação. "Não mais um repositório estático de hábitos e costumes, ou uma coleção de objetos e tradições, mas o próprio elemento através do qual a vida social se processa - a simbolização."<sup>22</sup>

Entendendo assim, buscamos diferenciar a nossa ótica da dos folcloristas e seus seguidores, com relação às chamadas "vivências populares", especialmente tratando das Folias de Reis. O que, naquele discurso é citado como "morrendo", "desaparecendo", "coisa do passado" que, portanto, se deve "preservar" enquanto um "patrimônio", "ressuscitar"; na verdade deve ser entendido como um conjunto de códigos e símbolos, passível de mudanças, interpretações, transformações e novos significados, parte da vida dos indivíduos na sociedade.

---

<sup>21</sup> Velho e Viveiros de Castro 1978:05

<sup>22</sup> Velho, 1981:105

Assim, a gramática da "cultura" somente é decifrada por aquelas pessoas ou grupos que tenham um mesmo significado para um mesmo símbolo, que podem ser consideradas membros de uma mesma cultura particular<sup>23</sup>.

Desenvolvendo esta mesma idéia, Arantes (1981) usa a noção de "competência cultural", ao tratar da produção dos folhetos de cordel no nordeste brasileiro. Está se referindo à proximidade cultural entre o poeta da literatura de cordel, e o seu público, que, portanto, o "entende".

Nas Folias de Reis, essa idéia do "código" está sempre presente. "O difícil da folia é explicar o que é a santa folia", no dizer do folião, porque explica-se para quem não "entende", não "vive" essa tradição que acompanha a vida de seus participantes; não participa de seus códigos, por isso, é difícil. Da mesma forma distinguem o seu público, entre os que "entendem": mestres, foliões, palhaços, devotos, presente no "giro" da folia durante o seu período ritual; e os que "não entendem", que estão presentes nas "apresentações" em praça pública, na rua.

Fazer folia, para esses moradores do morro de Mangueira, migrantes, biscoiteiros, operários, "vivendo do salário" no cotidiano de uma sociedade complexa como o Rio de Janeiro significa partilhar de códigos próprios, conversar entre seus pares, sobre uma história que lhes é comum, que é a sua própria história, espaço para "sociabilidade", que, no entanto, não está fechada em si. A noção de "negociação", como utilizada por Burke (1989) ao referir-se às trocas entre a Pequena e a Grande Tradição na Europa da Idade Moderna, nos parece ser fundamental. Segundo Velho (1981: 86) a

---

<sup>23</sup> Ver Geertz, 1973

vida social é percebida como uma "constante negociação entre atores (indivíduos, grupos, categorias), envolvendo os mais díspares interesses e motivos."

Para Leach (1954) os ritos são "modos de dizer algo sobre a estrutura social". Van Gennep(1969), Gluckman (1962), Turner (1974), são autores fundamentais na formulação do conceito de "ritual", sendo que no Brasil , Roberto Da Matta vai produzir uma vasta bibliografia sobre o tema. Para Da Matta <sup>24</sup> o mundo do " ritual" é totalmente relativo "ao que ocorre no cotidiano. Uma ação que no mundo diário é banal e trivial pode adquirir um alto significado ( e assim virar rito), quando destacada num certo ambiente, por meio de uma sequência". O mito e o ritual, para o autor, seriam dramatizações ou maneiras cruciais de chamar a atenção para certos aspectos da realidade social, facetas que, normalmente, estão submersas pelas rotinas, interesses e complicações cotidianas. Assim , a "matéria prima do ritual é a mesma do mundo da vida diária e entre elas as diferenças são apenas de grau, não de qualidade. O ritual é a colocação em foco, em close up, de um elemento e de uma relação (1979:65)"

Dentre o três modos básicos de se ritualizar o mundo brasileiro<sup>25</sup> ,Da Matta distingue os rituais nacionais daqueles que focalizam a identidade regional ou local: as festas dos Santos Padroeiros, "centradas no costume local, no chamado "folclore"ou tradição que pertence àquela cidade, estado, região ou grupo social ."

Migrantes mineiros, na cidade do Rio de Janeiro, os foliões de Reis celebram aqui a sua devoção, a sua tradição, como também constroem a sua

---

<sup>24</sup> Da Matta, 1979:30,39

<sup>25</sup> Carnaval e Dia da Pátria, rituais nacionais; Festas de Santos, rituais regionais ou locais (1979:36,39)



identidade na cidade. Seguindo esta mesma idéia Caldeira(1988) descreve as histórias do First Time relatadas na obra de Richard Price - importante para os Saramakas, do Suriname, em termos de preservação da identidade do grupo; o que poderia ser também visto no trabalho de Clyde Mitchell (1968) sobre a dança Kalela, dos negros africanos, atualizadas na cidade como uma das formas da interação ao meio urbano de seus participantes.

Fica uma pergunta: o que está dramatizando a Folia de Reis, enquanto um ritual, para os seus participantes?

Porque outras tradições populares, como o Bumba meu Boi, por exemplo, não parecem ter a mesma difusão na cidade, já que a migração de nordestinos poderia ser a mesma justificativa?

Estas indagações vão nos acompanhar até mais adiante. Talvez parte da resposta, ao nível da História Social, esteja no fato de que, desde o século passado, a cidade do Rio de Janeiro já tivesse por tradição comemorar o final do ano com os grupos de "Reis", conforme os relatos que passamos a descrever.

### As tradições da Epifania na Cidade do Rio de Janeiro

Das referências mais antigas no Brasil sobre a "noite dos Santos Reis", escrevia Nuno Marques Pereira, em 1728 <sup>26</sup> que na noite de Reis saia um grupo com vários instrumentos pelas portas dos moradores, cantando para receberem dinheiro e doces.

---

<sup>26</sup> O Peregrino da América. II, 45, 6a RJ, 1939

São várias as descrições dos autores sobre os festejos populares desde o período Imperial, no Brasil, sendo que o Bumba meu Boi, a Chegança, os bailes Pastoris parecem ser, até o início do século as formas mais comuns de se festejar e comemorar o Natal e o dia de Reis, assim como os Reisados - "folganças variadas", segundo Mario de Andrade (1982:35),"o característico deles é ter sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do Bumba-Meu-Boi. Ordinariamente nos reisados cantam-se xácaras antigas, velhos romances, novas canções satíricas, chulas, etc."

No entanto, a existência de uma tradição, na cidade do Rio de Janeiro, de festejar o dia de Reis com a organização de grupos rituais muito semelhantes aos das Folias de Reis de hoje, nos parece permitir com que, migrantes, devotos dos Três Reis, que aqui se estabelecem, na primeira metade deste século, encontrem os seus pares e organizem os grupos de Folia de Reis que crescem e se espalham pela cidade, a partir da segunda metade do século, conforme vimos citando.

Uma cuidadosa descrição das "Cantatas de Reis", em giro pela cidade e finalizando no pátio do antigo Convento da Ajuda<sup>27</sup>, no Rio de Janeiro, por Joaquim Manoel de Macedo, vai corroborar esta idéia:

"E enfim o dia de Reis fazia-se muito apreciado pelas Cantatas de Reis, que começavam na noite de 5 e repetiam-se na de 6 de janeiro. Eram numerosos os Reis que corriam a cidade, cantando às portas das casas das famílias amigas, que ofereciam a esses obsequiadores ceias opíperas e

---

27 Hoje Praça Marechal Floriano, Cinelândia, centro do Rio.

riquíssimas mesas de doces: havia cantador de Reis que atacava dez ou doze ceias em uma noite, e não tinham indigestão, Os cantadores de Reis compunham-se de **mancebos e moças**, de ordinários vestidos à camponesa e de alguns **maskarados** a quem competia alegrar as companhias provocando risadas. Percorrendo a cidade em diversas direções, reuniam-se, enfim, todos os cantadores de Reis no pátio do Convento da Ajuda, onde **terminava a festa alegremente** em um outeiro mais ou menos brilhante: as freiras davam motes das janelas e por entre as grades e os poetas glosavam como podiam e de improviso, mas quase sempre com a metrificação livre ."

O Almanak Laemmert, de 1880, popular indicador dos eventos e serviços da cidade, notificava, entre os dias de Gala no calendário anual as festas de Reis <sup>28</sup> . A Revista da Semana, periódico também em voga no início do século, em sua edição de domingo, 5 de janeiro de 1902, estampa na capa a imagem dos Três Reis.

Com a vinda dos Ranchos de Reis da Bahia, para a "Pequena África" no Rio, reduto da famosa baiana Tia Ciata, estas tradições se fortalecem. Os Ranchos - grupos de foliões com instrumentos de corda e sopro, cantando em coro versos musicados - vão aqui se associar aos festejos do carnaval, tornando-se famosos os do Morro de Mangueira. Carlos Cachapa, velho sambista do morro, lembra-se dos primeiros "ranchos" em 1914, "quando os cordões começaram a desaparecer..."<sup>29</sup> . As Escolas de Samba são "a continuação dos Ranchos. Os Ranchos eram de ritmo mais moderado, a

---

<sup>28</sup> 1880:22-23

<sup>29</sup> Silva, M. Oliveira Fo, A. & Cachapa, C.1980:25

Escola de Samba, com o "ritmo mais alterado", segundo Mestre Cartola, famoso compositor de Mangueira em depoimento a Goldwasser (1975:21)

Carnaval e Epifania, Samba e Reis, Mangueira e Folia são contradições aparentes mas não só são definidoras do próprio conceito de festa popular, da Festa dos Bobos, do riso da praça de mercado, do foguetório, dos mascarados; como também se atualizam na prática hoje, de atores sociais, migrantes, moradores do Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro, e foliões dos Santos Reis. O sagrado e o profano, duas faces de uma mesma moeda. Uma descrição deste universo será o tema do próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### A FOLIA NA MANGUEIRA

#### O Universo da Pesquisa: a Mangueira e a Candelária

Morro de Mangueira é o topônimo popular pelo qual é conhecido o Morro dos Telégrafos, situado na VII Região Administrativa, denominada São Cristovão, no Rio de Janeiro.<sup>1</sup> Área favelada, o morro ocupa uma área de 10km<sup>2</sup>, com população em torno de 15 mil habitantes, em 1981 \* . A sua frente limita-se com a Avenida Visconde Niteroi. O lado esquerdo, margeado pela rua Ana Neri, que termina no Largo do Pedregulho. Alí começa a rua São Luis Gonzaga, limite dos fundos. À direita, fica a Quinta da Boa Vista. A Mangueira fica perto do Maracanã, Vila Isabel, São Cristovão, do Jacaré. Na sua divisão interna, as regiões são assim denominadas: Buraco Quente, Faria, Candelária, Chalé, Pindura Saia, Olaria, Capelinha, Joaquina.<sup>2</sup>

"É comum a denominação genérica de "Mangueira" para designar o morro onde, na verdade, existem três favelas: a dos Telégrafos, a da Candelária e a de Mangueira propriamente dita...Foi possível observar, por exemplo, que as três favelas têm vida bastante independente e que as manifestações em cada uma

---

<sup>1</sup> "Até 1857 tudo isso era o Morro dos Telégrafos...Mas o curioso nesta história toda é que o terreno daqui era todo plantado de mangueiras, fazendo com que os fregueses comessem a chamar nossa mercadoria de 'chapéu das mangueiras'. Como naquele tempo, naquela área do Morro dos Telégrafos, havia apenas uma parada rápida obrigando as pessoas que ali desejassem saltar, pular às pressas do trem, ou avisar com antecedência ao condutor de que 'moço quero ficar nas mangueiras', quando a Central do Brasil resolveu transformá-la em Estação, denominou-se Estação de Mangueira" (Depoimento de Atenúlia Feijó, neta do industrial proprietário dos famosos "Chapeus Mangueira", uma das indústrias instaladas no local, no século passado. Ver folheto da Escola apresentando o seu enredo para o Carnaval de 1969: Mercadores e suas Tradições )

\* Dados aproximados de Sinopse preliminar do Censo Demográfico 1980, única estatística específica encontrada reunindo os três morros: Mangueira, Candelária e Telégrafos. Ver IBGE, Vol.1 Tom 1 n.17/1981.

<sup>2</sup> Epstein, A.L. (1969) em seu artigo sobre a importância do "network" numa organização social urbana na Rodésia, África (atual Zimbábue) aponta para o fato de cada parte da cidade estudada receber um nome oficial, dado pela autoridade local. "Os africanos, no entanto, também inventam outros nomes que expressem o caráter e o valor de determinada localidade."

têm caráter predominantemente local. Algumas poucas exceções são, por exemplo, a Escola de Samba, os Blocos Carnavalescos Balanço da Mangureira (sediado na Candelária) e Feitiço (nos Telégrafos), além da Folia de Reis (também na Candelária)."(Valentini et alii, 1980:06)."

Ficou famoso o Morro de Mangureira por abrigar a Escola de Samba Estação Primeira de Mangureira, importante reduto de tradição e samba na história da cidade, aglutinando, especialmente a partir da década de 60, setores da intelectualidade de esquerda, da política, nomes significativos da música popular brasileira, setores de camadas médias especialmente da zona sul da cidade.<sup>3</sup> É comum a referência à Mangureira como "berço do samba", e a presença e o apoio de cantores e compositores importantes no universo da música popular brasileira aos seus eventos. Recentemente acompanhamos pela imprensa a escolha de seu samba-enredo, para o Carnaval de 1992, homenageando o compositor e maestro Tom Jobim. A afluência de nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque de Hollanda, Paulinho da Viola ao Palácio do Samba prestigiando o homenageado e apoiando projetos de doações financeiras para reforçar o orçamento da Escola bem demonstram o papel que a Mangureira busca desempenhar no universo do carnaval no Rio de Janeiro.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Em torno de Agenor de Oliveira, o Mestre Cartola - famoso representante e fundador da Escola - e de D.Zica, sua esposa, inaugurava-se, em 1963, o restaurante Zicartola, na zona do centro da cidade, com um público que vai se estender para Mangureira: "Bacanas de Copacabana, deslumbrados da alta, burgueses simpatizantes, suburbanos informados, gente do samba e dos morros e, principalmente, da Mangureira," fazia o público do Zicartola. "Cacá Diegues, Oduvaldo Viana Filho, Paulo Ponte, Chico de Assis, Leon Hirschman, entre o pessoal do CPC, em busca de divertimento e inspiração para a causa popular... Um encontro entre sambistas, estudantes, bossanovistas, cinemanovistas etc."(ver Moura, Roberto. 1988:107-108).

<sup>4</sup> No dia 26 de outubro de 1991 a imprensa veiculou matéria sobre o encontro dos três famosos compositores brasileiros para a gravação de três "lendas" mangueirenses a propósito do lançamento de um disco intitulado "No Tom da Mangureira" para levantar fundos para o Carnaval verde e rosa. Sob o título "Mangureira une um trio de ouro" o encontro foi fartamente registrado. (Ver JB, 26.10.91, Caderno B).

Fundava-se, em 28 de abril de 1928, a Estação Primeira de Mangueira, segundo a tendência predominante da história das Escolas de Samba, surgindo da fusão de diversos Blocos existentes na localidade, liderados pelo Bloco dos Arengueiros.<sup>5</sup> Ao contrário dos desfiles de Ranchos e das Grandes Sociedades, que se davam em ruas comparativamente elegantes, do centro da cidade, o desfile das Escolas de Samba fazia-se numa área próxima ao meretrício, a Praça Onze. No Carnaval de 1935 se oficializavam as Escolas de Samba, ao determinar distribuição de subvenções e fixar locais de Desfiles segundo a modalidade das agremiações. O primeiro concurso de escolas de samba, no entanto, aconteceu no ano de 1932, na Praça Onze, saindo a Mangueira vencedora. No ano seguinte, já com apoio do Prefeito Pedro Ernesto, o desfile fazia parte do programa elaborado pela Prefeitura do Distrito Federal e pelo Touring Club, sendo patrocinado pelo jornal O Globo. A Mangueira também tirou o primeiro lugar.<sup>6</sup>

Cantada em prosa e verso, entre os títulos que a Mangueira se atribui, salienta-se o de "Pioneira" e, neste qualificativo, tem-se em vista uma alusão implícita à construção do "Palácio do Samba" - nome dado à sede nova da escola, erigida na década de 70. Valoriza-se também o nível de organização que ao longo de sua evolução se elaborou e atingiu. Famosos compositores-sambistas como Mestre Cartola (Angenor de Oliveira), Carlos Cachça, Padeirinho, Jorge Pelado,

---

<sup>5</sup> Mestre Cartola, fazia parte do grupo de fundadores, e, segundo seus depoimentos, partiu dele a escolha das cores verde e rosa em memória ao rancho de sua infância, o Arrepiado. Assim também é a ele atribuída a escolha do nome Estação Primeira de Mangueira: "Eu resolvi chamar de Estação Primeira de Mangueira porque era a primeira estação de trem, a partir da Central do Brasil, onde havia samba" (depoimento de Cartola no livro de Silva, Marília Barbosa & Oliveira Filho, Arthur. Cartola, os tempos idos. Funarte, INM, 1983, p. 40-41) Para maiores detalhes sobre a criação da Escola ver 1975, Goldwasser; 1980, Silva, Oliveira Fo & Cachça; 1983 Silva, M. & Oliveira Filho, A. .

<sup>6</sup> Ver referências a periódicos da época no trabalho de Silva, M. & Oliveira Filho, A. Silas de Oliveira. Do jongo ao samba-enredo. Rio de Janeiro, Funarte, 1981. p. 31-32).

entre outros, fazem parte da sua história. É uma das mais antigas Escolas de Samba existentes e teve sede própria quase desde sua fundação.

Mangureira é tradição, é o saber do samba, das velhas baianas, da porta bandeira herança de família, da batida característica da bateria, uma mística desenvolvida no imaginário popular do Carnaval do Rio de Janeiro e até hoje reforçada.<sup>7</sup>

Em 10 de agosto de 1889 era inaugurada a Estação de Mangureira, da Estrada de Ferro Dom Pedro II, entre a de São Cristovão e a de São Francisco Xavier, e na primeira década deste século Mangureira já era um bairro em formação<sup>8</sup>.

O Morro dos Telégrafos foi primitivamente repartido entre três grandes proprietários e sua ocupação se fez predominantemente pela construção de barracos de aluguel. Saião Lobato, O Visconde de Niteroi, foi o primeiro proprietário, por volta de 1900, alugando ao português Tomás Martins para alí localizar suas carroças e gado. Fala-se da construção dos primeiros barracos para a instalação de seus empregados. Na mesma época, houve a demolição do Regimento de Cavalaria, na Quinta da Boa Vista. Os soldados e seus

---

<sup>7</sup> Ao aproximar-se do período carnavalesco no ano de 1992, várias matérias são veiculadas pela imprensa a respeito da preparação e organização do desfile das escolas de samba. Neste contexto, a Estação Primeira de Mangureira ganha destaque, em polêmicas que versam sobre o profissionalismo x amadorismo nas Escolas, da comercialização do samba, etc. "É uma questão profissional. De graça, só saio na Mangureira!" afirma um ex-integrante da famosa Escola, contratado para desfilar em nova agremiação no Carnaval deste ano. "Dona Neuma," continua a matéria, uma das diretoras de Mangureira, reforça o mito de amadorismo que continua a cercar a "mais tradicional das Escolas": "Aqui só sai quem tem amor!" (Veja Rio, 22/01/1992) Na semana seguinte, continuando a polêmica, o mesmo periódico publica crônica assinada por Sérgio Cabral: "Estação Esperança: boas notícias descem o morro até o asfalto"... "A Mangureira desfila com a cara dela, uma cara tradicional, que todo mundo conhece, com aquela batida de surdo que é só sua, com aquele samba que não poderia ser de outra Escola que não fosse a Mangureira... A Mangureira comprou alguém? Quem desfilar na Escola tem que ser na base do amor!..." (Veja Rio, 29/01/1992).

<sup>8</sup> Revista da Semana 6/6/1909 "...É uma localidade em princípio, mas que promete, e terá razões cabíveis para prosperar. Localizada em frente de um dos mais afamados arrabaldes cariocas, em posição muito próxima do centro da Capital... Mangureira, em pouco tempo, poderá estar com seu casario espalhado pelo morro ou pela baixada que vai dar em uma parte do arrabalde de São Cristovão. Como ponto salubre, dizem os entendidos, que não há em toda zona dos subúrbios lugar algum que lhe compare. E vem dessa fama, naturalmente, o título que lhe dão de Petrópolis dos Pobres... É ponto de ligação da localidade com o bairro do Maracanã, ou melhor, com o arrabalde de Vila Isabel..."



familiares transferem-se para o local mais próximo, a Mangueira<sup>9</sup> Em torno de 1910 a favela já estava iniciada, conhecida por Morro de Mangueira. Sucessivas levas habitacionais foram povoando o Morro. Fala-se num incêndio no Morro de Santo Antônio, em 1916:

..."Com a derrubada dos casebres junto às linhas férreas, ainda novos moradores foram para lá. Hoje é um dos morros mais habitados. Muitas ameaças houve sobre a cabeça dessa pobre gente. Ora uma intimação judicial de desocupação dos casebres a curto prazo, ora um projeto de obra pública, envolvendo desapropriações no morro..." (Dias da Cruz 1941:58-59)

Quando da morte de Tomás Martins, em 1917, no tempo da epidemia espanhola, havia aproximadamente uns cem barracos na Mangueira. A partir de 30, numerosos migrantes dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro foram chegando. Segundo os diversos depoimentos e relatos em torno da formação do Morro de Mangueira, quando se tentou fechar a zona de meretrício do Mangue, marginais e prostitutas vieram para o Morro: <sup>10</sup>

"A Mangueira em 41 recebeu outro contingente de migrantes, desta vez da própria cidade, em consequência do fechamento dos *rendez-vous* da Lapa e das *blitze* aos pontos de *trottoir* da área e na zona de meretrício do Mangue, efetuadas pela polícia do Rio na época nas mãos de um oficial do exército, o coronel Gonçalves Etchegoyen." (Moura 1988:73).

Neste período a Mangueira passava a figurar continuamente na crônica policial e a se destacar como lugar de pessoas procuradas pela polícia. Por outro lado, o

---

<sup>9</sup> Fala-se também nas obras de demolição de casas de cômodos na remodelação da Quinta da Boa Vista (ver Goldwasser, 1975:32-33), durante o governo de Serzedelo Corrêa e na transferência de alguns moradores.

<sup>10</sup> Mestre Cartola e Carlos Cachça, famosos compositores do Morro, relembram em suas memórias aspectos da ocupação da Mangueira. Ver Silva,Oliveira Filho&Cachça 1980 e Silva&Oliveira Filho 1983.

"samba" estava associado intimamente à malandragem, ao marginal, somente permitido nos tempos de Carnaval. Era necessário camuflar o samba, escondê-lo, misturando-o a torcidas de futebol ou sessões de Candomblé.

"Naquele tempo, a Escola de Samba era proibida. Então, se convidava para um baile afro-brasileiro. Esse baile era a macumba. Quando chegava por volta das seis horas da manhã, então fechava o terreiro e a gente cantava. " <sup>11</sup>

Tia Fé, crioula que se vestia de baiana o ano inteiro e era dona de Bloco e de um terreiro de macumba, famosos nos anos 20," foi o tronco, cujos ramos gerariam na Mangueira as pessoas mais importantes daquela jurisdição, tanto na religião como na pagoderia. Tia Fé fundou o famoso Rancho Pérolas do Egito. Nos terreiros tinha festa de Santo. Quando terminava, entrava o samba. " <sup>12</sup>

Assim como Tia Fé, D. Lucíola é lembrada como parteira e Mãe de Santo nos tempos antigos da Mangueira; seu Laurindo, organizava as Pastorinhas, na época do Natal, lá no Santo Antonio. "Vestia-se de Papai Noel e saía no Natal"... Lá no Faria tinha Folia de Reis, organizada pela família do João Pé de Boi. Maria Coador era devota de São Sebastião. Na época da varíola, fez promessa: todo dia 20 de Janeiro percorreria o morro com uma procissão em ladainha. Assim fez sempre. Ía no pindura Saia, no Faria, no Santo Antonio, no Buraco Quente fazia a volta toda levando a imagem de São Sebastião no andor, relembra Carlos Cachaça, da Velha Guarda de Mangueira.

Em 1919, já se encontravam instaladas no local, seis indústrias de grande porte para a época: a Olaria do Gama, Olaria Diamantino, Olaria Lage, Cerâmica Brasileira, Fábrica de Calçados Tupã e Fábrica de Chapéus Mangueira, todas

---

<sup>11</sup> Ver Goldwasser 1975:118

<sup>12</sup> Ver Silva,Oliveira Filho&Cachaça, 1980:04

fundadas por portugueses, além de quatro outros estabelecimentos comerciais de menor porte.

O Morro da Candelária é nome dado à parte do Morro de Mangueira mais próxima à Estação de São Cristovão e à Quinta da Boa Vista. Fala-se que a região pertence à Irmandade da Candelária, daí seu nome, e que havia sido doada para a construção de um hospital que nunca ficou pronto.

Os anos 40 registram a vinda maciça de migrantes de Minas Gerais para a Candelária. Entre outros fatores históricos esta ocorrência está ligada à existência no local da Companhia de Cerâmica Brasileira - CCB - e sua necessidade crescente de mão de obra. Esta indústria instalou-se na Avenida Visconde de Niteroi em 1907. O Morro da Candelária limita-se com o muro da Cerâmica. Para os migrantes mineiros da roça, a Cerâmica funcionava como a entrada no mundo operário urbano. Para cá traziam suas famílias, amigos, conterrâneos, em busca da cidade grande. A Cerâmica pertencia, desde a sua instalação até por volta de 1973, a uma mesma família "mineira". Passando por diversas crises, foi vendida naquela época, para um outro grupo, também de Minas - proprietário de laticínios em Muriaé, onde também há uma outra instalação da CCB.

Esta identidade mineira dos migrantes hoje residentes na Candelária, se expressa na própria representação que os informantes têm da divisão interna da Mangueira:

"Aqui é tudo mineiro, carioca quase não tem".

"Aqui é só mineiro, Lá só dá Paraíba! "

"Aqui" refere-se à Candelária. "Lá" é o "Buraco Quente" - o Morro de Mangueira propriamente dito, onde se localiza a Escola de Samba.<sup>13</sup>

A aceleração da ocupação desta área parece estar vinculada ao fim das obras de construção do estádio do Maracanã, no final da década de 40, início dos anos 50:

"Com o fim das obras do Maracanã sobrou muita tábuas. O pessoal ia lá , pegava e passava a noite batendo. No dia seguinte, tinha um barraco pronto." (moradora da Candelária).

### O Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira

A Sede antiga foi construída , em regime de mutirão, a partir da famosa visita do Prefeito Pedro Ernesto à Mangueira, em 1936, um ano após a oficialização dos desfiles de Escolas de Samba, com as sobras da Escola Primária Humberto de Campos, solicitada e conquistada pelos Mangueirenses, no Buraco Quente. Esteve em uso até 1959, quando o movimento crescente fez com que se transferissem , nos ensaios, para a quadra de basquete da Companhia de Cerâmica Brasileira, nas imediações da Candelária. Consta que, no ano de 1961, Roberto Paulino, diretor da Cerâmica Brasileira, era também Presidente da Mangueira. Este período coincide com toda uma movimentação nacional de "politização de massas" e de interesse pela "cultura popular" e o patrimônio nacional, que fazia das Escolas de Samba objeto de inusitada atenção. Após a Cerâmica, a Quadra Antiga foi construída como um arranjo provisório para os ensaios, que durou alguns anos. Em 1965 os Mangueirenses se instalavam na Quadra, de sua posse, inaugurando a "era do faturamento" sistemático, com a

---

<sup>13</sup> Buraco Quente é o nome popular da Travessa Saião Lobato, entrada principal do Morro de Mangueira, próxima à Escola.

cobrança de ingressos para os seus ensaios. Em 1971, a Mangueira já havia consolidado as condições necessárias à sua projeção: com um público constante, um faturamento regular e substantivo e as negociações para oficializar a propriedade do terreno. Entre 1971 e 1972 construiu-se o Palácio do Samba, nome pelo qual é conhecida a sede nova do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira.( Para o depoimento dos seus dirigentes sobre o processo de aquisição do terreno e a maquete da construção, ver a revista "Mangueira: modernos bandeirantes." EBAL, Editora Brasil América. Edição especial de gala. Fevereiro de 1971). Durante a construção, a Mangueira passou a utilizar o Sport Club Garnier, a mais de uma hora de caminhada do Morro, no bairro do Rocha, como sede provisória.

É interessante notar que enquanto outras Escolas de Samba parecem estar substancialmente vinculadas a pessoas de prestígio, políticos influentes, artistas: músicos, compositores, atores, manequins, lideranças do "Jogo do Bicho", "gente de sociedade", a Mangueira busca manter-se como um símbolo de tradição e manutenção das raízes primeiras da sua história, representada pela idéia de "autonomia". É comum a referência, tanto por parte de seus integrantes e que, por extensão, divulgada pelos meios de comunicação, às categorias: "autêntico, independente, tradicional, amor ao samba, Velha Guarda, família, moradores de Mangueira, a Mangueira é o morro, etc" ao se enumerarem as características e o perfil da Escola e de seus componentes. No entanto, no contexto dos desfiles "milionários" das Escolas de Samba hoje, no Rio de Janeiro, esta "autonomia" é relativa. Desde que se criou o Palácio do Samba, vetaram-se as festividades particulares de Alas no interior da sede, mas ainda assim estas detiveram o direito de dispor de uma promoção anual "fora da Escola" a fim de colher fundos para financiamento das fantasias de Carnaval. As preferências Mangueirenses parecem gravitar em torno de seu próprio círculo de influências,

o que não exclui a sua relação permanente com "os brancos", os "visitantes", os "turistas", a "classe média", a "sociedade carioca,"os "sambeiros", especialmente no período dos ensaios de Carnaval. A tensão entre a Escola do morro x Escola de fora do morro, é constantemente presente no discurso dos seus dirigentes. Referindo-se à época da construção do Palácio do Samba, Cícero dos Santos, assessor da tesouraria da Escola, informava:

"A Escola jamais deixará de ser do mangueirense. Agora a alta sociedade quando passou a frequentar as Escolas de Samba deu um impulso financeiro tremendo - haja visto que se não é os chamados 'sambeiros', jamais a Mangueira conseguiria um financiamento de quase 'três bi', porque jamais um Banco faria negócio com nós, assalariados do morro. Então foi justamente a influência do 'sambeiro' que evoluiu a Mangueira, mas nem por isso a Mangueira deixou de ser dos Mangueirenses. Haja visto que no início da construção pensou-se em lançar título de *sócio-proprietário*, e a idéia foi logo recusada, porque aqui nós entendemos que a Mangueira jamais terá dono. Ela é do povo e vai morrer sendo do povo." (1977)

Maria Julia Goldwasser desenvolveu estudo específico sobre a Mangueira e sua história em torno do samba. Uma das questões interessantes tratadas pela autora,<sup>14</sup> - o mundo "fora da escola" - diz respeito à produção das "feijoadas", organizadas por pessoas de camadas médias da cidade, em geral em residências da zona sul, com componentes das Escolas de Samba, no caso, de Mangueira. Estes encontros e trocas serviram como porta de entrada e primeiro contacto da pesquisadora com "aquele mundo encantado" do samba, segundo seus relatos. É interessante notar que, no caso de minha pesquisa sobre as Folias de Reis, a mesma prática se repete, quando descrevo as suas visitas de Natal fora do âmbito da trajetória tradicional do ritual: nas instituições

---

<sup>14</sup> Goldwasser, 1975:53,54.

culturais que lhes dão apoio e nas residências de pesquisadores e simpatizantes, o que irei tratar mais adiante.

Em 1972 a Mangueira se instala no Palácio do Samba. O prédio impressiona pela sua imponente estrutura. De concreto aparente, pintado nas cores verde e rosa da Escola, foi todo projetado por arquitetos, dentro de um esquema totalmente proposto pela sua Direção. Grandiosa, com os espaços próprios tanto para a sua administração quanto para a realização dos ensaios, "nem a Escola perde a visão do Morro, nem este perde a visão da Escola". A sede antiga, conservada até hoje, é considerada uma "reliquia" e pretende-se seja transformada em um Museu. O Palácio do Samba é o cartão de visitas de Mangueira. Se por um lado, distancia-se da realidade do Morro, com suas facções políticas, problemas de subsistência, drogas, desemprego, marginalidade, etc, por outro, constitui-se como sua sede social, guardiã de sua história e de um saber profundamente valorizado por aquela comunidade. Muitas atividades diversificadas ali acontecem: são realizados cursos profissionalizantes para os moradores, atividades da LBA e de assistência social em geral, festejos em datas significativas para a comunidade local, como Natal, Semana Santa, contando com a presença de políticos influentes e de pessoas de camadas médias, amigos e convidados, sem falar na sua atividade principal: os preparativos para o Carnaval. Hoje, a partir da Escola, inúmeras outras atividades ganham corpo, extendendo o seu campo de ação, o que também já ocorre com outras Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Projetos ligados à saúde, coleta de lixo, alfabetização (Dona Neuma, famosa personalidade local, vem há muitos anos trabalhando com as crianças do morro), curso profissionalizante para adolescentes, além de um trabalho educacional especial, em que "Tia Alice" ensina a meninos e meninas mangueirenses, músicas e danças do folclore brasileiro. A popular cantora Alcione, uma Mangueirense



convicta, patrocina parte da formação da "Escola de Samba Mangueira do Amanhã", iniciada por D.Zica nos anos 70, visando atingir as crianças do morro. No esporte, um amplo projeto se desenvolve para a formação de equipes de atletismo, com a construção de uma Vila Olímpica: meninos e meninas já dispõem de instalações adequadas para a prática do esporte. Um novo projeto se desenvolve, no sentido de criação de uma banda de música integrada apenas por crianças mangueirenses. É interessante notar que, dentro deste amplo contexto, o Juiz de Menores do Rio de Janeiro dê uma entrevista revelando, entre outras coisas, que dos delitos praticados nos últimos meses, por um extenso número de crianças, nenhuma era mangueirense.<sup>15</sup>

Em outubro de 1991, o Maestro Tom Jobim,<sup>16</sup> homenageado no samba-enredo do Carnaval de 92, brindou a Escola e o Palácio do Samba com um show musical, em retribuição, nesta troca constante que já faz parte do cotidiano das Escolas de Samba hoje, e que, gravado em vídeo, será produzido em programa para levantar fundos para o carnaval da Escola.

Note-se, também, dramatizando a integração morro-escola, o número incrível de pessoas que transitam pelas redondezas, nos dias mais comuns, vestidas em remanescentes de fantasias verde e rosa, misturados aos trajes do dia a dia que recordam, com sua aparição insólita, uma quarta-feira de Cinzas deslocada. Nas casas em torno do Buraco Quente é expressiva a existência da memória do Carnaval o ano todo: as pessoas decoram suas casas com adereços do desfile, pedaços de alegorias e estandartes pendurados pelas paredes, cestas e flores de baianas pelo móveis, almofadas em lamês coloridos, restos de brocados e bordados, bijuterias, crianças brincam com lanças prateadas e penachos indígenas. No discurso de um informante, dirigente da Escola na

---

<sup>15</sup> Veja Rio, 29 de Janeiro de 1992

<sup>16</sup> Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim



década de 70, mesmo os moradores que se mudam do morro, "levam a Escola no coração, voltando nos tempos de Carnaval"(Cicero dos Santos, 1977).

Foi , a partir de um estudo sobre o aprendizado musical informal, conforme já me referi, tendo como foco central a Escola de Samba, que cheguei à favela, ainda no ano de 1977 (ver, em anexo, o Samba enredo da Escola e o samba do Bloco Balanço da Mangueira, da Candelária, para aquele ano). Durante alguns meses acompanhei seu cotidiano, em tempos de ensaio para o Carnaval. E foi então que conheci os grupos de Folias de Reis locais. É verdade que a Escola exerce um papel aglutinador em torno dos diversos domínios do Morro, e o samba está presente por todo canto. No entanto, pode-se dizer que o Buraco Quente é a região que está mais voltada para o dia a dia da Escola, não só pela sua proximidade física, como também por ser local ainda hoje de moradia dos seus participantes mais antigos e respeitados, assim como sua via de acesso principal. Fala-se de samba e das ocorrências na Escola, da escolha do samba-enredo etc. Quando se referiam à Candelária, outra região do Morro, os próprios moradores do Buraco Quente associavam minhas investigações às Folias de Reis existentes no local : Mangedoura\* de Mangueira e Sagrada Família "já gravaram até com Martinho da Vila". Parecia-me que a Escola estava para a Mangueira assim como a Folia estava para a Candelária. E foi deste modo que cheguei a elas.

"Algumas das mais bonitas Folias dos Santos Reis do Rio de Janeiro estão no Morro de Mangueira. Provavelmente migrantes de áreas rurais do Rio de Janeiro e Minas Gerais terão conseguido preservar até hoje este ritual camponês em

---

\* Uso Mangedoura, grafada com G, em sua forma clássica (Ver Dicionário Etimológico, Antenor Nascentes), assim com escrevem os foliões de Mangueira.

plena favela. Como as condições de "giro" da Folia (jornada de 7 ou 13 dias, de casa em casa, saudando pessoas, pedindo esmolas para a "Festa dos Santos Reis" e distribuindo bençãos) na cidade são muito diferentes das condições do meio rural, por certo várias modificações terão sido introduzidas nesse antiquíssimo rito religioso popular do ciclo de Natal. Modificado e persistente, ele se preserva como um fato folclórico para nós, como uma devoção religiosa para os seus praticantes. Foliões e Palhaços podem ser também membros de alguma das alas da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira<sup>17</sup>.

#### A Candelária e a Folia:

"O Morro do Salgueiro, Penha, Jacarepaguá, Ilha do Governador, Caxias e São Gonçalo são lugares onde surgiram e se matem grupos de Folia, e foi um grupo de mineiros, proveniente de Muriaé que, radicando-se na favela da Candelária, formou a "Folia de Reis Mangedoura de Mangueira"<sup>18</sup>.

Em termos de Carnaval, a história da Candelária é marcada por uma época de ensaios da Estação Primeira, na quadra da Cerâmica, na boca de entrada do portão 2 (beco de acesso àquela região da Mangueira), no período anterior à construção do Palácio do Samba. O Balanço da Mangueira existe, ainda hoje, enquanto o Bloco local, ensaiando na quadra do Esporte Clube Cerâmica. Este terreno, que parece pertencer ao Exército, era explorado à época da pesquisa, por um Sr. Maia, morador local, para o lazer dos funcionários da CCB, que acabava sendo, por extensão, também utilizado pelos moradores da Candelária. Situa-se à entrada da Candelária, do lado oposto à Cerâmica, onde também já serviu de local de ensaio para as Foliás de Reis. Nos anos 70, iniciou-

---

<sup>17</sup> Brandão, Carlos. 1982:43

<sup>18</sup> Vallentini et alii 1980:06

se a construção em mutirão, pelos próprios moradores, da AMOC: Associação de Moradores da Candelária, no meio do Morro, em região elevada, mas contígua a um imenso platô, a que se tem acesso de carro, inclusive, por uma via externa à Candelária. Ali realizam-se as festas comunitárias, aulas de catequese, exibições de filmes, reuniões de moradores, bailes de sábado, encontros de Folias de Reis. Mais abaixo, a primeira rua após o beco de acesso à Candelária pela Avenida Visconde de Niteroi (o portão 2), chama-se rua D.Graziette<sup>19</sup>. Ali está localizada a Capela, vinculada à Paróquia de N.Sa. da Consolata, no Largo do Pedregulho, região que faz um dos limites externos do Morro. Esta capela foi durante muitos anos assistida por Padre Higino, pároco local, que exercia uma certa liderança na comunidade. Contíguo à capela funcionava, em uma pequena sala, um atendimento médico, três vezes por semana. Em termos de presença local, a Igreja Católica também atuava através da organização de "grupos jovens", com os moradores, na maioria adolescentes, que trabalhavam junto à Associação de moradores nas diversas campanhas realizadas, por saneamento básico, censo, e outras mobilizações junto à comunidade. A poucos metros da Igreja Católica encontrava-se uma Assembléia de Deus<sup>20</sup>. Santos e imagens religiosas é o que não faltam nas casas das pessoas: pequenos altares católicos, misturados às devoções dos cultos afro-brasileiros, estátuas de São Jorge iluminada, folhinhas de santos, lembranças de viagens ao santuário de Nossa Senhora de Aparecida, etc, em

---

<sup>19</sup> Faziam referência a uma personalidade política, de mesmo nome, atuante no local nos tempos da "política de bica d'água", daí a homenagem com o nome da rua.

<sup>20</sup> Tomando-se a Mangueira como um todo (os três grandes "bairros": Mangueira, Telégrafos e Candelária), no "setor religioso, são três igrejas Batistas - uma em cada seção do morro; duas igrejas da Assembléia de Deus - uma nos Telégrafos e uma na Candelária; três igrejas Católicas: N.Sa. da Glória, na Mangueira, N.S. da Candelária na Candelária e Capela da Consolata, nos Telégrafos. Possui ainda três Centros Espíritas, localizados no morro dos Telégrafos e na Candelária e há também uma capela particular dedicada à Santa Joana D'Arc, na Mangueira..." (Ver Primeira Coleta ...1977:01) É interessante notar que, embora citados nos relatos dos moradores mais antigos do morro, como ali presentes desde a sua formação, os "terreiros de Macumba," não aparecem nas observações de nossas primeiras pesquisas.

meio a retratos-pintados de família, posters modernos com fotos dos filhos cobertos com plástico etc.

Saindo da "rua" de baixo, ( até ali entram os carros) , vai-se seguindo por vielas e becos: de início, casas em alvenaria e telha, com um pequeno terreno ao redor, um portãozinho de ferro. Mais adiante, vão-se tornando quase que coladas umas às outras, havendo mesmo diversos barracos que funcionam como apoio e equilíbrio do vizinho, a maioria sem reboco ou pintura. Quando pintadas, é nítida a preferência pelo verde e rosa. Era comum o uso de telha de zinco ou laje, para as casas de tijolo. Das casas visitadas à época da pesquisa, já era comum a água encanada, quando não, dispunham de uma fonte pública, localizada na Avenida, fora do portão II, para onde costumavam se dirigir especialmente as lavadeiras.

"Lá pra cima, a Associação conseguiu água da Cedae, mas os moradores pagaram tudo, até os canos. E pagam a conta por mês. Já o pessoal de baixo, cada canto é uma estória. "(*Celica*, filha de Beja)

Várias são as histórias a que se refere a informante. No seu caso e de seus vizinhos, conta terem "comprado o direito de puxar a água de um fulano, que se dizia dono", pagando, por esse "direito no ato da compra." Assim, nada mais ficavam obrigados a pagar, a partir de então.

"Quem não tem água é porque não pode mesmo. Não tem recursos; ou pede ao vizinho ou vai na *cabine* lá na Avenida."(*Celica*)

A *cabine*, a que se refere, é a fonte de água, pública, instalada junto à estrada de ferro, na Avenida, em local onde havia, em outros tempos, uma cabine de sinalização para o trem.

A luz elétrica já era comum à época de minha pesquisa, e o gás, de botijão. Televisores eram encontrados na quase totalidade das casas visitadas, assim

como geladeiras e alguns eletrodomésticos básicos, especialmente o ventilador e o aparelho de som. Havia referência a dois números de telefone existentes dentro da Candelária, nos anos 80. Caminhando pelos becos e vielas, podia-se ver o esgoto que corria paralelo ao alinhamento das casas, muitas vezes a céu aberto. O que mais se encontra, por todo canto, são as "biroscas": pequeno comércio em geral localizado contíguo à moradia. Há os mais estabelecidos, como o do Willian, ou do Barbudo, que vendem um pouco de tudo. Há as pequenas "tendinhas" que são um auxílio no orçamento familiar, cuidado especialmente pelos velhos, pelas mulheres e crianças.

Epstein (1969) descreve as relações sociais e a organização do espaço de moradia dos africanos de origens tribais no meio urbano, em seu trabalho clássico de pesquisas na África: Casas pequenas, impondo um mínimo de cooperação entre vizinhos, torneiras de uso coletivo - como fonte tanto de discórdias quanto de novas amizades - a vizinhança como um espaço socialmente mais importante para as mulheres que para os homens, e o parentesco, possibilitando um dos princípios mais importantes de ordenação das relações sociais entre os africanos na cidade, e assim justifica: "Nas cidades, onde as relações sociais são casuais e transitórias, e o status de um africano é fundamentalmente incerto e inseguro, a manutenção de laços de parentesco espalhados, ajuda a assegurar que haverá sempre alguém por perto para auxílio e apoio no futuro. " Assim, continua o autor, "as formas de se referir , ou os comportamentos apropriados entre categorias particulares de parentes são rapidamente extendidas a outras pessoas e as relações próximas entre vizinhos e amigos são frequentemente traduzidas no idioma do parentesco". Ao nível das nossas observações, existe um universo na Candelária e na Mangueira em geral, semelhante ao estudado por Epstein. Grupos de famílias extensas, se estabelecem e cotidianamente se relacionam, em constante troca. Nas histórias

de vida registradas, é comum a referência à chegada ao local de um dos membros da família para moradia, e a vinda em seguida, de inúmeros outros parentes, conforme iremos descrever adiante. No caso da região da Candelária, primordialmente povoada por migrantes vindos do estado de Minas Gerais, encontramos áreas em que irmãos, tios, sobrinhos, viviam como vizinhos. Notamos que as categorias "tios" e "avós", em especial, eram muitas vezes extendidas a outras pessoas que não aquelas unicamente ligadas por laços de parentesco.

A representação que os moradores da Candelária fazem da sua comunidade é a de uma "favela calma", dita com um certo orgulho: "Esta é uma favela calma. Você já foi a outras favelas calmas como esta?" perguntava uma moradora. Mencionam alguns acontecimentos que teriam perturbado esta "calma", como durante um mês, no ano de 1985, quando pesquisava no local e o morro ficou em pé de guerra por conta de disputa por ponto de tóxicos, com pessoas "de fora" da comunidade. Falava-se de crianças "armadas até os dentes", investigando os passantes. Ninguém saía de casa. Contam-se, também, como uma lenda local, as "batidas" do policial de nome Claudio Adão, destacado para serviço na Candelária, e que constantemente subia o morro fazendo observar horário de fechamento de estabelecimentos, etc. Esta idéia de "morro calmo", pode ser hoje extendida para a Mangueira como um todo<sup>22</sup>. A Escola, por

---

<sup>22</sup> No passado, o próprio nome "Buraco Quente" para a entrada principal de Mangueira definia a efervescência local. Hoje, a referência ao discurso já citado do Juiz de Menores do Rio de Janeiro, no ano de 1991, parece corroborar esta idéia de "paz" local. É interessante notar que tomando-se a representação de "morro calmo", na Candelária, supõe-se que sejam os 'de fora' não calmos, acusados como perturbadores da ordem local, o mesmo ocorrendo com relação à Escola, "não dominada pelos bicheiros", versus "aquelas que são dominadas", ou com relação às Falias e os cultos afro-brasileiros.. A teoria das acusações, discutida entre outros autores por Mary Douglas, toma a questão da "feitiçaria" como sendo um processo de "acusação" que leva à delimitação de fronteiras internas e externas de um grupo, identificando, assim, aqueles que são desviantes. "Assim, quando a acusação é feita a pessoas que não pertencem ao grupo, ela serve para marcar as fronteiras externas e os valores desse grupo.", o que parece ser recorrente no caso da Mangueira (Ver Maggie, Yvonne, 1975:141 para esta discussão).

exemplo, ao contrário do que hoje se observa no Rio de Janeiro com as demais agremiações do tipo, orgulha-se por não ser controlada pelo "domínio do tóxico" nem do "jogo do bicho" , motivo de destaque em noticiários na grande imprensa.<sup>23</sup>

No interior das moradias da Candelária, a presença do Carnaval não é tão forte através de objetos, como em outras partes do morro, embora as cores verde e rosa estejam por toda parte: nas roupas, na pintura das casas, etc.

Do lado esquerdo da entrada da Candelária, no portão II, localiza-se a entrada da Companhia de Cerâmica Brasileira, estendendo-se em longo terreno, morro a dentro, sempre em limite com a Candelária, separadas por um muro. Durante muito tempo, a maior parte dos funcionários da Cerâmica morava naquela região de Mangureira. Próxima à indústria, foi construída, à época de seu estabelecimento, uma vila para moradia dos funcionários mais qualificados. Alí morava Altevero, funcionário da Cerâmica e Mestre Palhaço da Folia, no ano de 1977. Foi através dele que visitei por diversas vezes a Companhia, encontrando meus informantes foliões em pleno trabalho.<sup>24</sup>

"Todo mundo quase já trabalhou lá. Se você quiser, eu trago uns 10 agora"

"A gente ouvia o Dila, que batia lá na Cerâmica noite e dia, e cantava"

"Quando meu irmão se machucava, a minha mãe não estava, eu corria lá na Cerâmica prá ir na enfermaria. Eu tenho seis tios trabalhando lá."

"A vinda prá Cerâmica direto era mais fácil. As pessoas vinham de fora, não tinham documento. E a Cerâmica não exigia muito papel. Era mais fácil. A pessoa ia direto prá lá."(depoimento de foliões e filhos de foliões moradores da Candelária).

---

<sup>23</sup> "Uma das poucas escolas não dominadas por bicheiros, a Mangureira receberá Tom Jobim em sua quadra, terça-feira. Ele fará um show com renda destinada à Verde e Rosa..."O Globo, outubro, 1991.

<sup>24</sup> Ver Monte-Mór, Patrícia. Folia e Trabalho.PPGAS,MN.RJ, 1981

Foi neste universo que encontrei as Folias de Reis, na Candelária: A Mangedoura de Mangueira, e a Sagrada Família.

"Nós começamos a Folia aqui no Morro com uma rapaziada que veio da roça. Tinha o Dila, que é nosso mestre. Aí combinamos da gente fazer uma Folia nossa, ele concordou. Saimos pela primeira vez em 1946. O Dila veio de Minas também. Lá ele já saía em Folia. Em 1947 nós fomos melhorando muito. Compramos os instrumentos e já ficou uma foliazinha mais ou menos boa. Então saímos...tinha muitos mineiros e nós íamos no Morro do Catumbi, no Morro de Santo Antonio, no Morro dos Macacos. E a gente ía visitar os colegas nossos da roça. E aí foi surgindo a Folia, e foi melhorando, e chegou um ponto que fomos chamados também prá ir na rádio. Já fomos apresentar também no Maracanã, na chegada de Papai Noel." (Teixeira, dono da Folia Mangedoura).

A história da Mangedoura está pois vinculada à vinda de companheiros de uma região mineira da Zona da Mata (Cataguazes, Leopoldina, Muriaé etc) para se radicar em Mangueira, mais especificamente na Candelária. A partir de então foram-se juntando e, com a experiência anterior, organizaram a Folia, sob a liderança de Sr. Beja, (falecido no início da década de 80, com mais de 80 anos) e de Teixeira. Beja era sempre referido como "grande companheiro e amigo". Segundo Geraldo Raimundo:

"Beja era o único que era de *fora da família* e entrou para a folia, porque era uma grande pessoa. Também era de Bom Jesus de Cachoeira Alegre e saía já com Folia lá, perto da gente."

As representações destes informantes sobre a composição inicial da Folia, que vai se estender para o período posterior é a de "uma família", "tudo farinha do mesmo saco", "tudo igual abelha, juntinho ". Ao final deste capítulo apresento um



esboço de um diagrama sobre as relações de parentesco dos foliões de Mangueira, enfatizando-se as ligações com o grupo Mangedoura, assim como arrolando as atividades profissionais de seus integrantes, dando ênfase especial às atividades junto à Companhia de Cerâmica Brasileira.

Naquele período (década de 40), encontraram no morro, em outra região, denominada Faria, a Folia do Sr. Serafim, migrante do norte do Estado do Rio: a Folia de Reis Sagrada Família. O conhecimento de Serafim com os demais participantes da Mangedoura se deu no trabalho dentro da Cerâmica. Serafim vinha de Cantagalo.

Quando conheci os dois grupos, no final da década de 70, estes mantinham uma certa autonomia ritual, embora contassem já com a participação, em alguns casos, de um mesmo folião para as duas "bandeiras", como instrumentistas, por exemplo. Na década de 80 esta prática se acentuou. Serafim encontrava-se doente, morrendo em seguida e por outro lado falava-se na escassez de "foliões sabidos", instrumentistas "competentes", palhaços "bons de gogó" e as duas bandeiras passaram a se revezar nas "saídas".

Com a morte de Serafim, sua promessa aos Santos Reis seria seguida por Dora, sua esposa, sob a organização de Geraldo Raimundo, que fazia parte do grupo da Mangedoura, preocupado em preservar a Sagrada Família como Folia de Mangueira.

Se, em termos mais amplos, e mesmo externos à comunidade, a Mangedoura de Mangueira é reconhecida como sendo a Folia de Mangueira <sup>25</sup>, em nível interno, quando me refiro à Folia de Mangueira estou falando dos dois grupos reunidos,

---

<sup>25</sup> A Mangedoura de Mangueira já participou em gravações de disco organizadas por Marcus Pereira, Música do Centro-Oeste, 1975.

revezando-se ora sob uma ora sob outra "bandeira", assim como seguiram se apresentando até os dias atuais.

Os foliões de Reis da Candelária parecem atualizar , na cidade, na prática do seu ritual, a identidade de "ser mineiro", com seus conterrâneos:

"É tudo farinha do mesmo saco. Tudo juntinho, feito abelha... eram duas fazendas: Boa Vista e Floresta. Era em Laranjal e Bom Jesus de Cachoeira Alegre. E a gente era vizinho, colono de fazenda. Daí o conhecimento "(esposa de "dono"da Folia).

Laranjal e Bom Jesus são distritos dos municípios de Cataguazes e Muriaé, Minas Gerais. Lá, assim como em Sapucaia, Leopoldina e arredores, municípios vizinhos, a prática do ritual da Folia de Reis era bastante difundida, assim como diversas outras expressões comuns ao universo do chamado catolicismo popular rural. Com a vinda progressiva para o Rio de Janeiro , muitos já participantes em Folias locais, reorganizam na cidade o ritual.

As clássicas pesquisas sobre as Folias de Reis já citadas desenvolvidas por Castro&Couto, na década de 50, ao descreverem a origem na cidade do Rio de Janeiro dos Foliões de Reis, relatam não terem encontrado "pessoas nascidas na Guanabara. Os foliões são todos fluminenses, mineiros e capixabas"<sup>26</sup> Dentre os mineiros, destacam a origem da região de Leopoldina.

#### As Folias de Mangueira: O "giro"da Folia

Cumprindo a promessa feita geralmente pelo dono ou mestre, ou mesmo saindo por devoção, cada grupo se organiza, segundo critérios próprios e vinculados a figura do dono ou mestre, em cada situação específica.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Castro&Couto, 1962:19.

<sup>27</sup> Monte-Mór,P. Tudo que seu Mestre Mandar, faremos todos?

Ensaíam, durante os meses finais do ano para, na noite de 24 de dezembro, cada qual fazer a sua saída, seja da casa de um devoto, da casa do dono, do mestre, da Igreja, ou até de um gongá:

"Uma vez saímos de um gongá. A dona do Centro chamou. O Benício (mestre `a época) frequentava o Centro. Ficou lá a bandeira da Folia e a do Centro. Tem que saber salvar um gongá. Se tem Santo, tem que saber cantar para todos os Santos. "(Geraldo, Mangueira).

"Nós vamos para Turiaçu, em Madureira. Nós vamos cantar, aí tem uma casa visada, às vezes a gente não está nem sabendo que é um terreiro de Macumba, o dono chamou prá cantar, então o chefe já tem que saber que por lá ele vai encontrar alguma coisa, outra folia, ou um terreiro de Macumba, ou uma casa que tem muitos santos da devoção deles".<sup>28</sup>

É preciso ter competência e saber, enormemente valorizado pelos componentes de Mangueira, para ser folião, e saber enfrentar cada uma das situações que se apresentam em todo o giro da Folia, na sua jornada. São constantes as referências nos depoimentos de meus informantes à presença dos chamados cultos afro-brasileiros no universo das Folias de Reis, descrevendo já formas previstas de comportamento inscritas no conjunto das regras que regem o ritual invariavelmente repetidas pelos foliões da cidade . Trataremos desta relação Folias-cultos afro-brasileiros mais adiante.

"A atitude da Folia tem que estar de acordo com cada situação nova que se apresenta que pode variar do terreiro de Macumba à casa do devoto entendido que quer ouvir cantar toda a profecia e seguir rigorosamente toda a tradição do ritual. O mestre deve estar preparado para qualquer situação."<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Depoimento do Mestre Dodô. Folia Penitentes de Santa Marta, In Rocha, Adair, 1985.

<sup>29</sup> Mestre Dodô, In Rocha, Adair, 1985

Formados em média por 12 foliões, os dois grupos da Mangueira, na década de 80, viviam um fluxo de trocas de integrantes muito intenso, conservando, no entanto, cada grupo a sua farda, os seus instrumentos, a sua bandeira e seu compromisso com os Três Reis e demais devotos.

"O número certo é 13, porque 12 é o número dos apóstolos e mais o bandeireiro faz 13. Os foliões são mesmo 12..."(Altevero, palhaço da Mangedoura,1977)

As saídas da Folia, na sua versão urbana, ocorre nos finais de semana: sexta, sábado, domingo - diferente dos tempos em que se vivia na roça:

"A lavoura branca (milho, arroz, mandioca) era regime de terça, lá na roça: era só sair nos dias de Folia:6, 7 dias e ninguém importava. "(Assis, Folião da Mangedoura).

Já trabalhando no Rio, na Companhia de Cerâmica Brasileira, o Mestre Benício dizia:"Todo ano voltava a Laranjal, para sair na Folia de lá. Pedia licença na Cerâmica. Tinha que justificar, mas saía. Só que não recebia aqueles dias:6, 7, 10 dias fora."

"Todo ano nós vinha sair na Folia do falecido Astolfo. Ficava até o dia 6. Ano Novo vinha eu, falecido Dila e Teixeira prá cá. "(Geraldo, em Minas).

Cada qual com a sua profecia , na Candelária as Folias continuam até 20 de janeiro, quando geralmente são convidadas a alguma *apresentação* em eventos culturais de festejos do padroeiro da cidade, São Sebastião. Chegar na Candelária procurando por um dos integrantes das Folias de Reis, já é cartão de visita. Sobe-se por entre becos e vielas e vai-se chegando à casa de

cada um: de Teixeira, de Astério, de Jorge, de Biquita, de Remízio, de Benício, de Geraldo, para citar os mais antigos. Seus filhos em geral, também acabam sendo foliões. Manuelzinho mora mais prá cima, Simplício já morou no Morro, agora está fora, vindo, no entanto, para os ensaios e as "saídas", assim como seu filho, que é palhaço. A partir do mês de outubro, em noites de sábado, vai-se chegando perto das casas e ouvindo o ensaio da Folia. Na entrada do portão II o movimento é sempre grande, nas biroscas, no barbeiro, nas esquinas dos becos. Ouve-se música por todo lado, de todo tipo, em alto volume, numa terrível mistura, com o barulho de jogos eletrônicos - um fliperama alí instalado. Pequenos grupos de rapazes reunidos fumam maconha, algumas famílias terminando um concerto em casa, crianças correndo, pessoas que chegam do trabalho. É cervejinha por todo canto, como também na casa de Teixeira, o "dono" da Mangedoura. Vão chegando os companheiros foliões: as conversas em torno da economia do país, de acontecimentos locais e de "histórias de folia", uma sardinha frita e a arrumação e afinação dos instrumentos. Verifica-se o que falta. Discute-se sobre os uniformes, os concertos. Fala-se da conservação da bandeira, encomenda-se outra, em Minas. Na falta de determinado instrumento, pede-se emprestado ao Bloco de Carnaval local, e vice-versa. Na sala da casa de Teixeira ficam guardados os instrumentos, em uma prateleira larga de alvenaria, sobre a janela. No ano eleitoral de 1982 comentava-se a proposta de doação de instrumentos novos à Folia por parte de determinado político, interessado nos votos dos Foliões.<sup>30</sup> Este "ensaio" segue noite a fora. E assim passam os fins de semana até a chegada do Natal. Um dia falta um, noutro dia aparece um antigo companheiro. Um local próprio para o ensaio da Folia é pleiteado pelos foliões de Mangueira, alegando o aperto das casas, e a interferência no ritual de membros da família dos que cedem a sua para os

---

<sup>30</sup> Ver Monte-Mór, Patrícia. De Reis e de política. In Comunicações do Iser n.2

ensaios. Espalhados entre a pequena varanda e a sala da casa de Teixeira, o dono da Mangedoura, os foliões se misturam aos netos do dono da casa, crianças que correm de um lado pro outro, aos filhos se arrumando para um baile, ouvindo rádio alto e sua esposa, com a televisão ligada. Um dos foliões trás uma fita gravada de uma Folia de Minas, que acompanhara no ano anterior, motivo de comentários e comparações.

É neste contexto da Candelária, na Mangueira, que os foliões, articulando os diversos papéis sociais que desempenham, organizam-se nas duas folias, fazem a sua "saída", recebem outros grupos visitantes: companheiros, amigos, foliões, conterrâneos, parentes.e atualizam as suas tradições na cidade.

A partir do universo de Mangueira, fui-me aproximando a outros grupos de Folias de Reis tanto na cidade do Rio de Janeiro (ver referências, mapas, descrições em anexo), quanto no Estado de Minas Gerais, acompanhando a rede de relacionamentos dos grupos de Mangueira.<sup>31</sup> O contacto entre os vários grupos se dá através de uma rede de relações pessoais, em que se sobressaem os laços de parentesco e de origem regional. Esta rede é particularmente visível à época das "saídas", do giro da Folia, quando uns grupos visitam outros grupos, especialmente nas suas "Festas de Remate", quando se encerra, a partir de 20 de Janeiro, o ciclo anual do ritual. Sem ligações telefônicas ou postais, contando unicamente com os contactos pessoais, os grupos de Folias escalonam espontâneamente as datas das festas, para que possam comparecer àquelas que lhes interessar.

Por diversas ocasiões, em visita à "Festas de Remate" de outros grupos de Folia, em áreas da Baixada Fluminense, no Grande Rio, distante algumas horas do Morro de Mangueira, locais pouco servidos por meios de transporte coletivos, encontrei as Folias da Candelária em visita . Seguindo de trem, de ônibus, a pé,

---

<sup>31</sup> Para uma discussão sobre "network" ver Clyde Mitchell, 1969; Epstein, 1969; Bott, 1976

as Folias varam noite a dentro, nesta peregrinação nos tempos de Natal, que se estende até Minas Gerais, berço mítico destes grupos. Acompanhei a visita de um importante folião de Mangueira, Geraldo, a Minas, no ano de 1984, na festa da Epifania, como é de costume entre os seus companheiros.

Para a Candelária também se orientam outros grupos de Folia, em sua Festa do Remate, fazendo dos becos e vielas uma grande agitação, com fogos de artifício, pessoas na janela, e toalhas estendidas em homenagem à passagem das Folias. Nestes festejos, outros moradores se aproximam. As tendinhas e biroschas ficam cheias. Ouve-se de longe a "batida" das Folias, e, de mais longe ainda, o samba, ou o funk, ritmo em moda na década de 80, que como de costume, nos sábados à noite, acontecia nos Bailes da AMOC.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Associação de Moradores da Candelária.

### CAPÍTULO III

#### A FESTA E A MEMÓRIA DA FESTA

##### A organização social das Folias de Mangureira

Clyde Mitchell(1971), investigando as relações sociais de segmentos africanos no meio urbano ( na região conhecida como Copperbelt, Rodésia, hoje Zimbabwe), teve como um dos objetos de pesquisa a dança Kalela - dança tribal popular naquela região do "cinturão do cobre". Segundo o autor, cada cidade africana daquela região tem seus times de dançarinos, originários de diferentes tribos, que atuam especialmente nos finais de semana e feriados. "A dança Kalela é somente uma dentre as muitas situações possíveis em que o tribalismo opera como uma categoria de interação"(Mitchell,C. 1971:35) E conclui o autor: "Para um grupo de dançarinos que pertence à escala mais baixa em nível da vida social, o uso de roupas elegantes ao estilo europeu é particularmente importante...No dia a dia, seu prestígio é pequeno, aos domingos, são admirados pelos expectadores na arena da dança"<sup>1</sup> Embora estudando grupos de origem tribal , as formulações básicas de Mitchell para a interação dos africanos nas áreas urbanas, através das pesquisas em torno da dança Kalela, parecem-me extremamente fecundas para o desenvolvimento deste capítulo.

A idéia básica que explica, em princípio, a existência das Folias de Reis na cidade do Rio de Janeiro, em especial aquelas que estamos estudando, encontradas no Morro de Mangureira ,é a de construção de uma "identidade regional". É recorrente a origem mineira, seguindo-se dos fluminenses e capixabas, no caso das lideranças dos grupos de Folia que se espalham pela cidade. Seu núcleo formador geralmente está vinculado a uma família extensa,

---

<sup>1</sup> Ver Mitchell, 1971:15.



que detem este saber ritual já há muitos anos. Migrantes mineiros na cidade, os Foliões de Reis de Mangueira, reproduzem no morro suas tradições rituais, baseadas nas relações de parentesco, compadrio, vizinhança, amizade que vão marcar as fronteiras do grupo ritual, conforme já citei no capítulo anterior. Externamente, em nível da comunidade Mangueirense como um todo, estes moradores são conhecidos como "o pessoal da Folia", embora estejam inseridos em diversas outras esferas da vida cotidiana no mundo urbano, enquanto exercendo profissões diversas, pertencendo até a diferentes Escolas de Samba, membros de diversas instituições religiosas ou mesmo moradores de locais diferenciados no morro e até mesmo fora dele etc. Assim, a identidade de Folião é complexa, conjugando os diversos papéis que desempenham no decorrer da vida social, podendo ser acionados em momentos distintos, demarcando assim fronteiras: diversidade própria do meio urbano nas sociedades complexas modernas.<sup>2</sup>

Quando do falecimento, em 1980, de um importante Mestre da Mangueira de Mangueira, já em idade avançada, seu corpo, uniformizado, foi envolvido com a bandeira da Folia e o velório acompanhado por trechos gravados de profecias, cantadas pela Folia. No conjunto dos diversos papéis sociais, ser "folião", aparecia como o mais englobante. Numa outra circunstância, ainda para exemplificar, o sanfoneiro da Mangueira acertou na Loteria. "Agora ele é um Folião milionário", era o que se comentava, "e com a ajuda dos Santos Reis."

Nas Foliadas de Mangueira, há os foliões mais velhos, que desempenham papéis rituais que exigem maior conhecimento e vivência, como de mestre, contra-mestre, mestre-palhaço, mas também estão presentes jovens, em geral filhos de foliões ou familiares que já cresceram dentro deste contexto da Folia. No caso dos "palhaços" esta herança familiar é quase que condição

---

<sup>2</sup> Para uma discussão em torno do conceito de "identidade social" ver Barth, 1970; Oliveira, 1976; Velho, 1981:44.

necessária. O aprendizado e o gosto por este papel se dá ainda na infância, seguindo, em geral, os passos do pai. No entanto, o "compromisso" com a Folia só passa a existir quando "vestir de palhaço" torna-se uma exigência, a partir de promessa feita pelo devoto dos Três Reis. A sanfona e a viola, ou violão, instrumentos tradicionais da Folia, são geralmente tocados por foliões mais velhos, experientes no seu desempenho, e dificilmente substituíveis. Já os instrumentos de percussão, como bumbo, caixa, tarol, triângulos, pandeiro, trocam mais facilmente de mãos e ficam a cargo dos mais jovens. As Falias de Reis se estruturam pois sobre os pilares dos "laços de parentesco", do "saber" e da "devoção", e assim são basicamente recrutados os seus componentes rituais. Este saber informal, transmitido de geração a geração, deve ser partilhado pelos foliões, para o desempenho dos papéis específicos. A devoção aos Três Reis, com uma promessa feita aos Santos Reis, em geral é o detonador da organização de um grupo de Folia, que, no entanto, vai depender daqueles que detêm o saber: e assim são definidos os papéis de "dono" e "mestre" na Folia. O dono ou mestre, em geral, tem como base a sua família extensa, sendo comum encontrar pais, filhos, tios, sobrinhos, avós, compadres, amigos etc, dentro de um mesmo grupo de Folia. Na Candelária, na Mangedoura de Mangueira, o "dono" é Teixeira, que organizou pela primeira vez a Folia no Morro na década de 40, por uma promessa, seguindo até hoje com a devoção. Não "saí" mais *por promessa*, mas *por devoção*: Cumpriu promessa por 7 anos, organizando e saindo com a Folia. Seu filho estava doente, com meningite. Estava com 6 meses. No dia seguinte saía do soro, segundo o relato de sua esposa Idalina. "Hoje tem 31 anos! (1980). " Teixeira já era devoto dos Três Reis e contou com a participação dos seus parentes e conterrâneos na reorganização do grupo na favela, considerada como o "galho" da Folia original, que ficara em Minas, o "tronco". A partir de então, foram-se juntando com a experiência anterior que já tinham, organizaram a Mangedoura de Mangueira, sob a liderança de Sr.

Beja (já falecido) e Teixeira. Naquele período também encontraram no morro, na região denominada Faria, a Sagrada Família - Folia de Sr. Serafim. Passaram então, com as "duas bandeiras", a se revezar na "saída" com as Folias. Era um só sanfoneiro para as duas, e os demais foliões - o mesmo não acontecia com o "mestre" - que cada uma tinha o seu - assim como com o "dono". O "palhaço" é, em geral, uma categoria que transita entre as diversas Folias, não se vinculando exclusivamente a um grupo determinado. Fala-se: "hoje fulano vai sair de palhaço na Mangedoura", que pode ser um morador local, parte desta família extensa, como é o caso do palhaço Mauro, filho de Simplício (mestre da Mangedoura) ou palhaços "de fora" que eventualmente, por um convite, vêm sair na Folia; ou um palhacinho aprendiz, menino de 12 anos à época, filho do "dono", Teixeira, que "já vestia farda". Mas é preciso ter o "saber" do palhaço. Isso vai-se conquistando na sua socialização dentro do próprio grupo, e de um certo empenho, assim como relata o antigo palhaço de Mangueira:

"Eu tinha 12 anos, morava no interior, Laranjal. Eu queria sair na folia. Aí papai falou: ano que vem eu vou te arrumar... Mandou um palhaço que tinha lá, antigo, fazer uma máscara e um capacete prá mim. Cheguei dentro de casa, até assustei. Aí ia brincando com um colega que sempre brinco na folia. Primeiro palhaço que brinquei foi ele. Aí no ano seguinte, já tinha mais capacidade do que ele. É porque tinha força de vontade. Eu gostava mesmo. Lia tudo. Passava a noite inteirinha estudando". (*Altevero*, Folia de Mangueira).

A "saída" ou "giro" da Folia está, portanto, vinculada à idéia de uma "missão" a ser cumprida, de um "encargo" que se recebe e o seu não cumprimento implica em sanções rigorosas, quebrando um ciclo de compromissos e reciprocidade:

"Sempre gostei de confiar mais em mim. Esse negócio de confiar nos outros,

numa *missão* dessas..." (depoimento de um palhaço da Mangedoura sobre o fato de gostar de atuar sozinho na Folia, sem a participação de outros palhaços, para melhor desempenho de sua "missão").

Com a Bandeira à frente, estandarte distintivo dos grupos, carregada pelo bandeireiro (bandeirista ou alferes da bandeira), a Folia se organiza em fila, numa ordem do tipo militar, assim como fica visível no uso de seu "uniforme ou farda", nos seus adereços (fitão de mestre, apito, quepe ou boné), no ritmo de sua "marcha", sua hierarquia interna, regras e sansões. O significado corrente da palavra Folia, enquanto sinônimo de "bagunça", "confusão", "carnaval": a "communitas", estaria mais próximo da definição do desempenho ritual do palhaço, dentro do grupo; enquanto a reafirmação da ordem social, da hierarquia, das regras, a "estrutura", parece ser reforçada pelo desempenho dos mestres, contra-mestres e demais foliões, que compõem o grupo ritual da Folia de Reis.<sup>3</sup> Os Palhaços variam em número de grupo para grupo, caminham atrás dos foliões enfileirados, nunca à sua frente, "senão o bicho pega": mestre, contra-mestre, instrumentistas e por fim os palhaços, nesta ordem. Os foliões organizam-se em fila dupla, em forma, ficando à frente o mestre e o contra-mestre. Os palhaços se colocam no final, sem um lugar demarcado, transitando por todo canto, dando seus passos requebrados e ensaiando alguns malabarismos. Há os que pulam carros, dão saltos mortais, fazem versos, recolhem dinheiro oferecido, aceitam desafios. Conforme as formulações de Da Matta (1977), as Falias de Reis estariam fazendo parte do conjunto dos rituais nacionais, engendrando assim tanto a "estrutura" quanto a "communitas".

O "dono" não obedece a uma posição física específica, pois deve estar durante todo o tempo fiscalizando, gerenciando, dirigindo o ritual em sua

---

<sup>3</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre ritual, ver Gluckman, 1962; Leach, 1954; Turner, 1974; Da Matta, 1977, 1979.

relação com o contexto externo. No caso da Mangueira esta posição é um tanto fluida, sendo "dono" e "mestre" categorias muitas vezes conflitantes. É comum o dono da Folia não vestir o uniforme do grupo, andando "à paisana". O rodízio de alguns componentes por diversas posições é possível, dependendo sempre de seu "saber" ritual. Pode-se sair "de mestre", convidado por um dono, em substituição ao mestre original. Pode-se sair "de palhaço".

O recrutamento exclusivo de homens para a Folia é um dos motivos de longas discussões e tensões entre os diversos grupos, o que não é obedecido pelos de Mangueira, embora enfrentando sempre oposições internas. No relato de *Geraldo Raimundo*, meu principal informante na Candelária, a folia Mangedoura foi, na verdade, fundada por "tia Maria, a mãe de Eva. Mas desde o início Teixeira era o dono". Maria vem ser a sogra de Altevero, e tia de outros foliões de Mangueira (ver diagrama anexo) palhaço da Folia. É interessante notar que na descrição de Joaquim Manuel de Macedo (1862), citada anteriormente, já se faça referência, no século passado, à participação de mulheres nas famosas Cantatas de Reis, grupos rituais encontrados no Rio de Janeiro àquela época.

Em suas versões rurais as Folias "saíam" na noite de Natal e seus componentes só retornavam à casa no dia 6 de Janeiro, justificando-se assim a ausência tradicional do sexo feminino, conforme o discurso dos informantes. Na cidade, esta prática se diferencia: saem e retornam no mesmo dia, o que facilita a presença de mulheres tanto "acompanhando", quanto desempenhando variados papéis. Se o mais comum é atuar em posições pouco exigentes em nível do saber ritual, como "bandeireiras", reforço da "requinta" (ou 2a. voz), conforme encontrei em Mangueira, existe o caso de D. Alzira, por exemplo. Já por muitos anos organiza uma Folia, enquanto "dona", conhecida como "Folia de D. Alzira", no Morro dos Macacos, zona norte da cidade.

Durante os meses finais do ano os ensaios da Folia se iniciam. Reunem-se, em geral, na casa do dono da Folia. Na Candelária, as pequenas casas da favela, que abrigam numerosas famílias extensas, recebem os amigos foliões, que se misturam aos moradores num entra e sai de sábado à noite.

O saber da "profecia", cantada pelos foliões, exige treino, dedicação, especialmente por parte do "mestre" e "contra-mestre", que devem saber os versos para não cantar "no recurso", ou verso inventado - para uma platéia que "entende", de devotos, visitados em suas casas pela folia em "giro".

"A Profecia é tirada da Bíblia, e tem um cara que vai fazendo aqueles versos. Não é a gente que inventa não. Aquilo vem de trás, vem de longe.." (Simplício, Mestre da Mangedoura).

A "Anunciação, o Nascimento, os Padecimentos, a Viagem dos Reis" são as partes que compõem as Profecias:

"Antes é a Anunciação até chegar no Natal. No Natal, a gente canta a Anunciação antes da Meia Noite, aí já parte pro Nascimento. Cantou o Nascimento, aí já vai cantar a Viagem, os Padecimentos da Viagem, até o dia 6. No dia 6, a gente canta a Viagem dos Reis. A Viagem dos Reis a visita que eles fizeram ao Menino, a Adoração. A partir do dia 6, já muda pro Martir São Sebastião... A gente estuda muito, mas não dá prá cantar tudo. Porque se a gente for cantar o que a gente aprende, leva dois dias e não canta tudo! (Simplício).

No Natal de 1980, a Folia Mangedoura de Mangueira fez sua saída de dentro da Igreja de N.Sa. da Candelária, à Meia-Noite, dentro do Morro, seguindo com o "giro" pelas casas de devotos previamente acertados.

Em seu trabalho "Deus te salve, Casa Santa" (1979:42) Carlos Brandão fala sobre a função simbólica das profecias, o conteúdo das cantorias na Folia:

"Em várias descrições de livro, de revista, de jornal, são ressaltados os aspectos e momentos da Folia que, separados do resto, parecem apenas



pitorescos. Quase sempre os versos recolhidos pelo pesquisador são os mais curiosos ou mais solenes, como os da Adoração, por exemplo. Descritas assim, parece que as Folias dos Santos Reis cantam as mesmas coisas, do mesmo modo e com as mesmas falas diante de qualquer pessoa. De fato há prolongadas sequências de leitura popular da história do Natal. Alguns Mestres seriam capazes de cantar durante horas falando de acontecimentos que vão desde antes da Anunciação a Maria, até depois da Fuga para o Egito. Mas o que a cantoria faz é confundir, simbolicamente, nos seus versos, trocas também simbólicas entre sujeitos revestidos como seus atores."

A relação Folião-Devoto é essencial para a própria existência ritual da Folia, "representando" a relação Santos Reis - Deus Menino.

A partir de 6 a 20 de janeiro, a Folia passa a louvar São Sebastião, padroeiro da Cidade do Rio de Janeiro. São Sebastião é reverenciado pelas Folias que estendem, em geral, sua peregrinação até esta data, cantando em versos a história do "martir" da Cidade.

Cantar a profecia toda ou em parte, de acordo com a data ou a casa visitada, está vinculada também a outro fator: o nível de conhecimento ritual do devoto. Cantar na casa de quem "entende", é uma coisa, "se bobear, vira um dia e uma noite cantando." (*Simplício*, mestre, Mangueira)

Em cada casa de visita da Folia, o morador faz a sua doação, prendendo, na "bandeira", a sua oferta. Estes donativos, geralmente em dinheiro, são destinados à preparação da "Festa do Remate"- encerrando o ciclo de reciprocidade instaurado pela Folia: dar, receber, retribuir, entre foliões/Santos Reis/devotos. Os foliões organizam a Folia em função de uma promessa feita, de um compromisso com o santo. Os devotos recebem a Folia em função de uma promessa feita, por sua vez, retribuindo a visita da Folia com as doações feitas à bandeira. Em troca, a Folia organiza a Festa

do Remate, com as ofertas recebidas, e convida os devotos e juntos, celebram a sua devoção. É nesta festa que se encerra o ciclo anual de Folia, o seu "giro", dentro de uma "jornada". A Mangedoura de Mangueira faz o seu "remate" na casa do "dono". Para esta festa, uma enorme quantidade de comida é preparada. Entrega-se a "bandeira", para só reiniciar o novo ciclo ao final do ano. Poder-se-ia entender assim as Falias de Reis enquanto organizando um sistema de trocas, de reciprocidade, no meio urbano. Mauss (1974) em sua obra clássica, discute a questão da "dádiva e a obrigação de retribuir" nas chamadas sociedades arcaicas e afirma que "um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram que contratar com eles foi, antes de tudo, o dos espíritos dos mortos e os deuses... Era com eles que era mais necessário trocar e mais perigoso não trocar." <sup>4</sup> Este "contrato" é feito com os Santos Reis, e a festa do Remate seria o momento ritual em que esta reciprocidade se atualizaria de forma mais explícita. "Na festa, se redistribui aquilo que foi acumulado por todos os devotos do santo, tornando-se os bens ofertados não mais simples mercadoria, mas objetos de troca social." (Ver Guimarães, 1974:70).

A "Mangedoura" tradicionalmente recebe outras Falias no seu "Remate", convidadas para o jantar. Vem o "Seu Zé", de Mutuapira, Niterói; "D. Alzira", do Morro dos Macacos; "Seu Silva", de Jacarepaguá, entre outros grupos. Geralmente comparecem aos Remates também "mestres" e "foliões" à paisana, ou seja, sem o uniforme ritual, sòzinhos, muitas vezes com o gravador em punho - como é o caso de Geraldo Teodoro, conhecido "mestre" da Folia Estrela D'Alva, da Penha.

Finalizados os rituais de jantar e "entrega da bandeira," a noite acabava na Amoc - Associação de Moradores, no baile de sábado. A sede da Associação

---

<sup>4</sup> Para discussão sobre o conceito de "reciprocidade", ver Mauss, 1974.

\* É interessante notar o **Estatuto** da Folia de Reis Estrela D'Alva, distribuído por seu Mestre, Geraldo Teodoro, numa das festas em Mangueira. (Ver em anexo).



era, aos sábados, alugada pela esposa do dono da Folia Mangedoura, que explorava os bailes semanais no local, como uma forma de engrossar o seu rendimento mensal, além da sua profissão de costureira. Neste baile, todos participam indiscriminadamente. O homem de uniforme ritual ou não, assim como a mulher. Mulher pode dançar com mulher. Vai a quem quiser dançar. Esta prática me parece ser comum nas festas de Remate de Folia, especialmente junto àquelas a que compareci durante os vários anos de minha pesquisa no Rio de Janeiro, distinguindo-se assim das observações de Carlos Brandão(1971) ao estudar as festas de Santo no interior de Minas Gerais e Goiás: "Todos os devotos camponeses sabem também que um baile, um pagode, são dança do Diabo que misturam homens com mulheres e são a ocasião de pecado, brigas e crimes. Tanto em Minas na Folia de Reis, quanto em São Paulo, no São Gonçalo e na Santa Cruz, *não encontrei bailes* nas festas ou nas reuniões de rituais coletivos a um santo padroeiro..." Procurarei abordar as questões referentes ao catolicismo popular em capítulo seguinte, quando voltarei a me referir a essas observações.

A "Sagrada Família" se organiza em função do cumprimento da promessa do seu falecido dono, Serafim. Faz um "giro" mais curto, angariando uma quantia modesta, o que não lhe permite organizar um "Remate" farto. No entanto, com o apoio de um ou outro amigo, simpatizante (visitantes, pesquisadores) e o que é obtido nas "saídas lá em baixo"- na cidade, nas universidades, nos eventos públicos em que as Falias são convidadas, nas "apresentações" - é também somado aos recursos disponíveis para a realização da festa.

#### Festa do Remate na Candelária: Maio, 1981.

Cheguei por volta das onze da noite à Candelária. Logo a entrada, encontrei-me com Astério, membro da família extensa dos foliões vindos de "Minas". Seu sogro, já falecido, era o famoso dono da Folia Mangedoura, seu Beja.

Não participa diretamente da Folia, mas "palpita", segundo ele. Está sempre por perto, "dando uma força", "ajuda". É irmão de Altevero, o Mestre-palhaço. Conversava na esquina de um beco, e me dizia que a festa estava "quente", tinha muita folia chegando...

Fui entrando. Tomei o caminho da tendinha do Barbudo - logo nas imediações da entrada da rua de Baixo, onde o foguetório espocava e havia muita gente. Passei em frente à Igreja Católica, à Assembleia de Deus e na pequena rua de acesso à casa de Teixeira já avistava a Folia de Mutuapira, Niterói que fazia o seu encontro com a Bandeira da Mangedoura - carregada por uma senhora. Esta vinha de frente, se encontrava com a outra visitante, cruzavam-se as bandeiras, ajoelhavam-se, levantavam-se e subiam para a casa de Teixeira, o "dono", sendo que a Mangedoura vinha de costas, pelo beco, mantendo-se de frente para a Folia convidada. Atrás dela, junto dela, ao redor, por toda parte, muita gente da Candelária, moradores, amigos.

Fui encontrando gente! Moradores do morro, devotos amigos, parentes dos foliões, curiosos e alguns pesquisadores de fora, como Cáscia Frade (a quem me vou referir no decorrer deste trabalho). Muita gente acompanhava os dois grupos, em silêncio, quando tocavam. O ritmo do encontro era de "marcha", somente os instrumentos, sem o canto. Quase que como numa disputa de sons. A que chegava tocando, a que recebia tocando e em meio a isso, os gestos rituais do cruzamento e da jenuflexão. E os palhaços já fazendo das suas brincadeiras, soltando umas exclamações em voz alta. Paravam por uns minutos. Se cumprimentavam, enxugavam o suor com uma toalha de rosto que costumeiramente trazem ao pescoço, trocavam algumas palavras e seguiam para a casa do jantar, continuando o ritmo até a porta de entrada. Ali o mestre dava o sinal, com um apito, para parar. Algumas toalhas foram estendidas nas janelas, lembrando as procissões medievais,

pelo percurso das folias. À chegada da casa tinha um portãozinho para entrada, uma pequena varanda e a sala, onde a mesa estava posta. Todos entravam. Relaxavam, encostavam os instrumentos e corria um pouco de conversa entre os presentes. Acompanhei-os até alí, quando encontrei-me com Altevero, informante fundamental desde os tempos da pesquisa de 77, sabido Mestre-palhaço. Estava numa "tendinha", numa "birosca". Recebeu-me com um abraço, perguntando quando voltaria à Companhia de Cerâmica Brasileira (através dele fiz as visitas àquela indústria). Queria saber se eu já me havia encontrado com outros pesquisadores também seus conhecidos, alí presentes, se o Teixeira já me havia visto.

Na casa do Teixeira era impraticável entrar. Gente por todo lado. Fiquei do lado de fora, por algum tempo. Geraldo Teodoro, conhecido mestre Folião, da Penha, estava com seu inseparável gravador, registrando tudo o que podia. Quando entrei, a Folia de Mutuapira estava sentada ao redor da mesa, na sala da frente, tendo uma gorda leitoa ao centro. À frente de cada um dos foliões, um copo de vinho. A Folia da Mangueira, ao redor, de pé, cantava para os convidados a "Santa Ceia", parte de uma profecia. Alí se fazia silêncio para escutar. Pessoas ao redor, olhando pela janela da sala, que dava para a varanda. Lá fora, era clima de festa e algazarra. Vez por outra cruzava o caminho um cachorro ou um gato.

Entre para falar com Idalina, esposa do "dono". Encontrei-me à entrada com Teixeira, que dizia me esperar para fazer a festa... estava sem uniforme, de bermudas, correndo para baixo e para cima, mandando buscar caixa de cerveja.

D.Idalina, na cozinha, comandava outras três senhoras, servindo os pratos da panela, que saiam para a sala. Um panelão imenso de arroz, que àquela hora

já estava abaixo do meio. Carne de porco, feijão, macarrão. Era a vez da mesa dos convidados, os demais, esperavam.

Chegava uma folia atrás da outra, anunciada com fogos, e o ritual do encontro se repetia. Saía a de Mangueira da casa, ao encontro da visitante, voltava de costas, levava a Folia para casa, oferecia a ceia. Seguia a festa noite a dentro...

Vieram 3 grupos com em média 30 pessoas cada um, naquela noite. De Mutuapira (Niteroi), Ramos, Jacarepaguá. Palhaços gritando, pulando, os instrumentos batendo a "marcha de rua" - "toada" para a caminhada da Folia, sem as profecias . Ao meu lado estava Deca, palhaço, enquanto eu observava a chegada da segunda Folia, ele fazia versos.

Nesta noite, o mestre era Simplicio, de Mangueira e Otacílio de contra-mestre. Vários foliões meus conhecidos participavam naquela noite, outros faltaram. Manuelzinho, tocando na folia, vinha a toda hora até a tendinha em frente tomar o seu "10 de cachaça".

O filho de Teixeira, Luís, instrumentista, conversava conosco sobre a sua participação na Folia: era pela "brincadeira", gostava de tocar. Depois falou da promessa do pai, pro irmão doente. Lemir, o outro filho, o palhacinho "Serenio", sentou-se na lage de uma casa ao lado, observando o movimento.

Os palhaços não tinham espaço para pular alí. Diziam que iam pular na sede da AMOC, lá em cima, onde estava havendo, naquele momento, um forró. Era noite de sábado.

Por volta da uma da manhã subi acompanhada de alguns foliões, fardados,

para a sede da Associação, para ver o baile. Benício, que não havia aparecido na festa (mestre importante), estava lá dançando. Quando voltávamos para a casa de Teixeira, uma mulher que vinha pelo caminho falava que já estava bom da folia parar com tanta cantoria, e ir pro forró!.

Seu Teixeira estava preocupado porque havia convidado uma única Folia para a festa, e já tinha aparecido mais duas. Ouvia boato de que viria uma quarta!. Preocupava-se com a comida. A Mangedoura foi a última a se sentar à mesa para o jantar, fazendo antes a sua "entrega da bandeira", quando cada folião vinha, um a um, beijava as fitas presas à bandeira, ajoelhando-se e fazendo o sinal da cruz.

O dia amanhecia.

Nesta folia de Mangueira, a Mangedoura, há a participação de mulheres, o que gera sempre discussões por parte dos foliões mais tradicionais. As cores tradicionais do uniforme dos foliões são verde e rosa: alguns verde e outros, rosa, usados, em geral, misturados. O Chapéu é ornamentado com enfeites típicos natalinos, em verde e prateado. As mulheres usam uma boina de feltro verde, salpicadas de ornamentos prateados, misturando missangas carnavalescas com adereços de natal.

Por parte dos demais moradores, a participação ou não na festa parece se dar em nível do sentimento de pertencimento de cada um aos grupos de Folia. Com aquela farta e impressionante distribuição de comida e bebida - também serviam caixas de cerveja e refrigerante - não havia ninguém fiscalizando ostensivamente a porta da entrada da casa de Teixeira. Muita gente aglomerada dentro e fora da casa, numa aparente confusão. No entanto, há os que participam, entram, comem, há os que simplesmente observam, as crianças brincam com os palhaços.

Finalizados os rituais da entrega da bandeira (em outras festas há benzedores, rezadeiras, padres até representantes da Igreja Brasileira, oficializando a cerimônia), da ceia do folião, chega a "vez do palhaço." Sobem para o "terreirão" - o espaço contíguo à sede da Associação de Moradores - com as folias todas batendo, naquele espaço amplo e baldio. Organizam-se em grupos, e os palhaços vão-se revezando numa roda, um de cada vez, outras vezes em duplas, fazendo os seus versos, a "chula" (para alguns exemplos de "chula", ver em anexo), ganhando o seu trocado, que jogado ao chão pelos assistentes, é recolhido por ele e colocado numa bolsinha própria, que carregam consigo. Com aquela aglomeração de pessoas, roupas coloridas, as folias "batendo", uns palhaços pulando, em desafio, e levantando a poeira do chão, outros encostados, tirando um cochilo, encerram a noite daquele ciclo de Folia, já dia claro.

#### A Promessa: uma obrigação

A Promessa, em geral, é a motivação primeira para a organização de um grupo de Folia - conforme depoimento de meus informantes e a literatura existente sobre o tema. No entanto, esta categoria vem sempre seguida de outras, que vão dar bem o sentido desta decisão: *obrigação, responsabilidade, contrato, encargo, compromisso, missão*. Assim, fazer uma promessa aos Santos Reis significa aceitar uma missão, fazer um contrato, tomar um compromisso, um encargo, carregado de regras, valores e normas que devem ser seguidos, sob pena de um rompimento com o Santo, caso não seja levado à risca, acarretando as penas supostas.

Mauss (1974) na sua obra já citada, chamava a atenção para a forma teoricamente voluntária, mas na realidade obrigatória de dar e retribuir, nas sociedades arcaicas, dizendo: "recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber equivale a declarar guerra: é recusar a aliança e a



comunhão"(1974:57-58).

Assim, devotos e santos, fazem trocas entre sí. Pede-se ao santo uma graça prometendo-se, em troca, organizar uma folia "por sete anos". Devotos retribuem em honrarias a proteção que lhes é dada pelos santos, organizando a folia e com ela peregrinando, encerrando com a festa, redistribuindo os bens acumulados . Para Fernandes <sup>5</sup> a promessa implica "uma visão de mundo que condiciona a sua prática, caracterizando o que é razoável esperar dela, definindo os seus usos e abusos, oportunidades e perigos". Uns obrigam-se a "fazer Folia", outros a "receber Folia". E o ciclo de reciprocidade e obrigações, instaurado pela promessa , continua: devotos, devotos-foliões, Santos Reis.

Em Mangueira, o que se diz é que alí "todos já cumpriram suas promessas e nada "devem"aos Santos Reis. Saem somente por "fé"e "devoção".

#### As Falias de Mangueira: de duas se faz uma.

Hoje em dia a Folia tá mais é a parte comercial, da cantoria das casas. quanto mais casa a gente cantar, tem mais oferta prá poder fazer a festa o fim do ano para os foliões "<sup>6</sup> (Mestre Zé Diniz)

Esta idéia da progressiva "decadência" das tradições populares, implícita na idéia de que estão se tornando mercantilistas, recorrente tanto na literatura acadêmica, quanto nos noticiários da imprensa, e repetida pelos próprios integrantes de diversos grupos, parece estar distante do que encontramos nas Falias de Mangueira. Receber dinheiro, por exemplo, não significa, necessariamente, contaminar-se com os chamarizes da cidade, em oposição à oferta recebida na roça: animais, produtos da terra, etc. No depoimento dos informantes de Mangueira, é o "giro" dentro do morro que engrossa o

---

<sup>5</sup> Ver Fernandes, 1982:47

<sup>6</sup> In Rocha, Adair. 1985:82.

orçamento da Folia, os recursos essenciais para a realização da sua festa e para a sua manutenção enquanto grupo ritual. Este é o "giro" entre aqueles que "entendem" de Folia. Desta economia pode ser, no entanto, lançada mão em situações limite, em casos de extrema necessidade de seus integrantes, para compra de remédios, situações de morte etc.<sup>7</sup> Alguns relatos nos chamaram a atenção para este dado.

De fato, adaptações e inovações vão ocorrendo, na prática do ritual, assim como se organiza a própria vida social destes mineiros na cidade. A partir da política cultural do Estado, nos anos 70, as Folias tornam-se mais conhecidas e solicitadas para inúmeras "apresentações" públicas.<sup>8</sup> Estas transformações ficam mais transparentes nas "apresentações", e fazem surgir inconformismos por parte de muitos foliões. Parecem, no entanto, fazer parte de uma estratégia de sobrevivência para o ritual e seus praticantes, na cidade, que assim atualizam e re-codificam o seu mundo.<sup>9</sup>

"Distinto público, Boa tarde. É com muito prazer que eu trago aqui um grupo de Folia de Reis da Mangueira - Sagrada Família. É composta com 12 componenetes...Essa Folia de Reis é nossa iniciativa. O que nós ganhamos é prá comprar uniforme, gastar em missa, e o resto gastar em festa pro pessoal do local e os demais amigos que aparecem. Nós temos aqui em nossa religião, que é uma parte católica, o "mestre", que vai apresentar um trecho da Viagem da Adoração, que é o "Azul do Grande Espaço". É quando os Reis Magos foram adorar o Menino - Deus. É o mestre Sebastião Alves de Oliveira

---

<sup>7</sup> Clyde Mitchell (1971:20), em sua pesquisa sobre os grupos tribais de dançarinos no Copperbelt africano observava que "estes também atuavam como "sociedade de amigos", "sociedade de assistência, emprestando dinheiro, responsabilizando-se por funeral etc".

<sup>8</sup> Neste caso, o público é outro, distinto daquele que "conhece" os Reis, e a "saída" não está presa à promessa, e sim ao desejo de tornar público o grupo, de se apresentar e de um certo tom competitivo, entre as várias Folias que costumam comparecer.

Foi a partir deste período que se iniciou cadastramento das Folias de Reis no Departamento de Cultura do Estado através da Divisão de Folclore, num projeto que visava mapear as manifestações da cultura popular em todo o Estado. Forneciam-se carteirinhas de registro e identificação para os grupos de Folia (ver em anexo).

<sup>9</sup> Prado(1977:66) ao tratar das festas na estrutura social camponesa, vai analisá-las como uma "reafirmação das condições ideais de reprodução daquele grupo de pessoas de camadas baixas da sociedade, residindo num bairro periférico, mas sob a pródiga proteção do santo".



que vai cantar, com o sanfoneiro Sebastião Elias Gomes..."

(*Geraldo Raimundo*, ao microfone, no palanque armado à Rua Uruguaiana, centro do Rio, numa "apresentação", em comemoração ao Dia da Cultura, 1985).

Para as "apresentações", em geral, "Mangedoura" e "Sagrada Família" se fundem. Outra lógica organiza as "saídas". Geralmente, em horários de difícil disponibilidade para os foliões, o "dono" de uma delas se responsabiliza pela organização da "Folia de Mangureira" - a fusão das duas - que está escalada para se apresentar. Geraldo, que já tem diversos contactos estabelecidos com setores da área da Cultura do Estado e do Município, bem conhece este código e sabe se movimentar dentro dele "contratando" a saída da Folia, e funcionando como seu empresário.

"Geraldo é com a parte da comunicação. Ele já leva jeito. Ele fica com essa parte. Combinar as coisas lá fora!" (*Filha do antigo dono da Mangedoura*).

O folião pode ser de um outro grupo, vestindo a "farda" da Folia em que estiver participando. Para a escolha do grupo a se apresentar, concorrem diversos fatores:

- a. o grupo mais "ensaiado"
- b. o grupo originalmente "convidado"
- c. a disponibilidade dos foliões.

Como é Geraldo quem mantém maior contacto com as instituições externas à Mangureira, A Sagrada Família, nos últimos anos, se fazia mais presente em tais eventos, por estar vinculada diretamente a ele, que cumpria promessa em lugar do falecido dono Serafim. As bandeiras e os uniformes são a principal marca distintiva dos dois grupos.

### O Dono, o Mestre, o Palhaço: saber e poder

Componentes estruturais da Folia de Reis, "mestre" e "palhaço" marcam momentos distintos da representação, guardando significados simbólicos opostos e complementares:

O "mestre", além de liderar a jornada (dividindo com o dono ou o gerente, em algumas Folias), comanda a cerimônia de visita às casas dos devotos, puxando a profecia e os versos, respondidos (repetidos), estrofe por estrofe, pelo "contra-mestre", sempre acompanhado pelos demais foliões que são também músicos: sanfona, violão, bumbo, triângulo, pandeiro, caixa, tarol etc. Os "palhaços" que variam de 1 a 3 nas Folias, na Mangueira costumam brincar três ao mesmo tempo. Identificados com o "Cão", "Diabo", "Herodes", "Soldado de Herodes", "Seu Tranca Rua", "o Centurião que mandou matar Jesus" recebem uma farda específica: uma "fantasia", usam uma máscara "de couro de bode" e um nome de palhaço: Pinga-Fogo, Malagueta, Catapora, Trovão, Sereno, Ventania, Bico Doce etc. Não participam do ritual dentro da casa dos devotos, permanecendo do lado de fora, durante a visita. Quando chega a sua vez, faz-se uma roda, a bateria toca "no ritmo do palhaço": este ordena a parada dos instrumentos, com um grito: - "Êta ferramenta!" Começa então a fazer versos, cantar, pular, dançar, fazer brincadeiras. Todo palhaço dispõe de um variado repertório: tanto imita seus colegas quanto decora versos, estórias rimadas e trechos de emboladas e desafios, publicados nos inúmeros folhetos da literatura de cordel (O Reino da Bicharada, Pavão Misterioso, Zé Pretinho, Lampião, a Morte de Getúlio etc) É a "chula do palhaço". "Chula" tanto denomina o tipo de verso na Folia quanto o próprio "tempo" designado para o desempenho do palhaço.<sup>10</sup>

Na Mangueira, diz-se que o palhaço tem por obrigação saber igual ao

---

<sup>10</sup> Descrição detalhada do ritual de visita de diversas Folias, ver Castro e Couto, 1977 e Brandão, 1977.

mestre, ou mais que ele. Tanto mestre, quanto palhaço têm a exigência ritual de um saber específico e complementar, que exige memória, "gogó" e rima.

"Se o mestre fracassar, em qualquer ponto, o palhaço tem que cobrir a falta do Mestre" (*Simplicio*, Mestre da Mangedoura e Mestre Palhaço).

"A Folia é do dono, entrou na rua, quem toma conta da retaguarda é o palhaço, e na frente, é o mestre... Eu sou a autoridade máxima, se até o Mestre vacilar, eu posso tirar êle, apanhar um e botar prá frente. A polícia da bandeira é o palhaço. Às vezes sai treze homens e um palhaço só..." (*Altevero*, palhaço de Mangueira, 1977).

O bom palhaço é considerado Mestre Palhaço. Nem todo mestre foi um dia palhaço, mas, no discurso dos foliões da Candelária, o "bom palhaço", o "mestre palhaço deve ter o Reis na cabeça", como o mestre folião. No caso de uma falta, cabe ao palhaço tirar a farda e substituir o mestre.<sup>11</sup> O sagrado e o profano, a estrutura e a *communitas*, como face de uma mesma moeda.

O "dono" da Folia se encarrega da parte administrativa: recolhe os donativos, guarda os instrumentos, as roupas, providencia consertos, marca e organiza "saídas". No caso da Candelária, estas funções são assim delineadas, mas não sem tensões. Em outros grupos de Folia, como nos de Minas, que acompanhamos<sup>12</sup>, "mestre" e "dono" são um só cargo, havendo, no entanto, a categoria "fiscal" ou "responsável" pela Folia, assumindo o papel que desempenha o "dono" na Candelária.

No discurso do Mestre Simplicio (Mestre original da Mangedoura, que a partir de 1984 passa a ser Mestre da Sagrada Família), a "roça", num determinado momento se confunde com aquele pedacinho de Minas Gerais no Rio de Janeiro, a "Mangueira", lugar onde se entende de Folia e que se diferencia,

---

<sup>11</sup> Ver Monte-Mór, Patrícia. A Folia do Seu Zé. Notas de Uma noite de Festa. PPGAS, Mimeo, 1980.

<sup>12</sup> Folia do Martin, em Laranjal, Minas, remanescente do grupo originário dos foliões de Mangueira, que a acompanhamos durante os festejos do dia de Reis, em 1985.

para fora, em relação a outros grupos de Folia, à rua, à apresentação, aqueles que não entendem. Se o público de Minas, que aqui é semelhante ao de Mangueira, entende, é devoto, sabe receber a Folia, o público da cidade é expectador, "não entende".

"Quando chega num presépio, canta na casa de um folião que sai na Folia, que entende, a gente chega e canta um trequinho, prá agradar a ele, que ele viu que a gente cantou dentro da profecia. Aqui na Mangueira em quase toda casa tem que cantar profecia. Todo mundo "entende". Se não cantar, eles falam que cantou "gambá"."

"Profecia" versus "gambá" é outra diferenciação que é feita envolvendo o saber do Mestre folião. Cantar "gambá", segundo Simplício, é verso inventado, é cantar de improviso, "que não tem nada a ver com a profecia". A profecia está para a casa do devoto folião assim como "gambá" está para as apresentações públicas, onde as pessoas nada entendem de Folia, e, por isso, segundo os foliões, acabam aceitando a presença de Mestres que não têm conhecimento, e só querem ver o palhaço cantar...

"Antigamente o palhaço se danava todinho aqui nesse terreiro, eu já me danei todinho e não ganhava nem dois mil réis...E palhaço hoje em dia, você conhece mais que folião. Palhaço só anda com a cara descoberta. Antigamente você andava a Folia toda e não sabia quem era o palhaço". (Geraldo, Folião de Mangueira, em Minas).

No caso da Folia Mangedoura de Mangueira, podemos arriscar a dizer que o domínio do Mestre extrapola o nível do ritual, atingindo outras esferas da vida social dos foliões - na medida em que a identidade de folião se torna mais envolvente. Em uma Festa de Remate à qual estava presente, durante período de campanha eleitoral na Cidade do Rio de Janeiro, o contacto de

um candidato a vereador por um determinado partido de oposição, com a Folia, se fazia diretamente através do "mestre"- que autonomamente marcava data e hora de reunião, sem consultas ao "dono".

"Nessas folias aí prá fora, o mestre é o dono. Aqui não. Nós aqui não temos promessa e o Teixeira (dono) não sabe cantar. Ele cede a casa prá gente, ele é o dono - é o dono da casa! Então alí, como ele não sabe cantar, então eu mando igual a ele! (*Mestre da Mangedoura*)".

Teixeira aparece no discurso dos foliões mais como "dono da casa" onde ensaia a Folia do que "dono"da Folia, e neste jogo, a questão do saber ritual parece desempenhar papel fundamental.

"Eu e o Jonas (mestre e contra mestre) somos o cabeça firme do Teixeira. Falta roupa, a gente compra: farda...Se a festa ficou fraca, nós dois compra, ajuda a ele, sabe?" (*Simplício, Mestre da Mangedoura*)

"Ajuda", na medida em que esta função caberia ao "dono". Teixeira, com filhos e netos em casa, aposentado, acaba delegando à esposa Idalina a função que lhe caberia como "dono"da Folia, na escolha de uniformes, na ordenação dos gastos, etc . A disputa pelo poder ritual levou, no ano de 1984, à separação formal dos dois grupos: Mangedoura e Sagrada Família, conforme já citei. Geraldo Raimundo, membro ativo da Mangedoura, "irmão de criação" de Altevero, passa a ser "dono"da Sagrada Família, em lugar de Serafim, seu dono original, àquela época falecido. Na Mangedoura, Geraldo atuava como um empresário, "ajudando" a Teixeira e ao Mestre, fazendo os contactos externos do grupo. Aos poucos, foi dominando estes códigos particulares. Passou a conseguir várias regalias para os grupos, como facilidade no fornecimento de "licenças", apresentações públicas dos grupos, participação em festas de Natal em diversas instituições e residências

particulares, fora dos limites do morro.

O rompimento de Geraldo com a Mangedoura, não vinha sem um conjunto de acusações ao seu grupo original, incluindo aí críticas ao fato de aceitar "mulheres", a falta de "ordem", falta de "respeito", "muita cachaça". Com Geraldo, seguiram vários foliões de Teixeira, inclusive o seu Mestre, Simplício.

"Essa Folia tá uma jangada! "(*Altevero*, palhaço da Mangedoura)

"Nós temos vontade de sair com a bandeira, mas nós não temos casa! Quer dizer, nós temos que ir fazendo sempre assim na Folia dos outros. Ajudamos D. Alzira, Teixeira, lá no Andaraí, seu Silva. Nós queríamos ser dono. ser mestre e ser dono. Quer dizer, a bandeira por nossa conta, mas nós não temos condição ". (*Simplício*. Mestre, Magedoura de Mangueira)

Quando questionado sobre a diferença entre sair numa Folia em que se é o próprio Dono ou sair de Mestre numa Folia de outro Dono, Simplício responde:

"É a liberdade... Porque aí, ainda que ele entregue por nossa conta, ele quer mandar, então não adianta nós querermos toda vida ser mandado por ele. Agora, se ele falasse: olha, vocês vão embora com a bandeira, volta na hora que quiser... Aí tudo bem. Mas ele sai atrás, perturbando. Eu não, o Jonas não, mas tem outros nervosos aí que diz que não volta mais."

Em uma noite de Janeiro de 1983, acompanhei o "giro"da Mangedoura no morro, de casa em casa dos devotos. Numa das visitas, a Folia chegou à casa de uma senhora, onde funcionava um terreiro de Umbanda: visita previamente combinada, segundo os foliões. Criou-se um impasse entre o "dono"e o "mestre"da Folia, ficando então explícita a questão do

"saber" enquanto legitimação do poder do "mestre".<sup>13</sup>

"Folia não anda em macumba. Chega, canta três versos e sai. Os Três Reis nunca andaram em macumba, são livres." (Teixeira, Dono)

"Teixeira não sabe nada. Não sabe profecia. fica falando, mas se mandar cantar, não canta nada!" (Simplício, Mestre)

Dentro desse mecanismo das acusações é que se recriam as duas folias. O rompimento com uma leva o folião à outra, mas em circunstâncias específicas as duas acabam se unindo numa só.<sup>14</sup>

A legitimação deste saber reivindicado pelos foliões está voltada para a memória de sua prática ritual, na tradição que trouxeram de Minas para a cidade. Minas Gerais é como uma fonte de onde se bebe a água que alimenta e dá vida à Folia, em sua existência na cidade, na Mangueira. É a memória da festa da Folia na roça, mas é também a festa hoje: a festa das folias que por lá continuam a sua jornada, como os seus conterrâneos de Mangueira.

### MINAS: a festa e a memória da festa

"Era melhor antigamente... lá já mudou: sai só no sábado e domingo. Lá só tem uma Folia que vai até o dia 6. Era do dia 31 de dezembro até o dia 6. Depois do dia 6 saía a charola de São Sebastião. Aí tem que sair com os dois quadros (de São Sebastião e da Adoração aos Reis). Quando desce a noite, onde estava a bandeira, ficava. Hoje já mudou tudo. Cantava 6 dias seguidos. Os que tinham a devoção da

---

<sup>13</sup> Simplício costuma andar com "profecias novas" dentro de sua carteira de dinheiro, para que possa ler em todas as oportunidades para "aprender e decorar".

<sup>14</sup> Muitas "apresentações", para as quais a Folia é convidada, acontecem em horário normal de trabalho dos foliões, o que limita o número de participantes disponíveis para a "saída", por exemplo, podendo ser este um dos motivos de participação de foliões de uma Folia sob a bandeira de outra.



charola, pegava a bandeira e ía. Hoje a brincadeira vai e volta. Às vezes a gente estava longe da fazenda, meu tio dizia: - Fica aí que já é noite! A gente dormia em paiol de milho, tirava o paletó curto e jogava pro canto. Às oito horas meu tio chamava de novo. Quando saí tinha 12, 13 anos. Virei fazenda até chegar em Sapucaia. Era tudo a pé, como daqui a Cascadura, ao Méier. (*Folião de Mangueira*)."

Para os foliões de Mangueira, a Minas de sua origem, mina de Folias, mina de memórias, está povoada de estórias que existiram, que se repetem, se reproduzem, atualizadas nas novas formas de se fazer Folia. Tanto lá quanto cá. É a este manancial que recorrem. Viajam a Minas (Muriaé, Laranjal, Leopoldina) com a Folia, ou "à paisana", em busca de viver aquilo que ficou na memória.

É interessante notar que o governo do Estado de Minas Gerais no ano de 1986 faça publicar, em um conhecido jornal carioca, um anúncio, conclamando os seus filhos a retornarem à casa para as festas de fim de ano, com a fotografia de um grupo de Folia de Reis estampada, em tamanho grande, ocupando quase que a totalidade do anúncio.<sup>15</sup>

Os estudos de Maurice Halbwachs parecem-me fundamentais para o entendimento dos mecanismos pelos quais a memória do passado das Folias, em Minas, assumem o caráter de verdade exemplar, de algum modo imutável para os Foliões na cidade, entendidos como os participantes dos grupos da Candelária, Mangueira.

O autor francês<sup>16</sup> não vai estudar a memória como tal, mas os "quadros sociais da memória."

---

<sup>15</sup> O Globo 23/12/86 "Mineiro, atenda ao convite do Governador Helio Garcia: venha passar as festas em casa. Venha rever sua família e sua gente. O encanto das montanhas e dos quintais de amora e manga. Você vai reencontrar Minas Gerais mais forte, mais unida, mais irmã.." (ver em anexo).

<sup>16</sup> Paris, Alcan 1925 & Paris, PUF, 1950



Para ele, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, a classe social, a escola, a Igreja, a profissão, enfim, com os grupos de convívio e de referência. Se lembramos, é porque os outros, as instituições presentes nos fazem lembrar, sendo a vida atual do sujeito o desencadeador do curso da memória. Para o autor, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. "A memória não é sonho, é trabalho". A lembrança "é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista."<sup>17</sup> É a construção desta memória do passado das Folias de Minas pelos foliões da Mangueira hoje que irei tratar nas páginas seguintes. O modelo do passado, a Folia "como deve ser", é simbolizada por Minas, a roça, em oposição à Mangueira, à cidade, na percepção dos foliões da Candelária. No entanto, na roça também se relembra um passado distinto, frente a um presente também de transformações. No discurso dos foliões de Mangueira:

### **Lá na roça...**

1. "Se o folião chegar numa casa, tiver forrada de folhas e ainda tiver presépio armado, ele tem que cantar o Padecimento todinho".
2. Eles andam descalços, andam com roupa de um pano ou outro, não têm chapéu na cabeça. Mas dentro da cabeça deles tem o Reis!
3. Lá, querem ver o mestre cantando", principalmente aqui em Mangueira. Aqui em Mangueira, se não cantar, eles recebem, mas saem falando.

---

<sup>17</sup> Bosi, Ecléa (1987:17) sobre as formulações de Halbwachs.

4. Se um mestre topou com outro, cantou, perdeu pro outro em profecia, aí ele é obrigado a dar a roupa todinha pro outro, ele não pode sair.

5. Folia canta em presépio, visita.

### **Aqui na Cidade...**

1. Aqui não: nego chega, cantou dois versos, tá bom

2. Aqui é roupa bonita, bateria boa, palhaço é o que eles querem ver. Eles não querem ver o mestre sabido mais não. Aqui no Rio, eu sei que eles não entendem.

3. Aqui eles não entendem não: porque se eles entendessem de folia eles davam assim uma hora para a pessoa cantar uma profecia<sup>18</sup>; eles tinham que pegar uma profecia com cada mestre e na hora, testar se eles sabem.

4. Aqui tem muito mestre que sai com a Folia e muito palhaço que sai dentro da farda prá ganhar dinheiro.

5. Aqui é que se canta em apresentação

Observando as categorias utilizadas para definir uma ou outra situação, Minas ou Rio, em determinadas formulações, Minas se confunde com a própria Mangueira, em oposição à cidade como um todo, numa oposição clara entre os que "entendem" de Folia e os que "não entendem". A progressiva incorporação de um público de "não entendidos" à Folia, aqueles que assistem à prática da devoção sem dela partilhar, faz com que se tenha uma releitura do ritual. O mestre, o palhaço e os foliões ganham menor ou maior ênfase nas "apresentações" ou no "giro". Por outro lado, fala-se de um passado, relacionado a Minas, sem mudanças, quase que um modelo de Folia, em relação à sua atualização na cidade hoje. No entanto, "em Minas", o mecanismo parece ser o mesmo, de "idealização do passado".

### **A Viagem a Minas:**

Em Janeiro de 1984 saí do Rio de Janeiro em busca da Minas dos foliões.

---

<sup>18</sup> O informante está se referindo às "apresentações" públicas da Folia.

Geraldo, de Mangureira, desejava ir a São João de Sapucaia, passar o 6 de Janeiro, com seus conterrâneos . Aceitei seu convite e seguimos viagem. Acompanhou-nos José Inácio Parente, que levava consigo uma câmera de vídeo, o que tornou a experiência especialmente rica. Produzimos juntos muitas imagens, complementares às que já vínhamos realizando com os grupos de Mangureira no Rio de Janeiro, conforme já me referi na introdução desta dissertação.

É para Minas que os foliões de Mangureira enviam uma sanfona velha para o conserto, de lá trazem o tecido pintado a mão para confeccionar a bandeira, ou o caderno onde estão inscritas as profecias, do velho Tio Astolfo, já falecido, para atualizar o saber "de cá".

"Eu acredito que possa ter alguém que goste de Folia igual a mim, mas mais que eu, não tem não. Pergunta ao Quito quantas viagens eu venho aqui, por ano, só por conta da Folia!" (*Geraldo Raimundo*, em Minas).

Nos arredores de Leopoldina, já em terras mineiras, encontramos uma Folia pela estrada, que, a pé, se dirigia para a casa de um devoto. Em Laranjal, nossa primeira parada, seguimos para a casa do Bernardo, no centro da cidade, onde se fazia a entrega de sua Folia, com companheiros de Geraldo.

"Eu ví a Folia do Bernardo ontem. Eu sentí. Me doeu. Sabe porque me doeu? Na hora que eles terminaram - *a gente tava filmando* - todo mundo chorou. Aquela emoção. Aquilo me cortou por dentro". (*Geraldo*).

Nosso próximo destino seria a casa da senhora que pinta os tecidos das bandeiras das Folias ; em seguida, a oficina de Tão, sanfoneiro de Folia e especializado em consertar sanfonas que para ele chegam de todo canto.

São João de Sapucaia fica a poucos quilômetros da cidade de Laranjal, e é um vilarejo de passagem, à beira da estrada que segue para Muriaé: uma igreja do "patrimônio", pequenos armazéns, algumas casas. A Igreja foi erigida, segundo os relatos dos informantes, no "patrimônio" doado por um "sitiente"<sup>19</sup> dono original de toda a região. Em São João, vivem os familiares e companheiros mais próximos dos nossos informantes foliões de Mangureira, sendo a casa de Eurico Elias Gomes, chamado "Orico", filho do memorável Tio Astolfo, o pouso de Geraldo em Minas.

"A Folia daqui é o tronco. A de Mangureira é o galho...O meu pai começou a Folia. Começamos com a viola de taquara. A senhora sabe o que é viola de taquara? Pingue Pingue! Igual a índio! O Benício com a viola. Só tinha uma viola. E o pandeiro era de lata. Aí papai começou. viu que nós tínhamos saído com a Folia, foi e tomou conta. Era brincadeira . Nós éramos todos meninos...Tinha um tal de Manuel Arcanjo que cantava Folia. Foi então que nós inventamos isso...Tava o Teixeira, o Biquita, o Geraldo Raimundo não. Tava o Tião, irmão do Benício, tudo na Fazenda das Águas Claras. O Altevero não. Altevero morava na Fazenda da Pedra Negra"(Orico, Minas).

Benício, Teixeira, Biquita, Geraldo Raimundo, Altevero, Remízio, são foliões que hoje vivem em Mangureira, e que seguem para o Rio de Janeiro, em torno da década de 40:

"Acabou as fazendas, nós viemos prá cá. Acabou as fazendas, nós fomos mandado chutado. A fazenda era arrendada com o nosso pai. E deu, naquela ocasião, que vendeu a fazenda prá outro... Teixeira logo se casou, foi pro Rio. Foi em 40 mais ou menos. Depois foi o Biquita, que voltou e casou com minha irmã. Foi pro Rio. Nós continuamos na fazenda. Na continuação, eles venderam e nós precisamos sair." (Orico, Minas),

---

<sup>19</sup> "Patrimônio" para significar propriedade ; "sitiente"- categoria local que foi usada como sinônimo de fazendeiro, proprietário de terras.

Naquela noite do dia 6, a Folia do Martin, reconhecida hoje como a herdeira do grupo original em Minas, cantava na casa de Bocácio, visita tradicional daquela bandeira. Lá é servido um jantar para os Foliões e armado um imenso presépio no centro da sala, reforçando a memória que *Geraldo* tem desta visita:

"Essa casa que a gente foi ontem, do falecido Bocácio, a Folia só ía à noite. Sempre tem uma ceia. Acabava de jantar e ia dormir lá dentro do paiol."

Uma memória de fartura que se contrapõe às informações de *Orico* para o comum das visitas:

"Nós chegava nas casas, sabe o que nós tinha prá comer? Era bolacha. Naquele tempo não tinha dinheiro! Nós ganhávamos frango, ovo e galinha. Chegava na venda e trocava por bolacha. Não existia dinheiro."

Na tradição da roça, a Folia do Martin sai com um "quadro" e não uma "bandeira". O quadro do Tio Astolfo - uma espécie de oratório de madeira que se fecha quando caminham pela estrada e é aberto na casa visitada, é guardado por Orico, que diz "não ter licença das entidades para arrumar o quadro", fazendo com que a Folia do Martin saia com um quadro feito recentemente. Mais uma vez o cruzamento Folia/religiões mediúnicas se faz presente. Orico mantém em sua casa, no subsolo, um "Centro Espírita", conforme informa o seu cartão de visitas, impresso em carimbo, onde se lê: "Eurico Elias Gomes. Atende-se às segundas, quartas e sábados. Em frente a placa São João de Sapucaia - MG". Estes dizeres são rodeados por carimbos com a inscrição entre parênteses: "médium espírita". No discurso dos informantes locais, Orico mantém-se marginalizado dos grupos de Folia, o que é justificado pelo exercício da sua atividade mediúnica.

O uniforme em tergal bege claro, faz da Folia de São João imagem semelhante aos grupos de Folia encontrados no Rio de Janeiro, tendo sido possível a sua aquisição através das ligações com Geraldo Raimundo, em Mangueira.

"O Martin escreveu prá D. Cáscia.<sup>20</sup> A D. Cáscia telefonou prá mim, lá na Faculdade. Aí eu fui lá, ela me perguntou: \_ O Martin escolheu mais ou menos a cor? Mas aí não tinha mais jeito. O Estado não tinha mais fundos. Aí eu mais D. Cáscia arrumamos e compramos a roupa. Aí escreví prá ele, dizendo como estava a situação. Ele respondeu que eu fizesse o que pudesse. Então dia 16 eu fui levar!"(Geraldo).

Em São João de Sapucaia Geraldo reencontrou amigos. Além dos que lá residem, encontrou "Zé do Tiça", companheiro folião que não via há 30 anos. Um foi viver no Rio de Janeiro, o outro em Volta Redonda. No entanto, é na Folia que o reencontro trás lembranças:

"Eu fui pro Rio, trabalhei num Hospital, técnico de Raio X. Fui prá Barra Mansa e Volta Redonda. Aí chegou a oportunidade de sair com uma Folia de Reis, em 1970. Em Volta Redonda saí com a Folia, com a companheirada daqui de Laranjal. Em 1975 eu parei. Em São João eu devo vir aqui. Arrumar a companheirada que eu vou tirar um retrato da minha folia, aí vou doar o chapéu prá Folia daqui. (*Zé do Tiça*)."

Ir a São João, a Laranjal, a Minas, significa reencontrar a história viva, a memória que anualmente se atualiza na prática do fazer Folia. É a memória de um passado idealizado, que serve de referência para o presente, reconstruído no próprio presente, a partir da atualização da Folia em Mangueira. A Festa e a memória da Festa.

---

<sup>20</sup> Diretora da Divisão de Folclore do Departamento de Cultura do Estado do Rio de Janeiro desde 1976. Teve um papel significativo no mundo das Foliás na cidade." D. Cáscia "é quase que o elo dos grupos com a política cultural vigente.

"Eu não estou dizendo prá você que nós respeitava o Santo, e hoje ninguém respeita! Esse Santo dormia aqui, tínhamos que dormir junto...Hoje o pessoal sai com a Folia, come numa casa, vai na venda, pede cachaça, vai dormir na outra casa. A diferença deles (Mangueira), prá nós aqui é que lá estava partindo prá muitas partes do luxo. Aqui ainda estava diferente, mas agora partiu prá parte do luxo também. "(Orico).

Na trajetória dos grupos de Falias de Reis em geral, e em particular a partir dos relatos dos integrantes dos grupos de Mangueira, tendo como memória a sua experiência mineira, a interferência da Igreja Católica, do Estado e suas diversas instâncias: o turismo, a Polícia, a Cultura apontam para as diferentes transformações por que passaram os grupos, tanto no campo quanto na cidade, e para o papel do poder público, neste contexto, o que irei retomar a seguir.



## CAPÍTULO IV

### A FOLIA DE REIS E AS DIVERSAS INSTÂNCIAS DE PODER

#### As Falias de Reis, a Igreja Católica e as religiões populares

É expressivo o número de Falias de Reis espalhadas por todo o Estado do Rio de Janeiro. Fala-se em números que ficam em torno de 200 grupos, como venho já citando no decorrer desta dissertação. Um levantamento dos grupos de Folia encontrados na cidade do Rio pode ser visto em documentação anexa, assim como mapas que apontam para esta presença significativa.<sup>1</sup> Tradicionalmente são estudadas enquanto práticas rituais do catolicismo popular, comuns ao meio rural, embora "eventualmente encontradas no meio urbano", sendo classificadas enquanto "lembranças" do passado. Minhas observações pretendem apontar para outros caminhos.

"Desde o Brasil-Colônia, longe das cidades, nas imensas e despovoadas áreas dos sertões do país, comunidades de camponeses e pequenas confrarias de grupos rituais cultuam os seus padroeiros e uma pequena multidão de Santos de preceitos. Sem a necessidade de sacerdotes oficiais, fazem os seus cultos e entre seus especialistas do sagrado distribuem quase todo o trabalho religioso de que nutrem, ao mesmo tempo, a fé e os sonhos".<sup>2</sup>

Não fosse essa uma observação de Carlos Brandão (1982) , feita nos tempos atuais, poderíamos pensar que descrevia a vida das tradições populares pré-romanização do catolicismo no Brasil.

---

<sup>1</sup> "O que tem mais aqui nesse pedaço, prá cima e prá baixo, é Folia". (Jararaca, Palhaço de Folia, Caxias RJ) " Não existe um município sequer no Estado do Rio, isto eu posso te garantir, que não tenha umas 5 ou 10 Falias de Reis!"... (Cácia Frade, entrevista, 1987)

<sup>2</sup> Brandão, 1982:04



No final do século 19, a Igreja católica, no Brasil, passou pelo período conhecido como "romanização do catolicismo brasileiro"<sup>3</sup>. Tratava-se do esforço romano, com inspiração tridentina, em retomar os seus domínios, supostamente desviados pelas práticas populares, que teriam se afastado da "verdadeira" religiosidade católica, passando a marginalizá-las enquanto superstições, crendices, magia. Uma outra abordagem entende este processo como "expropriação dos meios de produção do sagrado por uma hierarquia clerical. Os centros de romaria, as capelas, as festas de devoção dos santos pertenciam a leigos (como as irmandades, as mesas administrativas, os festeiros) que cultivam tradições locais que remontam aos tempos da colônia. Com a romanização, a igreja tratou de dominar os centros leigos, submetendo-os ao controle do padre. Na maior parte estes eram estrangeiros e vinham orientados por uma concepção sacramental da vida religiosa..."<sup>4</sup> Esta longa empreitada, certamente deixou marcas profundas na história das tradições católicas populares, conduzidas por leigos, devotos, camponeses pelos muitos cantos do país.

Brandão (1985) refere-se a um anúncio de jornal, publicado na cidade de Itapira, São Paulo, no ano de 1910, que recomendava aos "fazendeiros", a coibição de agentes da religiosidade popular: rezadores, festeiros, líderes, capelãos, eremitas, que poderiam ser "ladrões disfarçados de devotos, exploradores".

Parece-me que, após várias outras orientações romanas no decorrer deste século, o que passou a existir foi um número variado de situações ao longo do amplo território simbólico ocupado pela Igreja. As relações padres-devotos, Igreja-festas populares, parecem depender, em última instância, de relações pessoais, em que cada caso é um caso. Há, por exemplo, situações de conflito crônico, na disputa pelo poder do sagrado, visto em

---

<sup>3</sup> Estudado por diversos autores, ver em especial a obra de Pedro Ribeiro de Oliveira, Riolando Azzi, Oscar Beozzo.

<sup>4</sup> Ver Fernandes, 1982:64 para esta argumentação.

diversos relatos sobre a negação de padres em permitir a presença de grupos de devoção populares no recinto de sua Igreja ou no caso em que negando-se a sortear o Imperador do Divino da festa seguinte - encargo seu, por tradição - não permitia a realização da festa<sup>5</sup>.

No caso das Folias de Reis, uma diversidade de situações me foi relatada. Nos depoimentos referentes ao passado, especialmente no caso de "Minas", as lembranças são de um tempo em que os grupos de Folia saíam de dentro da Igreja local, após adorar o presépio e assim registramos muitos depoimentos, que retomam esta tônica:

"Dia 24 de dezembro é o primeiro dia que saímos prá cantar na Igreja, à meia noite. Pedimos consentimento ao padre, aí a responsável pela igreja tem que abrir a igreja. A chave costuma ficar com o dono da Folia. A igreja é acesa e entra toda a rapaziada e cantamos no presépio que está armado lá." (Altevero, Mangureira, 1977).

Muitos são os relatos, no entanto, de proibição por parte da "Igreja" deste tipo de prática, questionando, segundo os informantes, a própria legitimidade dos "Santos Reis", reafirmada, no entanto, por eles :

**"Os Santos Reis** foram cassados, diz que **não é mais santo**. Prá nós é". (Folião de Reis, Santo Antonio de Pádua, RJ)

Carlos Brandão vai definir a Folia de Reis enquanto um ritual do catolicismo popular, mas autônomo, com relação à participação de agentes da Igreja Católica:

---

<sup>5</sup> O primeiro caso refere-se à paróquia de Cunha, SP, em 1983. O segundo, a São Luiz do Paraitinga, SP, 1982.

Mangueira, seja na situação de São João de Sapucaia, Minas, o informante traduz esta relação enquanto "gosto" individual do agente da Igreja.

"Há também o padre-folião: eu conheço, no Rio, só um padre que adora Folia. Ele é do Espírito-Santo. Ele conhece, e a missa celebrada é o seguinte: Ele chega, a Folia tem que ir uniformizada. A Folia entra, ele quer que cante o "Nascimento". É o "Pai Eterno Soberano" que ele quer. Ele conhece, entra falando um trecho, toca o apito, entra a Folia... (*Geraldo, Mangueira*)"

O Padre-folião, que gosta e entende de Folia é, no entanto, capixaba, "terra de folia de Reis". No discurso de Geraldo, a identidade do padre com a folia justifica-se pela sua origem, a sua vivência, por ser natural de um estado em que esta prática ritual é muito difundida. Ele entende do código, dos "fundamentos" da Folia.

Embora guardando sua autonomia de organização ritual frente à Igreja Católica oficial, percebe-se que os grupos de Folia recorrem, em situações diversas, a uma gama variada de agentes religiosos para oficializar suas cerimônias rituais, em especial nos momentos de "entrega da bandeira" e "festa do remate": seja um rezador, um padre, um bispo da Igreja Brasileira. Na abertura de uma festa do Remate na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, à qual fui convidada no ano de 1980, rezavam-se Benditos, a Ave-Maria, o Pai-Nosso, a Salve Rainha, orações tradicionais do culto católico romano. Quem oficializava a cerimônia era um "rezador", velho senhor mineiro, convidado especial para aquele momento da festa: "ele sabe o que a lei manda". Após a reza vinha o baile...

Um outro polo destas formulações sobre autonomia, fica por conta de informações de pesquisas do próprio Carlos Brandão.<sup>8</sup>

O autor estuda as relações entre a religião popular no Brasil e o catolicismo

---

<sup>8</sup> Brandão 1982:23-30

"A Folia de Reis é um ritual do catolicismo popular que, desde muitos anos, tornou-se predominantemente rural e se faz em povoados, sítios ou fazendas, sem a necessidade de qualquer tipo de presença de sacerdotes de Igreja" <sup>6</sup>. Embora organizados por lideranças leigas - devotos dos "Santos Reis" - minhas observações e informações mostram que os grupos mantêm plena autonomia em relação à sua organização ritual, mas, se em alguns casos, parecem necessitar de uma legitimação de sua prática, através da igreja Católica em especial em outros, estão presos ao poder católico por circunstâncias meramente formais:

Em Mangureira, o pároco, à época no local por mais de 20 anos, costumava receber a Folia "em respeito ao falecido Beja", dono da Folia, congregado Vicentino de sua paróquia, para a Missa do Folião - que era mandada celebrar pela Folia ao final de cada jornada. Com a morte de Beja, a Folia se afastou de Pe. Higino, buscando, no entanto, contato com outras igrejas e capelas. Nos últimos tempos, recorriam a uma capela próxima, fora do morro, num colégio de freiras, (no asfalto, do outro lado da linha do trem), onde trabalhava uma integrante da Folia.<sup>7</sup>

"Padre Higino não gostava de Folia. Em Laranjal, a Folia canta na Casa Paroquial, o padre vai assistir a Folia onde ela estiver...(Geraldo)

"Aqui (Minas) a Folia não tem nome. Lá no Rio é que passou esse negócio de nome, foi uma tradição desse problema do Ministério da Educação e Cultura. Pela Licença. Porque aqui, **a licença era dada pelo padre**. E lá (no Rio, em Mangureira) o padre não gostava de Folia, não gosta! (Geraldo, em Minas)."

No contexto onde a licença da Folia é fornecida pela igreja - como ainda hoje em algumas cidades do interior - torna-se necessário o seu aval, a aprovação de sua prática ritual no quadro de sua liturgia. No entanto, seja em

---

<sup>6</sup> Brandão, 1982:06

<sup>7</sup> Na missa celebrada pelo referido pároco, no ano de 1980, com os foliões nas primeiras filas, o sermão fazia apologias ao valor da missa e criticava as "superstições e crenças populares".

de "vanguarda", das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e Pastorais Populares, tratando especificamente do caso das Folias de Reis. Procura narrar o processo através do qual formas de crença e culto originalmente criadas e ensinadas pelo corpo sacerdotal são deslocados do âmbito da Igreja com a participação dos fiéis, para o âmbito dos fiéis, sem a participação da Igreja. Para tanto, trás um exemplo em São Paulo, onde algumas Companhias de Reis (conforme são localmente denominados os grupos de Folia) andam acompanhadas não só por mestres, contra-mestres, foliões e palhaços, mas por um padre, que celebra uma "missa cabocla" na "entrega" da jornada, reunindo-se com os foliões para avaliação do trabalho. Intitulam-se Movimento de Renovação das Companhias dos Santos Reis. O fato é que, aos poucos, segundo o autor, "as Companhias do Movimento foram modificando alguns aspectos ancestrais no ritual devoto... As Companhias dos Santos Reis deixam de pedir esmolas, o que em parte destroi a estrutura de trocas solidárias tão nuclear ao ritual, os mestres reconhecem-se como pregadores ativos do Evangelho, não como viajeiros devotos cujo rito propicia sobretudo cumprimento de promessas aos Três Reis Santos e a intensificação de trocas simbólicas entre diferentes categorias de participantes ." No exemplo seguinte, citado pelo mesmo autor, a procissão que abre a Assembléia Diocesana de uma diocese no interior de Goiás é feita por Bispos, sacerdotes, religiosos, agentes "de base", cantando uma Folia. A música é de Folia, os instrumentos: viola, violão, caixa, pandeiro, tocados por lavradores. As trovas "inocentes" dos cantos das Folias de Reis ganham a mensagem que associa "os pobres e oprimidos do passado aos do presente, e todos à figura de Jesus Cristo Libertador." (op.cit)

No caso de Mangureira, num estudo que aborda a Festa de N.Sa.da Glória, a Procissão de São Sebastião e a Folia de Reis Mangedoura de Mangureira, locais , propõe que : "a relação que mantém com a Igreja Católica com a qual por tradição, de uma forma ou de outra estão vinculadas - as três

manifestações se identificam pela autonomia que guardam quanto à organização das comemorações. Nestas, a inclusão da presença ou atuação do representante legal daquela (através da celebração da missa) parece ter o significado de busca de um referendo da instituição religiosa, mais do que de um sinal de subordinação. "<sup>9</sup>

As Folias de Reis, entendidas pela literatura corrente, como integrantes do catolicismo popular, articulam, no entanto, diversos níveis do universo das chamadas religiões populares. Pode-se incluir neste conjunto tanto agentes religiosos católicos autônomos: como rezadores, benzedoras, etc; membros da chamada Igreja Brasileira; padres católicos e agentes dos cultos afro-brasileiros, conforme já vimos mencionando anteriormente. Com relação aos cultos afro brasileiros, encontrei por diversas vezes referências dos devotos à sua prática, paralela à sua participação nos rituais da Folia de Reis. Em alguns casos, esta relação parece ser condição necessária ao desempenho de determinados papéis "perigosos" no ritual, como o de "palhaço:"

"Tem que fechar o corpo prá poder brincar de palhaço. Eu já sou macaco velho. Fecho em casa. Eu faço a passagem do Herodes. Sou da linha da Umbanda pura. Se for os Três Reis, eu posso fechar em casa mesmo. Sou filho de Ogum Begê."(*Altevero*, Palhaço deMangueira em 1977).

"Para ser palhaço, é preciso ter coragem, não é fácil não. Carregar roupa nas costas é fácil, mas ser palhaço é difícil...Durante a jornada, o palhaço anda com a máscara jogada prá trás da cabeça, com o rosto descoberto. Na hora da chula é que usa a máscara. Dentro da casa, faz o pedido de licença. Não pode andar atrás da bandeira, senão é tomado pelo espírito do mal." (*Altevero*)

Segundo o mesmo informante, o palhaço veste a "fantasia do demônio", assim como no depoimento de dois palhaços de Folia, em conversa sobre o

---

<sup>9</sup> Valentini et alii 1980:121,122



que seria a função do palhaço:

*Tininho* - O nosso nome não é palhaço. O nosso nome é Caifás e Ananás. Caifás é o nosso nome. Porque Caifás é o nome do diabo, do tentador, nessa roupa nós estamos fazendo a semelhaça do diabo.

*Jararaca* - Mas o Judas, Tininho. Ele não chamava Caifás e Ananás. Qual era o nome do Judas?

*Tininho* - Bom, isso eu não sei explicar, nós não fazemos a vez do Judas não. É do Herodes.

*Jararaca* - Nem é do Herodes não, nós fazemos a parte, a semelhança com o diabo."

É comum a aplicação, também em tecido, de uma cruz nas costas da vestimenta do palhaço, "pra tirar o bicho mal", dizem eles.<sup>10</sup> Fechar o corpo, usar "guias" penduradas são práticas rotineiras junto aos informantes que encontrei na cidade. As categorias utilizadas no universo dos cultos afro-brasileiros para dar conta daquelas práticas rituais são muitas vezes mencionadas pelos foliões, ao falar de sua participação na Folia de Reis: "incorporar", "encargo", "compromisso com o santo", "fechar corpo", "bicho pega", "missão", etc. Sem falar no novo nome que assume o palhaço, "na chita"<sup>11</sup> - ou seja, quando vestido com a sua roupa ritual: Jararaca, Pinga Fogo, Ventania, Trovão, Malagueta, etc; modificando sua voz para não ser reconhecido. Assim, Altevero, o palhaço de Mangueira, falava-me da sua dificuldade em lembrar versos e chulas de palhaço sem estar vestido com a sua farda, sem estar "incorporado"<sup>12</sup> :

---

<sup>10</sup> Mário de Andrade refere-se à figura do "diablito", nos cortejos negros em Cuba e na Espanha. " É a identificação fatal do mascarado com o diabo, de que as religiões cristãs usaram e etnograficamente abusaram..."(1982,vol.I:62)

<sup>11</sup> Cada palhaço é responsável pela confecção de sua "farda", "ganga", assim como se referem à sua vestimenta ritual, ou mesmo "chita", associando ao tecido geralmente barato e muito colorido, utilizado para a confecção de sua fantasia.

<sup>12</sup> Segundo Bakhtin, (1968:40) a máscara é o tema mais complexo da cultura folk. Ela está ligada à alegria da mudança e reincarnação com "uma relatividade festiva e com a negação da uniformidade... Está relacionada à transição, metamorfose, violação de fronteiras naturais, descárneo e apelidos familiares." O autor chama a atenção para a figura do "diabo", na Idade Média, como ambivalente, festiva, expressando o ponto de vista "não oficial". (Op. Cit., 38). Corroborando as mesmas idéias, Yamaguchi (1977:56) aponta para o significado da maquiagem e da máscara no teatro japonês tradicional, e argumenta:"A maquiagem, como a máscara, assinala um estado de possessão por um espírito divino..."

"É difícil a gente lembrar tudo. Quando é o som da bateria, influe muito. Dá uma vibração louca. O couro come lá, aquilo vem tudo na idéia, parece que chama, provoca."

Visitar, com a Folia, terreiros de Umbanda, e até sair com a Folia, na noite de Natal, de um gongá, conforme já citamos em capítulo anterior, faz parte já da gramática do ritual, que, segundo as informações dos foliões, já pressupõe comportamentos específicos em tais situações, não deixando de ser, no entanto, sempre motivo de tensões, conflitos e acusações mútuas.

Sobre esta questão, Fernandes (1982:126) aponta para uma citação de Brandão ao pesquisar o que chamou de "violência ritual no catolicismo popular", que parece exemplar. Segundo o autor, Brandão analisou a maneira como grupos de Congada e Moçambique e mesmo as Folias de Reis passam a incorporar secretamente certas práticas da tradição africana, como forma ilegítima de fazer face aos conflitos em que se envolvem. O depoimento prestado a Brandão pelo embaixador de uma Congada de Itapira parece significativo:

"Outros falam: macumba? Não tem macumba!. Tem macumba. Todo mundo tem, é questão de querer usar. Essa parte da congada eu não uso. Eu tenho minha fé em deus, na Virgem Maria nossa mãe, nas Três Pessoas da Santíssima Trindade, no meu glorioso São Benedito. Eu não uso isso, não vou atrás disso. Mas na parte da congada existe essas coisas. O senhor sabe, essas congadas que existe lá em Minas, essas parte de quatro, cinco congada, às vezes a pessoa tá dançando, dançando assim, quando vê um morre lá, um cai morto lá. É demanda, é demanda!"

Velho (1991) chama atenção para o que seria uma característica da cultura brasileira: a existência de uma linguagem básica, atravessando toda a sociedade traduzida na crença em espíritos, transe, mediunidade e



possessão. "Transe, possessão e mediunidade são fenômenos religiosos recorrentes na sociedade brasileira. No candomblé, na umbanda, no espiritismo, no pentecostalismo e em outros grupos religiosos, entidades, espíritos, guias, o Espírito Santo, orixás, descem ou sobem, se incorporam, se comunicam etc através de cavalos, aparelhos, ou do que costumamos denominar de indivíduo agente empírico..."(Op.Cit. p.124) Fernandes (1982:135) vai discutir o universo das religiões populares na sociedade brasileira enquanto "visões de um mesmo mundo". Segundo o autor, "igrejas dos padres são visitadas por pessoas religiosamente vestidas de branco; pastores pentecostais são capazes de nomear as muitas faces de Exu; personagens do candomblé declaram-se católicos no censo, com conhecimento de causa. Cada um deles é capaz de *traduzir* as palavras e imagens dos demais com seus próprios termos...Os principais elementos são do conhecimento geral: natureza, seres humanos, almas dos mortos, divindades positivas e negativas, um deus soberano. Com estes elementos básicos, um mundo comum é composto; mas o relacionamento entre as partes varia segundo as diferentes visões..."

Em matéria de destaque, veiculada pela imprensa, no ano de 1986<sup>13</sup> D. Neuma, "primeira dama de Mangueira", à época, falava que "60% da população do morro está entrando para alguma seita, igreja ou Assembléia de Deus,(ela não sabe definir bem o quê) " refletindo-se imediatamente esta adesão no abandono do "samba".

Movimento semelhante se notava com relação à participação nos grupos de Folias de Reis: não pelas razões ideológicas, que parecem estar implícitas no discurso de D.Neuma, num antagonismo entre o "samba" e os movimentos neo protestantes, especialmente as denominações pentecostais; mas por razões práticas. Dificuldades de horários e datas tornava a participação de

---

<sup>13</sup> " Seitas ameaçam o samba ". Jornal do Brasil, Caderno B. 13 de março de 1986.

foliões em terreiros de Umbanda e Centros Espíritas inconciliável com a "saída" dos grupos de Folia, especialmente nas noites de sábado. Ouví inúmeros relatos que se referiam à ausência de um folião justificada pela sua adesão a tais cultos. Se por um lado, a gramática da relação Folia/Umbanda, Folia/Cultos Afro parece ser uma só: foliões participando de ambos os rituais, folias visitando terreiros, palhaços "fechando o corpo", por outro parece existir a idéia básica de que a Folia seja autônoma, sem se vincular a um ou outro culto a uma ou outra liturgia, em termos de subordinação:<sup>14</sup>

"Folia não anda em macumba. Chega, canta três versos e sai. Os três Reis nunca andaram em macumba. São livres! " (*Teixeira*, dono Mangedoura).

#### A Folia de Reis e o poder público:

##### a. A relação com as instituições culturais, Os órgãos de repressão e a política

No Rio de Janeiro, no âmbito do governo estadual, a partir de 1974, com a fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro, houve uma ativação do Departamento de Cultura da então Secretaria de Educação e Cultura, e o incremento de projetos e experiências no tocante à "cultura" e ao "povo", na busca de seu perfil e de sua identidade. Os "Pacotes Culturais" - experiência de levar a cultura às comunidades de todo o Estado, os "Encontros Municipais de Folclore", com o incentivo de apresentação das tradições locais em praças públicas e ginásios esportivos, os "cursos de folclore" disseminados entre os professores, alunos, a comunidade, o Estado, foram experiências da década de 70, e posso citar os nomes de Paulo Affonso Grisolli - em nível de direção estadual - e de Cáscia Frade, que vai então

<sup>14</sup> Fernandes (1982:111) aponta para os diferentes modos de se conceber as diferenças, tratando da igreja católica, das igrejas evangélicas e dos cultos afro-brasileiros. É interessante notar que, conforme a lógica do "rompimento" protestante, um conhecido Mestre Folião de um grupo de Folia do interior do Estado do Rio, "passe para a crença", e seja obrigado a abandonar o seu grupo ritual, em que era "mestre". No entanto não deixa de segui-lo, à paisana, no seu período de giro.

coordenar a Divisão de Folclore do Departamento de Cultura, como fundamentais ao se tratar deste período.

"Entreí prá cá em 26 de setembro de 1975, já estou aqui há 11 anos. Aí fui ler o que era a Divisão de Folclore, porque foi criada, quais as atribuições, e aí está lá: pesquisa, documentação e promoção da cultura popular fluminense... Fizemos um mapeamento, organizamos um arquivo, e nesta questão de pesquisa, ficou claríssimo prá gente que o que existe de mais recorrente são os grupos de Folias de Reis. Não existe um município sequer no Estado do Rio, isto eu posso garantir, que não tenha pelo menos umas 5 ou 10 Folias de Reis".  
(Cásia Frade, 1987).

No decorrer do trabalho da Divisão de Folclore, de cadastrar o folclore do Estado, mapear, produzir um dicionário<sup>15</sup> e material audiovisual de arquivo, as Folias de Reis surgiam por todo canto, em número expressivo e em plena vitalidade. Passou-se a ter contato constante com as lideranças dos grupos, que faziam convites às suas "festas de remate"<sup>16</sup>, solicitavam auxílio para a aquisição de indumentárias e instrumentos e, principalmente buscando interferência junto aos órgãos competentes de fornecimento de "licença" de saída para os grupos, (questão que mereceria um capítulo à parte!)

"Eu fiquei como responsável pela Folia. Lá no Distrito, fica meu nome, e lá no Departamento de Diversão fica meu nome. Eu que assino as folhas. O que houver, é comigo lá. Paga no Distrito e paga lá em baixo. Este Departamento é onde tira papel prá tudo que é festa! É Folia, é bloco de Carnaval. Fica na Marechal Floriano, sétimo andar. Alí o moço dá um papel de garantia. Onde a gente for, qualquer coisa: Cadê a licença da Folia? A gente mostra..." (Jorge, dono da Folia Mangedoura em 1977, Mangueira).

---

<sup>15</sup> Frade, Cásia. Guia do Folclore Fluminense, 1985.

<sup>16</sup> Neste período, fazendo parte da equipe de pesquisadores da Divisão, tornou-se para mim um "programa legal" atender aos inúmeros convites de festas de remate e encontros de Folias de Reis pelo interior do Estado.

A "Divisão" tomou para si a responsabilidade de credenciar os grupos, fornecendo-lhes carteirinhas de identificação (ver anexo) , sendo que, no início da década de 80, cerca de 80 grupos circulavam pelo Grande Rio e 200 por todo o município, sob a "responsabilidade" da Divisão. Eram identificados a partir de várias fontes: pesquisa de campo, questionários enviados às escolas, informações de outros foliões.<sup>17</sup>

"Isso me ocorreu depois que eu tive que sair à noite, véspera de Natal, prá uma Folia de Reis que estava presa. O Mestre ligou prá minha casa e disse:

\_ D.Cácia, a senhora pode vir aqui? Caxias! (24 de dezembro, 10 horas da noite)... Eu estou com a minha Folia na delegacia.

\_ O quê que foi, seu Zé?

\_ Me prenderam porque não tinha licença.

\_ Fica aí que eu vou...

Então eu comecei a visitar delegacias: em nome da Divisão de Folclore, me apresentando, e dizendo que a secção tinha um cadastro, que esses grupos estavam identificados por nós como grupos religiosos, grupos sérios, e que cada responsável levaria uma carta à delegacia, para liberar então a licença... Então os Mestres vêm aqui, pegam o tal ofício a cada ano, levam pro delegado, e libera... Cada Mestre tem a sua carteirinha, com um retratinho."

No Rio de Janeiro, no início do século, a administração Pereira Passos, sob a bandeira da remodelação da cidade, empreendeu verdadeiras perseguições aos hábitos e costumes populares, num discurso , segundo o qual, "cabia ao Estado transformar a multidão indisciplinada de "pés descalços" em cidadãos convertidos aos valores e esteriótipos que serviam à burguesia européia para o exercício de sua própria dominação. Isso se observa muito nitidamente na repressão policial às diversões e manifestações da religiosidade popular." <sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Neste processo a figura de D. Cácia é quase que lendária, e é inegável o seu papel estimulador.

<sup>18</sup> Benchimol, 1985

Yvonne Maggie vem já há muitos anos dedicando parte de suas pesquisas aos estudos sobre as relações dos cultos afro-brasileiros com o Estado , dando atenção especial ao capítulo das perseguições sofridas por estas práticas durante o Estado Novo, no Governo de Getúlio.<sup>19</sup> Mario de Andrade, em artigo escrito entre as décadas de 30 e 40, reclama da perseguição às chamadas danças dramáticas, no nordeste do país, por políticos e governantes.<sup>20</sup> Em um artigo assinado por Francisco Brandão, publicado em um periódico carioca no ano de 1958, o autor se refere às dificuldades encontradas pelas Folias de Reis, no Rio de Janeiro, já "há muitos anos, com a polícia", encarregada de arrancar dos grupos "pesadas taxas na aquisição de licença para o seu giro pela cidade."

Esta polêmica continua até os dias atuais, quando os grupos de Folia de Reis acham-se arrolados, ao nível das administrações públicas, dentre o conjunto das "diversões públicas", necessitando assim de uma "licença" especial para o seu trânsito pela cidade.

"Muitas pessoas aqui na cidade interpretam Folia de Reis como Carnaval, como teatro, ou um bloco qualquer. Sendo que a Folia de Reis é uma seita religiosa. Folia de Reis vem do nascimento de Cristo, não pode trocar por um Carnaval nem pelo teatro ou Escola de Samba..." (Dono de Folia, Zé, de Mutuapira, Niteroi).

Os foliões comentam sobre as indagações de policiais, não afeitos à devoção, sobre a necessidade de se modificar trânsito nas ruas, buscando impor horários, querendo o trajeto do grupo etc. São códigos distintos, que carecem de mediação. Geraldo Teodoro, conhecido dono de Folia no Rio de Janeiro, (Folia Estrêla D'Alva do Oriente, Penha), relata suas dificuldades pelos

---

<sup>19</sup> Ver especialmente Maggie, Y. & outros, 1979 "Arte ou Magia Negra"

<sup>20</sup> "A civilização cria um preconceito de higiene, mas não a própria higiene. A civilização criou um preconceito de cidade moderna e progressista, com boa-educação civil. E como Paris, Nova York e São Paulo não se usa danças dramáticas, o Recife, João Pessoa e Natal perseguem os Maracatus, Caboclinhos e Bois, na esperança de se dizerem policiadas, bem-educadinhas e atuais. São tudo isto, com Cheganças ou sem elas. Mas quem que pode com o delírio de mando dum polícia ou dum prefeito..." (1982:70 Tomo I)

caminhos da burocracia das instituições públicas cariocas, para conseguir a licença para a Folia, quando iniciou a sua jornada, em 1955:

"Ah! Isso era um trabalhão louco! A gente prá conseguir a licença para poder sair prá uma jornada de Reis tinha que vir até a Polícia, a Polícia mandava a gente pro Departamento de Censura e Diversões Públicas. Lá eles pediam cópia daquilo que a gente tinha que rezar, que fazer. Como era, do que se tratava. A gente tinha que explicar tudo por escrito, que não era de fim lucrativo. Dava 8, 10 dias prá ter de volta a resposta. Tinha que tirar o *nada ocorra* e tinha também uma pequena taxa prá pagar, prá conseguir a licença."

No ano de 1986, em vistas da possibilidade de eleição a um cargo na política estadual, por um partido de oposição, de um pesquisador de Folia de Reis, a questão do licenciamento, das credenciais para a saída das Folias, entrou na pauta de discussão. Professor, mineiro, residente na cidade do Rio de Janeiro, e ele próprio um folião. Organizou-se uma reunião entre mestres foliões e o referido candidato, com a mediação de *Cáscia Frade*, buscando-se arrolar questões e visualizar soluções no caso de sua eleição, que, na verdade, não ocorreu.

Nos vários depoimentos, a representação que os foliões tinham da questão passava necessariamente pela diferença de códigos: os que "entendem" de Folia e os que "não entendem". Em outros momentos, reclamavam das injustas dificuldades por que passavam, definindo a si próprios enquanto "trabalhadores", "carentes", "sacrificados":

"Folião é carente. A gente também é pobre, sacrificado, mas gostamos da seita dos Três Reis Magos. Pegamos a Folia porque nós gostamos dos Três Reis Magos. Nós não temos dia, não temos hora, enfrentamos chuva, sol, mau elemento, desfeita pela rua..." (Zé, Mutuapira).

Nesta ocasião, falava-se da recém organização, por parte de um grupo de

"mestres" apoiados em um outro político, da Federação dos Reisados do Estado do Rio de Janeiro<sup>21</sup>, que teria, entre outros objetivos, o de "garantir recursos aos grupos, lutar contra a necessidade de licença para os grupos etc". Assim, conseguiram através de um convênio com um órgão da política federal ligado à cultura, a doação à época (1986) de 72 mil cruzados para os grupos federados (16), para a aquisição de blusões para seu uniforme.

"Pagamos uma quantia por mês para fazer um fundo para a Federação, para quando um dos mestres ou filho de um dos mestres de jornada ficar doente, vamos ter um fundo para poder tratar." (Seu *Silva*, dono de Folia, Jacarepaguá).

No discurso dos foliões, parece clara a procura de autonomia, também frente ao Estado e suas diversas instâncias de poder, buscando formas de gerir seu orçamento e garantir um fundo comum. Por exemplo, quando querem romper com a obrigatoriedade das "licenças", ou quando se organizam em uma federação, em que um dos papéis a desempenhar parece ser o de assistência social.

Por outro lado, esta relação parece ser mesmo constitutiva da Folia na cidade, ou mesmo da vivência dos grupos de Folia hoje, também "na roça", como um reforço que vem "de fora", que, em determinados momentos, valoriza, apoia, incentiva e financia os grupos rituais.<sup>22</sup> No caso do Rio de Janeiro, podemos dizer que nos anos 80 *D.Cáscia* representava, para os foliões, quase que a recuperação da cidadania dos grupos. Toda a atuação direta do governo estadual com relação às Folias, através da Divisão de Folclore, era depositada na sua dirigente, Cáscia Frade, e seus funcionários, numa relação

---

<sup>21</sup> FRERJA

<sup>22</sup> Em município do interior do estado do Rio de Janeiro, Paraíba do Sul, já faz parte do calendário da cidade o "Concurso de Folia de Reis", na praça principal, sob os auspícios da Prefeitura local, onde desfilam os grupos de Folia, para o julgamento, assim como ocorre com as Escolas de Samba, dos diversos itens que compõe o seu ritual (bateria, vestimentas, melhor palhaço etc). Geraldo Raimundo, Mestre de Mangureira, dizia que o que deveria ser feito nas "apresentações" de Folia, para grande público, seria uma sabatina entre os foliões para julgar o "saber" destes, por parte dos "órgãos da cultura". Caberia a eles esta tarefa.



de caráter pessoal - estendendo assim para o nível das instituições as formas tradicionais de relacionamento dos foliões, através do parentesco, compadrio, amizade.

"Eu paguei licença até 1972. De 72 prá cá, não paguei mais e nunca deu embaraço. É só ler Divisão de Folclore, pronto, eles mandam seguir em frente..."(João, Mestre Folião no Rio de Janeiro)

"Estamos lutando para não cair, porque todos nós sofremos para manter a Folia, sem a ajuda do governo, nós não temos ajuda de ninguém. Prá nós levar nossa Folia em frente eu corro da minha casa, prá casa *dela*, ou para onde *ela* trabalha:

- *D.Cáscia*, me dá um auxílio.

Ela com a boa vontade dela, manda o Djalma ou Deuzimar<sup>23</sup> bater o ofício..." (Zé, Mutuapira).

"Porque a licença que a *D.Cáscia* dá prá gente, a gente tem que levar no distrito. Eles cobravam. De uns tempos prá cá, viu que é daqui, de *D. Cáscia*, não cobram." (Jésus, Folia de Mesquita, RJ)

Assim como me referi anteriormente sobre a prática das Escolas de Samba de buscarem junto a outros segmentos sociais, que não o seu de origem, formas diversas de relacionamento e legitimação, pode-se também falar dos grupos de Folia de Reis no Rio de Janeiro, que não só participam das "apresentações" públicas, a que já nos referi, organizadas pelas diversas instâncias do poder, como fazem "visitas" a repartições públicas diversas, durante o seu "giro", como convidadas, ou mesmo às casas de pesquisadores e simpatizantes, fora do circuito tradicional de seu "giro".

#### b. A Folia como um evento turístico:

Gostaria de destacar este aspecto, ao tratar da relação Folia e poder público. Fernandes (1982) vai apontar para a "superação das formas camponesas de

---

<sup>23</sup> Nomes de funcionários da Divisão de Folclore à época .



relacionamento pelo desenvolvimento capitalista", como um dos motivos de "redução das tradições populares ao rol dos espetáculos inventariados pela indústria cultural"<sup>24</sup>

O binômio turismo/folclore mereceu estudo de Renato Almeida(1970), num simpósio organizado sobre o tema, pela Unesco. Segundo o autor, cabia ao "turismo cultural" financiar a "salvaguarda do patrimônio arqueológico, histórico e artístico dos países e os elementos do folclore (são elos de cada nacionalidade), transmitidos por via verbal ou continuamente pelos usos e costumes."

Assim, são inúmeras as referências a grupos de Folia de Reis, como de Bumba-meu-Boi, Maracatus, Falias do Divino, para citar alguns, que "existiram no passado", no campo e na cidade, e o seu desaparecimento nos tempos atuais. Há a indicação de que, entre outras causas, estaria a tentativa de organismos ligados ao Turismo de "interferir" na organização ritual, baseados nesta idéia de "salvaguardar", e, em consequência, manter "puras" , em muitos casos, "reestruturando " a seu modo, as manifestações da cultura popular.

Muito já tem sido estudado sobre as relações sociais no meio rural propiciando diversas formas de solidariedade e de rituais (ver Prado,1977), como exemplificamos com as Falias de Reis. Numa sociedade urbana complexa, moderna, como o Rio de Janeiro, estes laços parecem se reorganizar, no entanto, fortalecidos pela oportunidade de se vivenciar a "identidade regional mineira" no espaço privilegiado das Falias de Reis. A interação com as diversas instâncias do poder, seja em nível religioso, político, cultural , parece ser constitutiva da existência de tais grupos na cidade.

"Tradição" e "mudança" me parecem categorias operacionais para se pensar a vivência hoje das Falias indistintamente, tanto no campo - a partir das

---

<sup>24</sup> Fernandes, 1982:75

observações em Minas - quanto na cidade, a partir dos dados de Mangueira.

Parece interessante aqui a referência a Clyde Mitchell, que argumenta: "a dança Kalela só pode ser considerada tribal enquanto uma forma associativa no meio urbano, de base industrial e relações não pessoais." (Op.Cit,44).

No contexto urbano "visita" e "apresentação" são categorias utilizadas para situações distintas de atuação da Folia: a "visita" é feita à casa de um devoto, daquele que compartilha do código da Folia com os próprios foliões. As "apresentações" são aquelas vividas pela Folia longe de seu contexto de origem, geralmente "patrocinadas" pelos diversos órgãos de cultura e turismo que passam a "promover" as Foliias de Reis, introduzindo para o grande público estes grupos rituais.<sup>25</sup>

O "palco" pode ser a Estátua de São Sebastião,<sup>26</sup> na Glória, em Universidades, na Cinelândia <sup>27</sup>, no pátio da Igreja do Rosário, no centro do Rio. A Folia se organiza em meio a microfones, palmas, tempo de apresentação previamente limitado. Na cidade do Rio de Janeiro, Praça Marechal Floriano, (Cinelândia), em frente à Câmara Municipal, durante a década de 80, as Foliias de Reis se "apresentavam" no dia 06 de Janeiro, sob os auspícios da Prefeitura da Cidade, Departamento de Cultura, Riotur (Empresa Municipal de Turismo) e Arquidiocese do Rio de Janeiro. Nesses grupos frequentemente estavam incluídos os grupos de Mangueira.

A progressiva incorporação de um público à Folia de "não entendidos", ou seja, aqueles que assistem à prática ritual sem uma participação direta no código da devoção aos Santos Reis, faz com que se tenha uma releitura do ritual. O Mestre, o Palhaço, os Foliões ganham menor ou maior ênfase nas "apresentações" ou no "giro".

<sup>25</sup> Já citamos em um momento anterior desta dissertação, o discurso do dono da Folia Sagrada Família, de Mangueira, em pleno centro do Rio, numa festa pública. Em anexo algumas fotografias registram estes eventos.

<sup>26</sup> Local posteriormente proibido pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, alegando "prejudicar" as festividades do santo padroeiro!

<sup>27</sup> Neste local, a Prefeitura da Cidade montou, durante alguns anos, à época do Natal, um enorme presépio.

Antigamente tinha um tal de Miguelão. O palhaço prá ganhar um ovo , ele se desdobrava todinho. Hoje em dia não. O palhaço: ié, ié, ié, e estão dando 200 cruzeiros, 1000 cruzeiros! "(Geraldo).

"Na ocasião de nossa Folia aqui, era muito mais difícil do que hoje. Hoje chega, canta uns versos na chegada de uma casa, uns trechinhos de profecia. Depois agradece, e pronto. Antigamente além da mesa, a sala, as paredes eram todas cobertas de quadros de santo. Tinha que falar um verso para cada santo daquele. A gente passava a noite na casa dele, cantando." (*Zé do Tiça*, Minas).

Arrolar os grupos de Folias de Reis, conforme observamos em nossas investigações no Rio de Janeiro, no conjunto dos espetáculos reservados ao turismo e à indústria cultural, parece, no mínimo inadequado. A Folia não se resume à sua "apresentação pública", mas, no entanto, conta com ela em sua "jornada".

Hoje, nas cidades do interior, organizam-se encontros de Folias de Reis, patrocinados pelas prefeituras locais, incluídos em sua programação turística, congregando os grupos para um "desfile", e montando jurados para a sua avaliação, tornando-se assim uma grande festa da Cidade.<sup>28</sup>

---

28 Para citar algumas festas desta natureza, no Rio de Janeiro como exemplo: Vassouras, Paraíba do Sul, Duas Barras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O Trabalho de Campo. Reflexões para uma Antropologia Visual.

"Queremos saber sobre apresentações artísticas, mas o que sobrevive são textos; queremos ver essas apresentações através dos olhos dos artesãos e camponeses, mas somos obrigados a enxergá-las com os olhos dos forasteiros letrados" (Burke 1989:91).

Gostaria de voltar a tratar do "trabalho de campo", neste momento, especialmente no que se refere ao processo de registro de imagens visuais e sugerir algumas reflexões para este debate. Na Introdução desta dissertação, busquei demonstrar que, se por um lado faz 15 anos que iniciei as investigações sobre as Folias de Reis no Morro de Mangueira, por outro, este longo período foi marcado por diversas interrupções que trouxeram novas abordagens e interesses diferenciados. Desta forma, quantitativamente e qualitativamente, os dados obtidos são bastante amplos e diversificados. São inúmeras horas de gravação de depoimentos, cantorias, registros no caderno de campo e em vídeo. Neste universo, o registro visual tem, para mim, significado especial. Não somente por ter sido feita, a partir da pesquisa com as Folias, a minha iniciação no campo das imagens visuais. É inegável este aspecto. Mas, ainda, porque acredito ter introduzido, na minha pesquisa, a partir do uso sistemático do vídeo nas investidas ao campo, uma variável relevante na relação pesquisador-informante e feito algumas reflexões a respeito da "Antropologia Visual".

Para as informações obtidas ao longo da pesquisa de campo, certamente determinadas pelo tipo de relação estabelecida entre o pesquisador e seu objeto, parece-me que a presença do vídeo desempenhou papel fundamental. Funcionava como uma abertura de universos, muitas vezes apontados pelos próprios foliões. Neste contexto, exemplifico com a viagem a Minas. Éramos mesmo uma equipe de filmagem, composta por Geraldo Raimundo - meu principal informante, José Inacio e eu.

Assim, não só pela importância do material visual registrado, que visava a produção de um vídeo complementar a esta dissertação, mas também pelo próprio processo de trabalho e pelo potencial cognitivo que possibilitava o vídeo, vejo a importância dessas reflexões.

Freire(1987) distingue "observação direta" de "observação fílmica" e desenvolve algumas discussões sobre a utilização do filme e do vídeo como instrumento de pesquisa.

"Na observação direta, traduzida ulteriormente numa linguagem escrita, o observador é levado a apreender os momentos mais explícitos do desenrolar da ação, muitas vezes em detrimento de aspectos subjacentes ou menos evidentes...Com efeito, o pesquisador que, diante de um comportamento humano qualquer, só dispõe de papel e lápis para registrar o que presencia,...posteriormente apenas poderia contar com sua memória e suas notas escritas para interpretá-lo e descrevê-lo..."(Op.Cit)

No caso da apreensão fílmica, segundo o autor, "perenizando os momentos mais fugazes ou marginais da manifestação estudada, permitindo assim sua análise minuciosa e repetida, as imagens animadas oferecem ao pesquisador a liberdade de diversificar sua observação (...) É assim que certas particularidades, às quais nenhuma significação especial foi atribuída(...) revelam-se, quando da análise posterior das imagens, indispensáveis e decisivas para um completo conhecimento do processo"(Op.Cit).

Essa mesma idéia é corroborada por Jean Rouch (1968):

"Quando um ritual comporta um grande número de ações simultâneas, um certo número de gestos podem parecer sem interesse, enquanto que outros parecem mais importantes; ora , na análise das imagens percebe-se que entre esses gestos, é o mais inaparente, o mais discreto, que é o mais importante."

Freire(1987) aponta então como possibilidade decorrente do uso das imagens animadas, em uma pesquisa, o "aprofundamento de conhecimentos do

universo registrado" e ainda a "elucidação de dúvidas mediante a exibição do material recolhido aos informantes". Chama a atenção para a estratégia de filmagem a ser escolhida, ou seja, para o "fio condutor" estabelecido, para guiar as observações como tendo importância capital. Neste aspecto meu trabalho parece distinguir-se de uma certa tendência em torno das reflexões recentes sobre Antropologia Visual<sup>1</sup>. A ênfase, em geral, é dada, no trabalho do antropólogo, ele próprio, cineasta. No caso do Brasil, as experiências abordando a pesquisa em áreas indígenas apontam também para este aspecto.<sup>2</sup>

Nesta pesquisa, o registro visual foi introduzido a partir da participação de um profissional de cinema e vídeo no desenvolvimento do trabalho, que, assim, passou a ser feito em equipe. A discussão sobre o "fio condutor", sobre a formulação de um roteiro básico para as filmagens se colocava e aí estava implícito um debate sobre o "filme etnográfico" e o "documentário". Se, por um lado, um roteiro geral era constantemente discutido entre pesquisador, informantes, e cineasta, baseado nas hipóteses principais da pesquisa, por outro, a independência de ação que o vídeo possibilita ao seu operador conferia-lhe uma grande autonomia no registro. Em outra oportunidade (Monte-Mór 1987:86) já tratei das tensões e dificuldades de um trabalho em equipe, desta natureza, quando uma certa tendência à "objetividade" e ao "purismo" da pesquisa esbarrava-se na "subjetividade" e "ficção" pretendida pelo cinema.<sup>3</sup>

Maggie (1984) chamava a atenção para a aproximação entre as abordagens do cientista social e do documentarista de cinema: "Os dois, em princípio, estão lidando com pessoas e voltados para uma realidade "exterior", ou melhor, "de fora". Tem portanto alguns pontos em comum mas usam

---

<sup>1</sup> Ver debates liderados por Claudine de France, ( Nanterre, França) e especialmente seu trabalho *Cinéma et Anthropologie* (1982).

<sup>2</sup> Ver a produção da Veneta Filmes, no Rio de Janeiro, nos anos 80 e do Centro de Trabalho Indigenista, CTI, em São Paulo, como exemplo.

<sup>3</sup> Referências a questões da mesma natureza podem ser vistas em Loyola, 1987.

linguagens diferentes. Uns usam a forma escrita, outros a forma cinematográfica. Essa diferença de linguagem traz, é claro, uma série de questões que também nos distanciam. O documentarista de cinema não está comprometido com o universo "científico"..."

No bojo desta discussão parece colocar-se uma reflexão sobre o que se entende hoje por "filme etnográfico", contrastando com a noção clássica em Antropologia. As formulações de Sensiper (1990) parecem reveladoras:

"O desejo do antropólogo de simplesmente registrar "cultura" me parece pertencer a um "sonho" antigo. Um "sonho" antigo em que "cultura" era uma história objetiva, que nada tinha a ver conosco. Visto desta maneira, a metodologia que buscava definir se um filme seria etnográfico ou não - tomadas longas, abertas, sem música adicional - deve ser vista como uma questão de estilo; Nichols argumenta que assim reafirma-se o ponto de vista colonial, constituindo-se o observado como aquele que vê sem ser visto."

Nesta medida busquei enfatizar, neste trabalho, a idéia de "polifonia", de "diálogo", recorrente nos debates a respeito da etnografia, no contexto do que seja hoje uma antropologia "pós-moderna" (Caldeira, 1988). Penso que, no âmbito desta discussão, o registro visual parece ter seu lugar garantido.

## Conclusão

Ao longo deste trabalho procurei tratar de algumas questões, que gostaria de retomar nestas considerações finais.

### a. Folia, memória e identidade regional:

Dentre as diferentes possibilidades de se viver a identidade regional mineira, por um conjunto de migrantes, na cidade do Rio de Janeiro, os grupos de Folias de Reis parecem espaço privilegiado. Como a "cozinha mineira",



estudada por Dutra (1991), enquanto um "símbolo de autenticidade do povo mineiro" e uma "expressão da identidade regional "(Op.Cit,1991), assim também parece se caracterizar a Folia de Reis.

Um informante paulista, de Carlos Brandão (1981), já dizia: "São Gonçalo é com a gente, mas isso de Folia de Reis é com Minas, coisa de mineiro". As Folias de Reis "mineiras" de Goiás foram estudadas por Yara Moreira<sup>4</sup> , que destaca "dois sistemas de cantar Folia, o goiano e o mineiro". Em suas investigações, conclui que "o sistema mineiro de cantar Folias é hoje praticado, indistintamente, por famílias de origem mineira radicadas em Goiás há décadas..."

Segundo Duarte (1987), "frente ao diverso, a identidade se redefine constantemente pela atividade, pela comunidade, pela tradição". Portanto, nas Folias de Reis, encontramos também um eixo de expressão da identidade regional no Rio de Janeiro, dentre os temas que corporificam a identidade mineira.

Especialmente no âmbito literário da cultura brasileira batizou-se, como "mineiridade", um conjunto de valores atribuídos aos naturais de Minas Gerais. Alguns estudos recentes trataram do tema, destacando-se os de Dutra(1991) e Bomeny (1991). Ambos apontam a obra "Voz de Minas", de Alceu de Amoroso Lima (Ops.Cit) como um marco na formulação desta noção. Explicitando o que seja o "caráter mineiro", a obra citada enfatiza o dilema entre o "tradicional e o moderno" vivido pelos mineiros, destacando a "permanência do homem rural dentro do cidadão urbanizado" como característica. Dutra (1991) propõe como forma crítica de se responder a essa formulação a idéia de se pensar a identidade como um "processo". Assim, parece ser relevante a possibilidade de elaboração de uma memória e de uma identidade regional, através da participação nos rituais de Folias de Reis no Rio de Janeiro.

---

<sup>4</sup> Ver bibliografia.



A Folia seria um "jeito de ser" mineiro, e é através dos mecanismos da memória que se efetua a construção da identidade regional. "Baseando-se na origem comum, edifica-se na esfera do imaginário coletivo a definição do "jeito de ser" mineiro, tão particular e tão idealizado.<sup>5</sup> Segundo Hobsbawm (1984) a "ausência da terra natal, a situação de migrante, estimulam a eleição de datas, oportunidades de encontro de conterrâneos. Estas reuniões tornam-se motivo de celebração e de recordação da terra de origem..."

#### b. Folia e religião:

Ritual tradicional do catolicismo popular, a Folia de Reis, em sua versão urbana, atualiza-se dentro de um universo religioso mais amplo, articulando diversos domínios deste universo. Estabelece códigos próprios para as várias situações encontradas em sua "jornada", interagindo tanto com agentes da Igreja Católica, quanto do mundo dos cultos afro-brasileiros.

Gostaria de propor, neste aspecto, a idéia de um "sincetismo às avessas".

No Brasil, classicamente, as chamadas religiões afro-brasileiras foram estudadas como um fenômeno de "sincetismo religioso", onde os "traços africanos" se encontravam "sincetizados" com os "traços católicos"<sup>6</sup>.

Segundo Maggie (Op.Cit), o "próprio nome genérico que foi escolhido para denominá-las (afro-brasileiro) expressa essa visão de uma religião "sincetizada". Afro, pois tinha traços africanos. Brasileiro, pois apresentava traços católicos, espíritas e indígenas". As investigações da autora sobre tais cultos assim como dos autores que se seguem, tomam, no entanto, perspectivas diversas.

Contudo, o que parece ocorrer na prática, no universo das religiões populares, é a existência de uma gramática comum, uma linguagem básica, que cruza as diversas tradições. Assim, "Santo" é usado como uma das denominações das figuras dos "Orixás", e os diversos santos do panteão

---

<sup>5</sup> Dutra, 1991.

<sup>6</sup> Para esta discussão, ver Maggie, 1975:11-12.

católico, encontram correspondentes específicos no mundo afro, por exemplo.

Retomando as formulações de Velho (1991) sobre a existência de uma linguagem básica, que atravessa toda a sociedade brasileira "traduzida na crença em espíritos, transe, mediunidade e possessão", essa correspondência se faria também às avessas. No mundo das Folias. são os Santos Reis associados a determinados "Orixás", assim como o palhaço, pode ser definido como Herodes, Judas, mas também associado à imagem ambígua de "Exu", ou "Seu Tranca Rua". São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, é o santo de devoção dos foliões na cidade e, também, reverenciado pela fé dos que pertencem à Umbanda e ao Candomblé.

No ano de 1980, Dom Eugênio Sales, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, proibia a peregrinação dos Foliões de Reis à estátua de São Sebastião, na Praia do Russel (Glória, Zona Central da cidade), no dia de São Sebastião, como já se fazia costume entre os foliões, usando o argumento de que "isso era coisa de macumba". Passou, ele mesmo, a organizar os festejos, sem a Folia e com uma procissão.

#### c. Folia e o poder público:

Os agentes do poder público, no Rio de Janeiro, através dos órgãos competentes - cultura, turismo, educação - identificam na Folia de Reis manifestação importante da chamada cultura folclórica. No mapa reproduzido em anexo, editado pela "Flumitur" em conjunto com a "Divisão de Folclore", não há um só município em que os grupos de Folias de Reis não estejam registrados. O mundo das Folias de Reis parece ser legitimado e regulamentado assim pelas relações com o poder público, através de suas diversas instâncias.

O discurso que preconiza a "decadência" das Folias nos grandes centros urbanos, em oposição à sua existência na roça, não parece levar em conta um conjunto de relações sociais que se estabelecem durante todo o processo

de organização da Folia, que não se resume à "apresentação", à "visita" ou ao "giro". A Folia da Mangueira, num palco armado na Cinelândia para uma "apresentação", não se resume neste evento isolado, assim como as Escolas de Samba não se resumem ao seu desfile na Avenida. Pensar assim seria não atentar para todo um processo vivido pelos integrantes dos diversos grupos, na preparação tanto de uma "saída" de Folia quanto de um desfile na Avenida.

Castro & Couto (1962) já apontavam para a existência, no Rio de Janeiro, no ano de 1954, da Confederação dos Reisados, congregando "dezenas de Folias na cidade". A FRERJA - Federação das Folias de Reis do Rio de Janeiro, já existe desde o início da década de 80, e os grupos de Folia pretendem identificar, em lideranças políticas estaduais, representantes capazes de levar adiante seus projetos e anseios. Nesta medida, querem estabelecer canais próprios de articulação e reivindicação, como qualquer outro grupo social, buscando um diálogo constante, traduzido em "apoio" e "incentivo", que tem na Divisão de Folclore, órgão estadual, seu expoente principal.<sup>7</sup> A relação, portanto, que os grupos de Folia de Reis mantêm com o poder público, através de suas diversas agências, é fundamental para a própria constituição do modo de vida das Folias nas grandes cidades.

#### d. Folia e samba:

O conceito de "festa popular" assim como analisado por Bakhtin(1968) está, em sua gênese, vinculado às noções de Carnaval e Epifania, no mundo medieval. De forma peculiar, minha investigação parece apontar para a atualização destes conceitos. O Morro da Mangueira, conhecido reduto do samba carioca, é o universo para os festejos tradicionais de um grupo de migrantes mineiros, em nome dos Santos Reis, organizando Folias de Reis.

---

<sup>7</sup> Ver, em anexo, a carteirinha para as Folias de Reis produzida pela "Divisão de Folclore", na década de 80, assinada por sua representante Cáscia Frade, licenciando os grupos para as "saídas" na cidade.

"Cantatas e tocatas de Reis estruturaram-se, finalmente, talvez em meados do século XIX, em associações populares conhecidas como ternos e ranchos, sobretudo na Bahia..." conforme Edison Carneiro (1982). Trazidos da Bahia, segundo o mesmo autor, para o Rio de Janeiro, nos anos de 1870, "os ranchos não vingaram como desfile de Reis, mas, posta de lado a intenção religiosa, pastoras, tenores, alegorias, mestre-sala e porta-estandarte criaram alma nova no carnaval carioca e passaram a liderar, em esplendor e em apoio popular, as demais associações carnavalescas..."(Op.Cit:87). É este o caso dos ranchos, que vão dar origem, por exemplo, à Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. "As cantatas e tocatas de Reis", segue Carneiro (Op.Cit), "tomaram, na região Centro-Sul, não a forma de ternos e ranchos, mas de folia, folia de Reis, tendo por modelo remoto a do Divino". Migrantes mineiros trazem a cultura do fazer Folia para a cidade, que por sua vez já vive aqui essas tradições. No cenário do Morro de Mangueira, os ranchos, o samba e as Folias se encontram.

e. A Folia e a sociabilidade:

Nos termos de Simmel (1971) a sociabilidade seria uma espécie de visão sintética da sociedade ideal, uma solução para o problema da associação quando percebida como um fim em si mesma. Deste enfoque, a "dramatização artística que é a sociabilidade seria duplamente social, posto que não é apenas desempenhada em sociedade, mas ajuda os indivíduos a realmente dramatizarem a sociedade"(Op.Cit:134).

No decorrer desta dissertação procurei demonstrar diversas formas de sociabilidade e interação através das observações sobre os grupos de Folias de Reis. Por um lado, a prática de "fazer Folia" reforça, não só as relações de parentesco, vizinhança, amizade, compadrio, trabalho, como também é percebida como uma herança, uma tradição familiar, de pai para filho, de geração para geração reafirmando, portanto, os laços da vida doméstica.

Assim como percebido por Sandra Carneiro (1985) em seu estudo sobre as

representações e organização social dos baloeiros na cidade do Rio de Janeiro, no caso das Folias de Reis por mim analisadas, o "sentimento de pertinência à família e o impulso para a sociabilidade não são incompatíveis e sim são concebidos como intrinsecamente conjugados."

O encontro entre os foliões não pode ser reduzido na organização final dos grupos de Folia, conforme já mencionei. Esses atores sociais participam juntos, de uma série de acontecimentos como reuniões, festas de aniversário, peregrinações a Santuários ou excursões de lazer, em fins de semana, incluindo o roteiro de "Minas", em momentos de convivência social que permitem suas relações de serem atualizadas.

Embora baseadas as Folias de Mangureira em relações de parentesco bastante explícitas, conforme diagrama em anexo, relacionam-se ainda, no universo das folias, com diversos foliões, participantes de grupos de Reis espalhados pela cidade.

#### f. O que está dramatizando a Folia de Reis?

A partir do exposto ao longo deste trabalho acredito que o ritual da Folia de Reis, desempenhado por integrantes das camadas populares de nossa sociedade possa ser visto como uma dramatização da própria vivência da classe trabalhadora, traduzida nas relações sociais de dominação e subordinação. Os bons e os maus, os ricos e os pobres, os dominantes e os dominados. Assim, em nível interno, esta dramatização seria vista na hierarquização existente entre os foliões: mestres, contra-mestres, etc. Em nível externo, na hierarquização entre os diversos grupos que se espalham pela cidade. Os "melhores", os "que sabem", os "que não sabem", visto pela ótica dos foliões. Para fora dos grupos, na busca de prestígio, legitimação e poder com o "mundo de fora", do poder público - da política, da cultura, do turismo, da Igreja.

A viagem dos Magos a Belém, é pelos grupos de Folia dramatizada, neste reviver da Folia que, por sua vez, dramatiza a própria condição social dos

foliões. Os Magos, que são Reis, vividos, numa inversão, pelos representantes das camadas populares da sociedade.

A "volta a Minas", viagem em busca das "origens" do saber, constante no discurso e na vida dos foliões, sugere as formulações de Halbwachs (1950) sobre "memória" e "lembrança". Para o autor, "lembrança é a reconstrução do passado realizada com a ajuda de dados tomados do presente e elaborados em outros lugares, por outras reconstruções feitas, nas quais a imagem do tempo antigo já é algo bem alterado". Cita o "grupo social" como "o lugar onde se desenvolvem as memórias coletivas, e que fazem delas algo vivo, e passível de transformação pelo desenrolar das mudanças do grupo".

Assim, a espontaneidade com que os foliões desenvolviam suas histórias de vida para minha pesquisa, a história das Falias, está ligada, sem dúvida, a uma busca no passado de um modelo de Folia, simbolizado por Minas Gerais: depositária desse saber onde estaria a "verdadeira folia", "como antigamente", e que é hoje dramatizada pelos grupos da Mangueira na cidade do Rio de Janeiro.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORAÇÃO DOS MAGOS. In: Bíblia. N.T. Mateus. 2,1-12.
- ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro, 1880.
- ALMEIDA, Renato. Essências do Folclore Brasileiro. In Aspectos da formação e evolução do Barsil. Estudos publicados em 1952, no Jornal do Comércio no seu 125 aniversário. RJ, 1953.p.337-346.
- \_\_\_\_\_. Folclore e Turismo Cultural. RBF, 10(28):199-203, RJ.set-dez, 1970.
- \_\_\_\_\_. Folguedos Populares no Brasil. Folclore, 1(5):1. Vitória, mar-abr. 1950.
- AMARAL, Amadeu. Tradições Populares. SP, Inst.Progresso Edit., 1948.
- ANDRADE, Mario de. Danças Dramáticas do Brasil. BH, Ed.Itatiaia, Brasília, INL, 1982.Tomo I.
- ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. SP, Ed. Brasiliense, 1981. 81p. (Col. Primeiros Passos, n. 36).
- \_\_\_\_\_. Pelo estudo dos folhetos no contexto da sua produção. Arte em revista, SP, 2(3) mar., 1980.
- \_\_\_\_\_. O trabalho e a fala. SP, Kairós, 1982.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. Folia de Reis de Cunha. Separata da Revista do Museu Paulista, N.S., SP, 3:416-459, 1949.
- AUTRAN, Margarida. O som da Folia de um palhaço artesão. Programação Funarte, RJ:7, jun. 1987.
- AZZI, Riolando. O episcopado brasileiro frente ao catolicismo popular. Petrópolis, Vozes, 1977.
- BAKHTIN, Mikhail. Rabelais and his world. Cambridge, Mss, London, MIT Press, 1968.
- BARROS, Myriam Lins de. Autoridade e afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira. RJ, Jorge Zahar Editor, 1987. 152p.
- BARTH, F. Introduction. In BARTH, F. (ed) Ethnic groups and boundaries. Oslo, London, 1980.
- BECKER, H. Outsiders. Studies in the sociology of deviance. NY, The Free Press, 1966.
- BENCHIMOL, Jaime L. A modernização do Rio de Janeiro. In DEL BRENNA, G. (org.) O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II RJ, Index, 1985.
- BEOZZO, José Oscar. Irmandades, santuários e capelinhas de beira de estrada. REB. Petrópolis, 37(148):741-758, dez, 1977.
- BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda. SP, Ed. Brasiliense, 1983, 108p. (Col.



Primeiros Passos, n.97).

BOMENY, Helena. A mineiridade dos modernistas. A república dos mineiros. RJ, IUPERJ, 1991 (mimeo)

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. SP, EDUSP, 1987.

BOTT, Elizabeth. Família e rede social. Papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns. RJ, Francisco Alves, 1976.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Deus te salve, casa santa! Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo, Minas Gerais. RJ, Funarte, 1979.

\_\_\_\_\_. Os Deuses do povo; um estudo sobre a religião popular. SP, Ed. Brasiliense, 1980. 306p.

\_\_\_\_\_. Em nome dos Santos Reis; um estudo de caso sobre as relações entre a religião popular no Brasil e o catolicismo de vanguarda. (simpósio sobre Igreja na América Latina.) Manchester, Inglaterra, 1982 (mimeo).

\_\_\_\_\_. A Folia de Reis de Mossâmedes. RJ, CDFB, 1977. 36p. (cadernos de Folclore n.20).

\_\_\_\_\_. Memória do Sagrado. SP, Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. O que é folclore. SP, Brasiliense, 1982 (Col. Primeiros Passos n.60)

\_\_\_\_\_. Sacerdotes de Viola. RJ, Vozes, 1981.

BRANDÃO, Francisco M. Folias de Reis. Censura e Política. Diário de Notícias, Gb, 5 de jan., 1958. Supl.Lit., p.5.

BURKE, Peter. A cultura popular na idade moderna. Europa, 1500-1800. SP, Cia das Letras, 1989. 385p.

CALDEIRA, Teresa P. do R. A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia. Novos Estudos. SP, Cebrap, (21) jul. 1988.

CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. RJ, José Olympio, 1964.

CARNEIRO, Edison. A dinâmica do folclore. RJ, Civ. Brasileira, 1965, 188p.

\_\_\_\_\_. Elementos novos no folclore carioca. Diário de Notícias, RJ, 23 jan. 1955.

\_\_\_\_\_. Evolução dos estudos do folclore no Brasil. RBF, RJ, 1962.

\_\_\_\_\_. Folguedos Tradicionais. 2 ed. RJ, Ed Funarte, 1982. 176p. (Etnografia e Folclore/clássicos, 1).

\_\_\_\_\_. Folias de Reis. Última Hora, RJ, 2 de abr., 1953 (ass: Carlos Antonio)

\_\_\_\_\_. Folias de Reis. Leitura. RJ, 1965.

\_\_\_\_\_. As pastoras do Natal. 25 Estudios del Folclore. México.DF, Inst.Inv. Estéticas. Univ. Antrop.México, 1971.

CARNEIRO, Sandra Maria Correia de Sá. Balão no céu, alegria na terra. Estudo sobre as representações e a organização social dos baloeiros.



- RJ, Funarte/INF, 1986.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. SP, Martins 1965.
- \_\_\_\_\_. Dicionário do Folclore Brasileiro. RJ, Edições de Ouro. 1972. 930p.
- \_\_\_\_\_. Literatura oral no Brasil. BH, Itatiaia/SP, Edusp, 1984.
- CASTRO, Zaíde Maciel de. As Folias de Reis na Guanabara. Jornal do Brasil: 3,2.caderno, 25 dez., 1968.
- CASTRO, Z.M.de & COUTO, A.P. Folias de Reis. RJ, Secret.Est.Ed.Cult, 1962 (Col. Cidade do RJ, n.16)
- \_\_\_\_\_. Folias de Reis. RJ, CDFB, 1977. (Cadernos de Folclore, n.16)
- \_\_\_\_\_. Os foliões de Reis. O Jornal, GB, 1 dez, 1957.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Isto é folclore? Programação Funarte. RJ, 2(22):9,out.1987.
- CAVALCANTI, Maria Laura V.C.& outros. Os estudos de folclore no Brasil. RJ, INF, 1988. (Com.apresentada Seminário Folclore e Cultura Popular, 20 anos de debate. 1988)
- CONDE, Cecília. Para uma nova educação musical. Arte & Educação. RJ, Sobreart, ano 6(21):4, set 1977.
- COUTO, Aracy do Prado. As Folias de Reis no Rio. Paratodos, RJ, set, 1957.
- DA MATTA, Roberto A. Carnavais, malandros e herois: para uma sociologia do dilema brasileiro. RJ, Zahar Ed. 1979.
- \_\_\_\_\_. Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos. Religião e Sociedade, 1(1):3-30, mai 1977.
- \_\_\_\_\_. O ofício do etnólogo ou como ter "anthropological blues". In: Boletim do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, 1974.
- \_\_\_\_\_. Relativizando. Petrópolis, Vozes, 1981.
- DAVIS, Natalie Z. Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no início da França Moderna. RJ, Paz e Terra, 1990. 308p.ilust.
- DIAS DA CRUZ, H. Os morros cariocas no antigo regime. Notas de reportagem. RJ, 1941.
- DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. A Boa mesa mineira. Um estudo de cozinha e identidade. RJ, PPGAS -MN, 1991. (mimeo).
- EM DIA DE REIS, HORA DE ROMÃ. Jornal do Brasil:6, 6 jan., 1987.
- EPSTEIN, A.L. The network and urban social organization. In MITCHELL, J. Clyde. Social networks in urban situations. Manchester, Manchester Univ. Press, 1969, 378p.
- ESCRICH, Henrique Perez. O mártir do gólgota. Tradições do oriente. Porto,

- Editorial Domingos Barreira. (2 vols).
- FERNANDES, Florestan. Folclore e mudança social na cidade de S.Paulo. SP, FERNANDES, Rubem César. Os cavaleiros do Bom Jesus.Uma introdução às religiões populares. SP, Brasiliense, 1982. 148 p. (Primeiros Vãos n.7).
- FOLIA DE REIS. Jornal da Cidade. Jundiaí, 18 ago, 1977.
- FOLIA DESCEU DA BABILÔNIA COM ANO NOVO PARA REVERENCIAR MAGOS NO LEME. Jornal do Brasil, RJ, 3 jan. 1960.
- FOLIAS DE REIS (para o IV Centenário). A Gazeta. SP, 12 jan. 1953.
- FOLIAS DE REIS, REISADOS...A TRADIÇÃO MANTIDA APESAR DO PROGRESSO. A Tribuna, Vitória, 6 jan. 1978.
- FRADE, Cascia (coord). Guia do Folclore Fluminense. RJ, Presença Ed./Sec. Est. Ciência e Cultura, 1985, 253p. ilustr.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, folclore brasileiro. RJ, CDFB, 1979. 116p.ilustr.
- FRANCE, Claudine de. Cinéma et anthropologie, Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'homme 1982.
- FREIRE, Marcius Soares. O filme de pesquisa; algumas considerações metodológicas. Caderno de Textos. Antropologia Visual. RJ, Museu do Índio, 1987.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. RJ, Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes:o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. SP, Cia das Letras, 1987, 309p.
- O GLOBO, outubro, 1991.
- O GLOBO, 15 jan 1969. p.02.
- GOLDWASSER, Maria Julia. O Palácio do Samba. Estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. RJ, Zahar, 1975.206p.
- GLUCKMAN, Max. Les rites de passage. In: Essays on the ritual of social relations. Manchester, Manchester Univ.Press,p.1-52.1962.
- GREMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. "Mercadores e suas tradições".Samba Enredo Carnaval 1969. (folheto).
- GUIMARÃES, Alba Zaluar. Os homens de Deus. RJ, PPGAS-MN,UFRJ, 1974
- HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la memoire. Paris, Félix Alcan, 1925.
- \_\_\_\_\_. La memoire collective. Paris, PUF, 1950.
- HENRIQUE, J. Folia de Reis poderá acabar em breve. Diário do ABC, Santo André, 7 jan. 1970.
- HOBSBAWN, E. & RANGER T. (Org.) A Invenção das tradições. RJ, Paz e Terra, 1984.

HOJE TEM FOLIA DE REIS NA CINELÂNDIA. Correio da Manhã, Gb, 1. ca - derno, 5 jan. 1964.

JORNAL DO BRASIL., 06/01/77.p.02

\_\_\_\_\_ 13/03/86, Cad. B.

\_\_\_\_\_ 26/10/91, Cad. B.

\_\_\_\_\_ 22/02/92, p. 07.

LEACH, E.R. Political Systems of Highland Burma: a study of Kachin social structure. Boston, Beacon Press, 1954.

LIMA, Rossini Tavares de . O ABECÊ do Folclore. SP, Ricordi, 1972.262p.

LOYOLA, Maria Andréia. Uma relação de amor em dois tempos. In MENEZES, Claudia (org.) Caderno de Textos: Antropologia Visual. RJ, Museu do Índio, 1987.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. 1862.

MAGALHÃES, Celso de. A Poesia Popular no Brasil. Revista Brasileira. RJ, I, 435, 1879.

MAGGIE, Yvonne et alii. Arte ou Magia Negra? RJ, Funarte, 1989 (mimeo).

\_\_\_\_\_ Etnografia, observação participante e documentário de cinema. In MONTE-MÓR (Org.) Comunicações do Iser (10) RJ, 1984.

\_\_\_\_\_ Guerra de Orixá. Um estudo de ritual e conflito. RJ, Zahar, 1975. 170p

MAGOS. In: GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. RJ, Ed.Delta, 1970.p4192.

MANGUEIRA: MODERNOS BANDEIRANTES. Enredo do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira para o Carnaval de 1971. Edição de Gala. RJ, Ebal, 1971.

MARIO DE ANDRADE E A SOCIEDADE DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE.

SP. Secret.Munic.Cult; RJ, INF/Funarte, 1983. (Folclore Memória 2)

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. v. 2 SP, Edusp/ 1974. 37-184.

MELLO MORAIS Fo. Festas e Tradições populares no Brasil. BH, Itatiaia; SP, Edusp, 1979.

MENEZES, Wanda. Folia de Reis está na rua. O Jornal. GB:1,3.caderno, 1963.

MINEIRO, ATENDA AO CONVITE DO GOVERNADOR HELIO GARCIA... O Globo, RJ, 23 dez, 1986. (anúncio).

MITCHELL, J.Clyde. The concept and use of social network. In MITCHELL, J.C. Social networks in urban situations. Manchester, Manch.U.Press, 1969, 378p

\_\_\_\_\_ The kalela dance: aspects of social relationship among urban africans in northern Rhodesia. Manchester. Manch.Univ.Press, 1971

- MONTE-MÓR, Patrícia. Antropologia e Cinema. Um documentário na ilha de Taquile. In MENEZES, Claudia. Caderno de Textos:Antropologia Visual. RJ, Museu do Índio, 1987.
- \_\_\_\_\_. De "Reis" e de Política. Comunicações do Iser. RJ, 1,(2):48-50,1982.
- \_\_\_\_\_. A Festa e a memória da festa. Relatório de pesquisa. RJ, Iser/Funarte, 1985. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. A Folia do seu Zé: notas de uma noite de festa. RJ, PPGAS/MN.1980
- \_\_\_\_\_. Folia e Trabalho. RJ,PPGAS/MN.1981 (mimeo).
- \_\_\_\_\_. Tudo Farinha do mesmo saco.RJ,PPGAS/MN.1981 (mimeo)
- \_\_\_\_\_. Tudo que seu mestre mandar, faremos todos? RJ, Iser/Funarte, 1983 (relatório de pesquisa).
- MOREIRA, Yara. De Folias, de Reis, e de Folias de Reis.Goiania, 1979 (mimeo)
- \_\_\_\_\_. Música nas Folias de Reis "mineiras" de Goiás. Goiania. (mimeo).
- MOURA, Roberto. Cartola. Todo tempo que eu viver. RJ, Corisco Ed, 1988.
- \_\_\_\_\_. Tia Ciata e a pequena África no Rio. RJ, Funarte/INM.1983.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Considerações sobre a eficácia simbólica: a Folia de Reis. RJ, Iser, 1979 (mimeo).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. SP,Pioneira Ed. 1976.
- ORTIZ, Renato. Cultura Popular:românticos e folcloristas. SP, PUC, 1985.
- PEREIRA, Nuno Marques. O peregrino da América. II,45,6a.RJ,1939.
- PRADO, Regina Paula Santos. Todo ano tem. As festas na estrutura social camponesa. TJ, PPGAS/MN, 1977.(mimeo).
- PRIMEIRA COLETA DE MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS DO MORRO DA MANGUEIRA. RJ, 1977.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Sociologia e Folclore: a dança de São Gonçalo num povoado baiano. Bahia, Liv.Progresso Ed. 1958.
- QUEIRÓZ, Rachel de. Folia dos Santos Reis. Diário de Notícias, RJ, 6 de jan., 1952.
- REVISTA DA SEMANA. RJ, 5 jan. 1902 (capa).
- \_\_\_\_\_. 6 de jun, 1909.
- ROCHA, Adair. Na reza: se conhece a história e se canta a luta. Um estudo sobre Folia de Reis do Morro de Santa Marta, RJ, PUC,1985.
- ROMERO, Sílvio. Contos populares do Brasil. RJ, 1897.
- ROUCH, Jean. Le film ethnographique In PORIER, Jean (Ed) Ethnologie Générale. Paris, Gallimard, 1968. p 429-471.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagens à Província de Goiás. BH, Itatiaia/SP, Edusp. 1975.

- SENSIPER, Sylvia. Ethnography and dream: a recreation of visual ethnographic texts. University of Southern California, 1990. (mimeo).
- SIGNIFICADO E FUNÇÕES DA MÚSICA DO POVO NA EDUCAÇÃO. Projeto de pesquisa. RJ, Inepe/Unesco/Sobreart. 1976/1977.
- SILVA, Marília Barbosa da. & OLIVEIRA Fo., A. Cartola, os tempos idos. RJ, Funarte/INM, 1983. 220p.
- SILVA, Marília B. da & OLIVEIRA Fo. A. Silas de Oliveira, do jongo ao samba enredo. RJ, Funarte, 1981, 145p. ilustr. (Coleção M.P.B.4)
- SILVA, Marília B.da, OLIVEIRA Fo. A. & CACHAÇA, Carlos. Fala Manguera. RJ, José Olympio, 1980.
- SIMMEL, Georg. Sociability In:----- On Individuality and social forms. The Un.Chicago Press, 1971, p 127-140.
- Soares, Lelia Gontijo. Mario de Andrade e o Folclore. In Mario de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore. SP, Secret M. Cult/RJ, Funarte/INF, 1983.
- TAIAR, Cida. Mês do Folclore, apesar de tudo. Folha de São Paulo. F. Ilust, 7. caderno, 31 jul, 1983.
- TRINDADE, Solano. As Folias de Reis. Manchete, RJ, 6 fev. 1954.
- TRISTE FOLIA DE REIS SEM COROA. Jornal do Brasil. RJ:6, cad B, 8 jan 1965
- TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VALLENTINI, Liomar . Produção cultural e sobrevivência simbólica. RJ, 1980
- VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.
- VEJA RJ. 22, jan, 1992.
- \_\_\_\_\_ 29, jan, 1992.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. RJ, Zahar, 1981. 149p.
- \_\_\_\_\_ Indivíduo e religião na cultura brasileira. Novos Estudos.SP, CEBRAP (31):121-129, out 1991.
- \_\_\_\_\_ Observando o familiar. In A aventura Sociológica. RJ, Zahar, 1978.
- VELHO, Gilberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. In Artefato. RJ, Conselho Est. Cult.(1), 1978.
- VELHO, Yvonne Maggie Alves (Ver) MAGGIE, Yvonne.
- VILHENA, Luis Rodolfo. O movimento folclórico brasileiro. 1947-1964. RJ, PPGAS-MN, 1991.(projeto de tese).
- WILLEMS, Emílio. Uma vila brasileira. Tradição e transição.SP, Dif.Eur.Livro, 1961
- YAMAGUCHI, M. La Maquillage traditionnel au Japon; Folklore et theatre. Traverses, 7, fev 1977 (PPGAS-MN, xerox n.3277).

## GLOSSÁRIO

**Acompanhar** - Seguir a Folia sem posição ritual definida, "à paisana", ou seja, sem o uniforme.

**Ajuda** - participação esporádica na Folia auxiliando o "dono" ou fiscal na organização do grupo, sem "compromisso" específico.

**Alferes** - Porta-estandarte da Folia, também chamado Alferes da Bandeira, bandeirista ou bandeireiro.

**Apresentação** - Visita da Folia a não devotos, em geral em locais públicos, em promoções culturais.

**Bandeira** - Estandarte da Folia, contendo, em geral, figuras coladas: dos Três Reis, da Família Sagrada, São Sebastião. Coberta com véu de filó, enfeitada de diversas maneiras, com fitas (correspondendo a promessas), flores de plástico e outros adereços.

**Bicho** - O diabo, o satanás, associado ao palhaço. Também associado ao "Exu", do universo dos cultos afro-brasileiros.

**Brincar** - Atuar como palhaço na Folia. "Brincar" de palhaço.

**Ceia** - O jantar dos foliões, na festa do Remate.

**Chamar** - Tocar (os instrumentistas), de modo especial, dando a "vez" aos palhaços.

**Chegada** - Visita da Folia à casa de um devoto. Fazer a Chegada, pedir licença para entrar.

**Chula** - O recitativo dos palhaços.

**Companhia** - Folia, o grupo de Folia.

**Compromisso** - A partir de promessa feita aos Três Reis, a obrigação de sair com Folia, em geral, por sete anos.

**Conhecimento** - O saber ritual dos integrantes da Folia.

**Contra-Mestre** - Aquele que auxilia e é o substituto eventual do Mestre.

**Contrato** - Acerto feito pela Folia com os foliões para participação em um grupo de Folia, ou devotos para a "visita" da Folia à sua casa.

**Coroa** - Chapéu, boné, usado pelos Foliões. "Mulher coroadas"- aquela que participa de Folia.

**Devoto** - Aquele que tem "fé" nos Santos Reis. Aquele que recebe a Folia.

**Dono** - Promotor, em geral, de uma Folia, "contratando" um mestre para guiá-la.

**Encargo** - O mesmo que "compromisso".

**Encontro** - Encontro casual de duas ou mais Folias na estrada, com troca de



saudações, tocatas e exibições dos palhaços. No passado esses encontros tinham conotação de disputa entre os grupos de Folia. Uns perdiam os seus instrumentos e vestimentas para outros, com base no saber ritual dos grupos.

**Entrega** - Cerimônia final de encerramento anual da peregrinação da Folia - "entrega" dos instrumentos e vestimentas ao "dono", término da jornada.

**Farda** - Vestimenta dos foliões, uniformes. Pode se referir também à roupa do palhaço.

**Festa de Folia** - o mesmo que Remate.

**Fiscal** - Encarregado da disciplina, categoria recente nos grupos de Folia.

**Folião** - aquele que integra um grupo de Folia.

**Gambá** - verso inventado na hora, não seguindo o saber das "profecias".

**Giro** - As diversas "visitas" da Folia durante um período de "jornada".

**Gogó** - Refere-se ao palhaço "bom de rima" para fazer versos, bom de "gogó".

**Jornada** - Período anual de peregrinação da Folia, em geral do dia de Natal ao dia de Reis.

**Licença** - Pedido para entrada à casa do devoto ou documento exigido pelos órgãos públicos para a circulação dos grupos de Folia pela cidade.

**Marcha** - música, "toada" da folia, sem os versos, somente o ritmo, acelerado, quando de um encontro de folias, ou em caminhada para "fazer a chegada".

**Marcha de rua** - o mesmo que "marcha", mas tocada na caminhada da Folia, entre uma visita e outra.

**Mestre** - Responsável pela Folia ao nível do desempenho ritual. Pode ser substituído pelo Contra-Mestre ou pelo Mestre Palhaço.

**Mestre Palhaço** - Refere-se ao bom palhaço, o palhaço "sabido", que pode até substituir o Mestre.

**Missão** - Encargo, compromisso, baseado em uma promessa.

**Oferta da Bandeira** - Dinheiro oferecido à "bandeira" pelos devotos, geralmente preso com um alfinete no estandarte e recolhido pelo "Dono". No passado, nas Falias rurais, costumava-se oferecer, em lugar de dinheiro, produtos diversos como uma leitoa, ovos, um bezerro, frutas. É com o que se recolhe durante o "giro" que se organiza a Festa do Remate.

**Oferta do Palhaço** - Dinheiro atirado ao chão para o palhaço, durante sua atuação ritual. É recolhido por ele e guardado num pequeno saco de pano, que carrega para este fim.

**À Paisana** - Estar sem a farda ou o uniforme. Acompanhar a Folia "à paisana".

**Palhaços** - Dançarinos e cômicos mascarados, geralmente em número de três que fazem a "representação" dos soldados de Herodes, de Herodes, o cão, o Satanás, o Tranca Rua, Exu.

**Pastorinhas** - Mulheres que saem nas Folias.

**Patrão** - Dono da casa, "patrício".

**Porrete** - Pau, bengala, carregada pelo palhaço, que serve para auxiliá-lo em seus malabarismos.

**Profecia** - Cânticos inspirados no Antigo Testamento, livros da vida dos Santos, versões populares da História Sagrada, que contam os episódios da Natividade.

**Quadro** - Oratório de madeira usado nas Folias antigas, da roça, de Minas, em lugar da Bandeira.

**Rainha da Bandeira** - bandeireira, porta-estandarte, quando mulher.

**Receber** - O ato de aceitar a Folia em sua casa, por parte do devoto.

**Remate** - Festa do Remate. Encerramento solene da Folia em cada ano. Sem data fixa, o Remate é feito após o 20 de Janeiro, no Rio de Janeiro, geralmente na casa do "dono".

**Requinta** - A 2a voz, aguda, em geral de mulher ou criança, típica das Folias. Também chamada Tipe.

**Saída** - Início da Jornada da Folia. A Folia vai iniciar seu giro, vai "dar sua saída".

**Sanfoneiro** - O tocador de sanfona.

**Tipe** - O mesmo que "requinta".

**Tirar** - Tirar Reis - cumprir promessa de Fazer Folia, em geral, por sete anos.

**Toada** - a "cantoria" da Folia num determinado ritmo. Fala-se em "toada mineira", "toada paulista", "toada goiana".

**Visita** - Ida da Folia à casa de um devoto ou a outro local "contratado".

**Uniforme** - O mesmo que "farda".



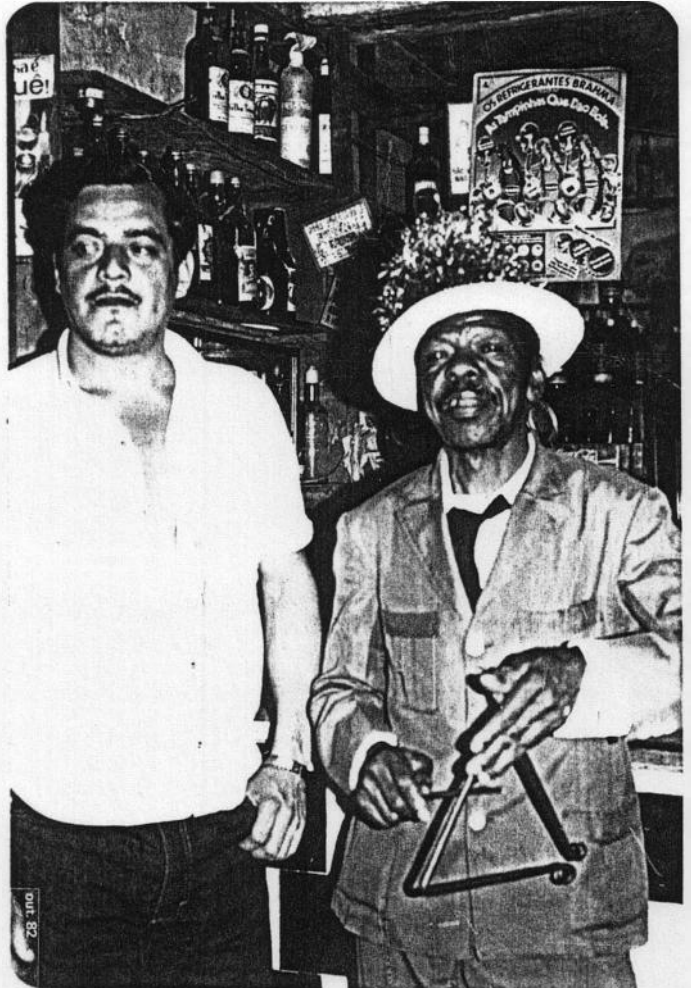
## **ANEXO I - FOTOGRAFIAS**

## FESTA DO REMATE DA MANGEDOURA

Candelária, casa do Teixeira

1982

### 1. Chegada à casa do dono Folião na "birosca" (Sílvio)



## 2. Chegada de Folia visitante

As duas bandeiras na casa de Teixeira.



### 3. Palhaço sem máscara.

Deca se veste de palhaço, auxiliado por Idalina, esposa de Teixeira.



**A SAGRADA FAMÍLIA EM "GIRO" NA CANDELÁRIA**  
**Casa de Remízio, Dia de Reis,**  
**1982**





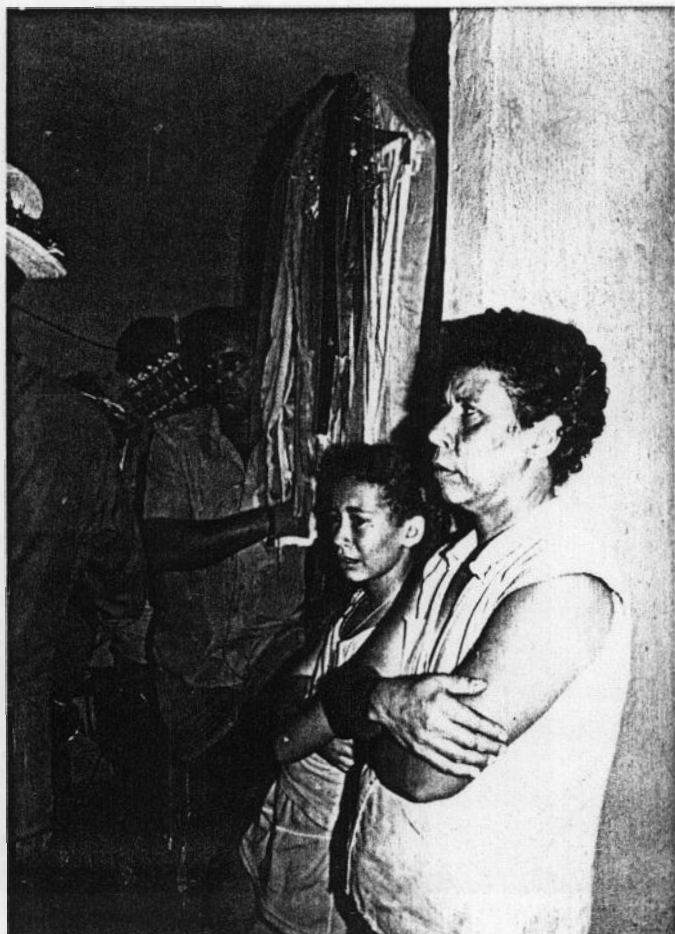
**1. Zé Elias, residente em Minas, recebe a bandeira em casa do filho Remízio, na Candelária, ao lado de Geraldo. O mestre é Zé Tunha, seu neto.**



**A MANGEDOURA EM "GIRO" NA CANDELÁRIA**  
**Visita à casa de Celica e Astério, Jan.1983**

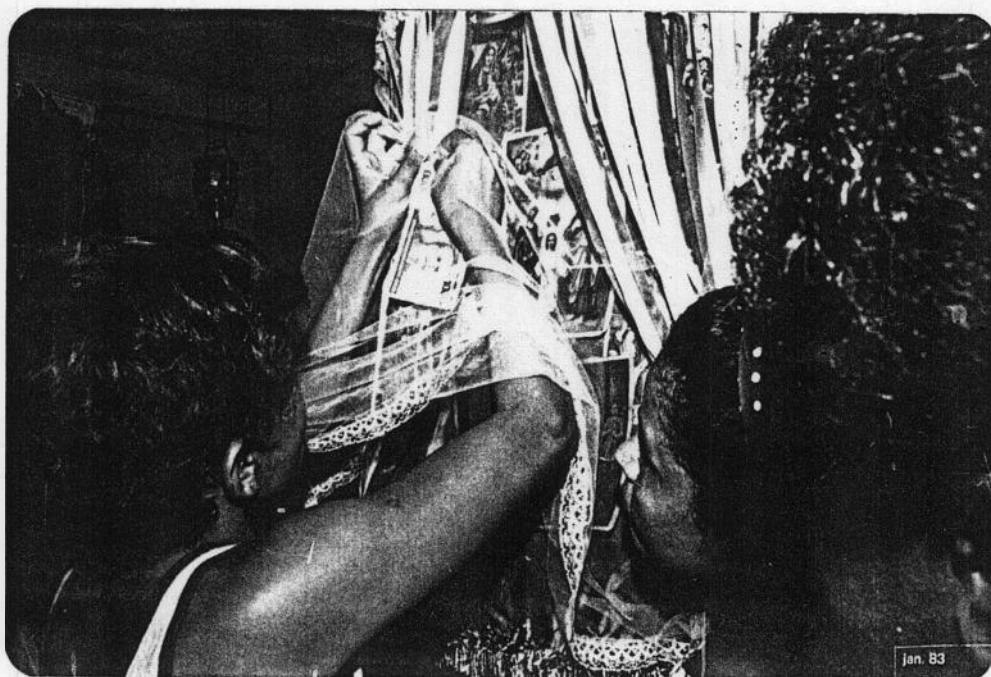


**Mestre e Contra-Mestre**



**Celica, Astério e Branca, recebem a bandeira. (A fita preta é em luto pela morte de Beja, pai de Celica, que recebia, neste dia, pela primeira vez a "bandeira", após a morte do pai.)**

**2. Mestre Simpício  
Pedro sanfoneiro  
A oferta da Bandeira**





**Visita à Casa de Celica e Astério:**

**O "dono" da Mangedoura, Teixeira, observa pela janela.**



**PALHAÇOS DA MANGEDOURA,  
NO TERREIRÃO DA AMOC**  
Giro pelo morro. 1983



## FESTA DO REMATE DA MANGEDOURA.

Candelária, casa de Teixeira.

1983

A Ceia da Folia visitante: Estrêla da Guia

As mulheres "coroadas".



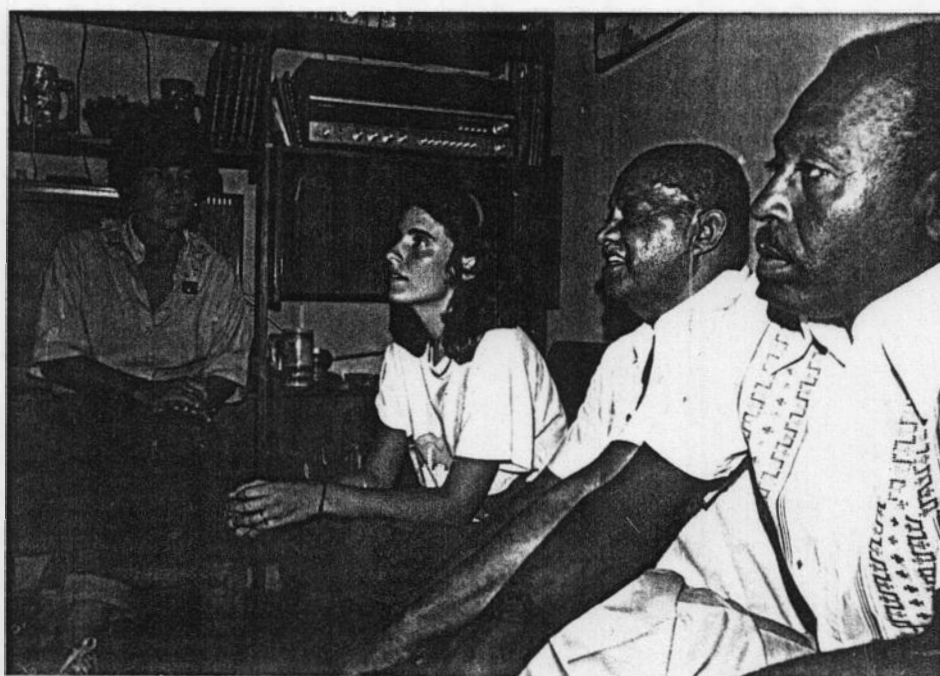
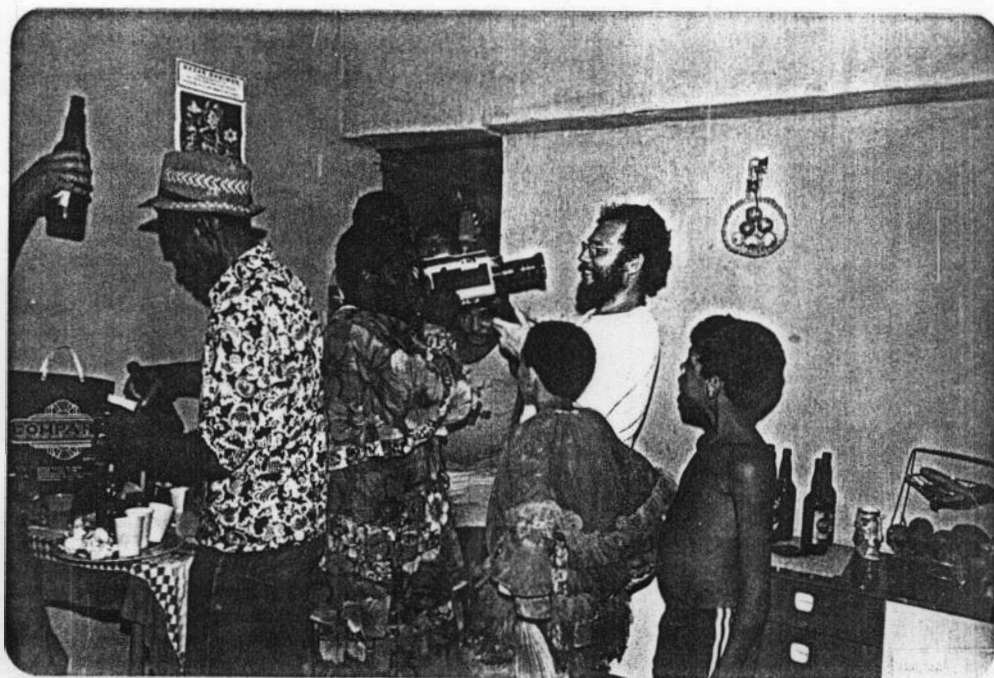
**SAGRADA FAMÍLIA**  
**A "vez" do Palhaço.**  
**Candelária, 1983.**





## A PESQUISA NA CANDELÁRIA

1. Filmando em casa de celica e Astério, 1983  
Com Biquita, em casa de Remízio, 1982

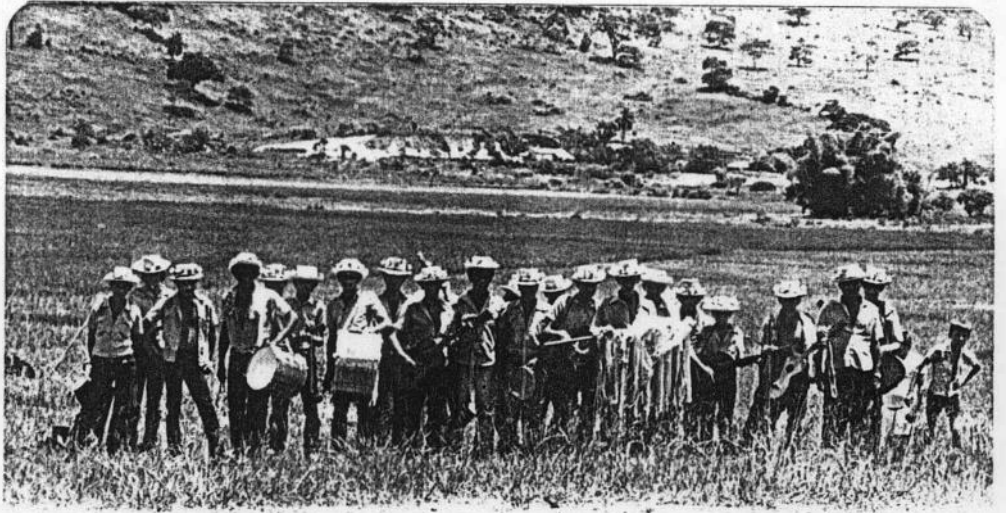


**2. A SAGRADA FAMÍLIA em visita à casa da pesquisadora.  
1982. (Uniformes da Mangedoura e Sagrada Família  
usados ao mesmo tempo).**



## FOLIAS DE MINAS

### 1. Folia de beira de estrada. Leopoldina, Minas Gerais, 1984.





**2. A Folia do Martin, em São João. Minas Gerais, 1984.  
A Folia usa o "quadro", em lugar da bandeira.**

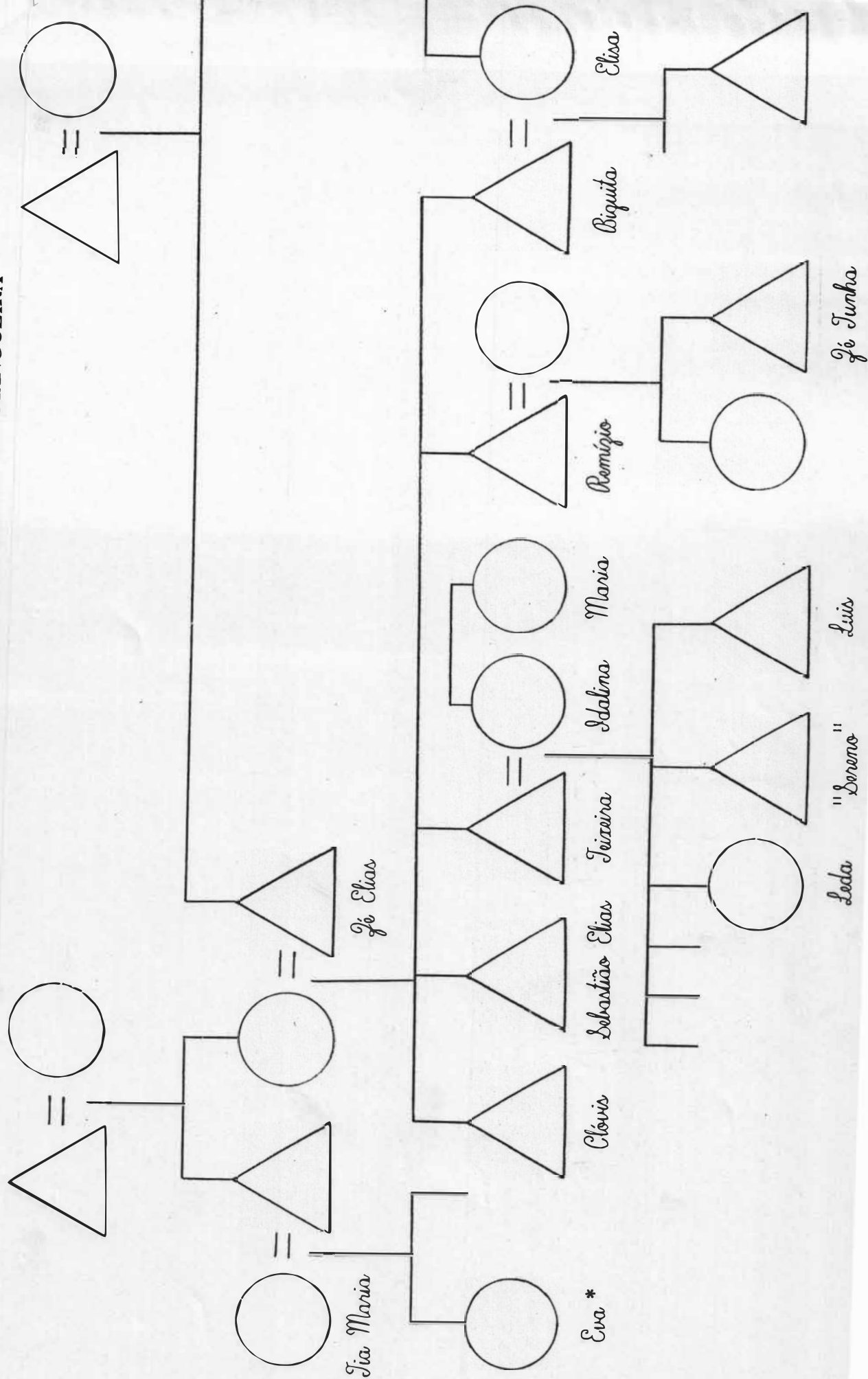


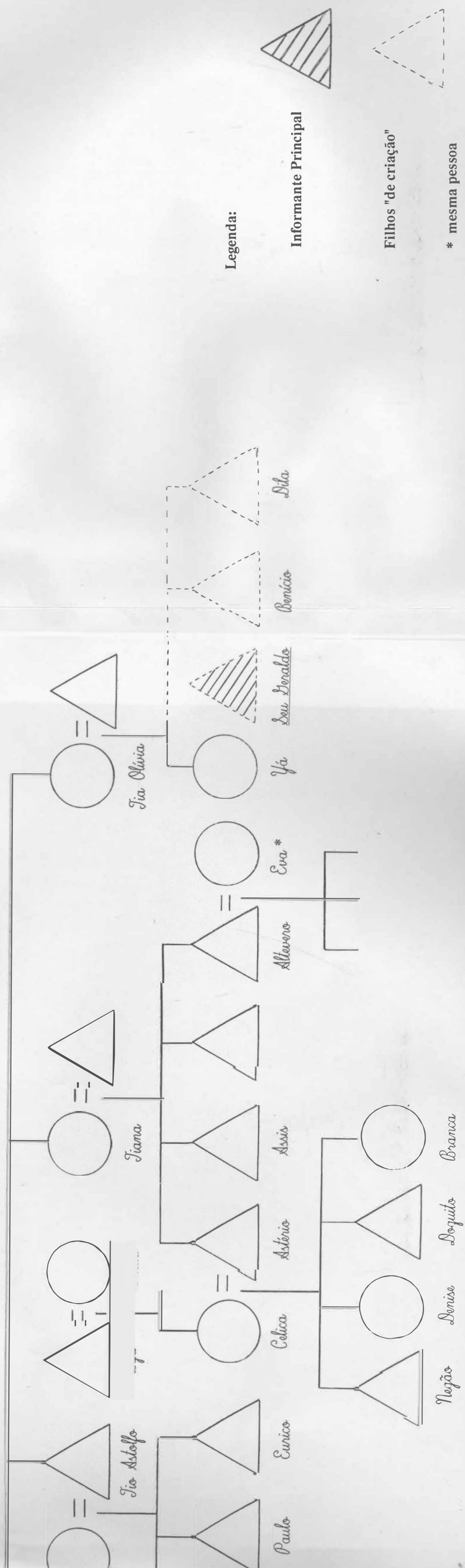
**3. Palhaços da Folia do Martin "brincando". São João, 1984.  
A cruz nas costas é pro "bicho não pegar".**



## **ANEXO II**

DIAGRAMA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO DA "FAMÍLIA EXTENSA"  
QUE COMPÕE O GRUPO BÁSICO DAS FOLIAS DE MANGUEIRA





FOLIÕES DA CANDELÁRIA, MANGUEIRA  
1977/1985

NOME	ORIGEM	POS.FOLIA	OCUPACAO	Trab.CCB	Local Trab/Obs.
Geraldo Raim.*	# MG	Dono	Ascensorista	déc.40	Fac.Celso Lisboa
Teixeira*	# MG	Dono	aposentado	até 1978	34 anos na CCB
Simplicio*	MG	Mestre			
Benicio*	# MG	Mestre	servente	CCB	
Biquita*	# MG	instrument		CCB	
Ze Tunha	# MG	Contra-M.	servente		Hosp.Pedro Ernesto
Dila(+)	# MG	Mestre	servente	CCB	faleceu 1980
Manuelzinho*	MG	Contra-M.			
Jorge*	ES	Dono/Band.	servente		Usina Asfalto DNER
Altevero*	# MG	Palhaço	encarregado	CCB/apos.	Derrame, 1983
Remizio*	# MG	Acompanhan		CCB/apos.	Acidente trabalho
Paulo	# MG	Sanfoneiro			
Assis	# MG	instrument	servente	CCB	
Asterio	# MG	"ajuda"	técnico	até 1950	Elevadores Atlas
Sebastiao Elias	# MG	sanfoneiro			
Idalina (+)	# MG	voz	costureira	até 1976	Faleceu c.1985
Sebastiana		bandeireir			
Solange	RJ	bandeireir			filha Serafin
Elisa*	# MG	voz			esposa Biquita
Maria		instrument			
Silvio*	RJ	instrument	servente		Jardim Zoologico
Jonas*		Contra-M.			
Justino*		instrument			
Octacilio		instrument			
Deca		palhaço			
Jorge		palhaço			ocasional em Mang.
Mauricio		palhaço			
Mauro	RJ	palhaço			filho Simplicio
"Serenio"	# RJ	palhaço			filho Simplicio
Luis	# RJ	instrument		CCB	filho de Teixeira
Lea	# RJ	voz			filha de Teixeira
Beja (+)	# MG	Dono			faleceu 1980
Serafin (+)	ES	Dono/sanf.	servente	CCB	faleceu 1980

Notas:

1. Esta lista não é completa, dada a própria mobilidade dos foliões em torno das duas folias e entre os diversos grupos no Rio de Janeiro.
2. A idade dos foliões varia muito, embora o núcleo formador do grupo esteja hoje em torno daqueles numa faixa etária entre 55/75 anos que, neste quadro, estão marcados com um asterisco (\*).
3. A maior parte dos foliões originários de Minas, faz parte de uma mesma família extensa, conforme diagrama em anexo. Estão marcados com #. Há os que, embora nascidos no Rio, fazem parte do mesmo grupo. Estão também com a mesma marca (#).
4. Um outro item, moradia, foi excluído deste quadro, pois, excetuando-se alguns casos, a maioria mora na Candelária. Posso citar Simplicio, que morou fora do morro por poucos anos, voltando em 1984, Geraldo, que também morou fora, e Dila, o único que havia se mudado para o bairro de Cavalcante, mas voltava à Candelária em época de Folia, quando faleceu. A volta para a Candelária era justificada "para ficar mais perto da Folia"



AS CANTORIAS DA FOLIA , AS CHULAS DO PALHACO. Alguns exemplos.  
(Folia de Reis Mangedoura de Mangueira).

**1. Pedido de "abrição de porta"- chegada à casa de um "devoto":**

Os Três Reis do Oriente  
Por aqui veio passar  
Na sua rica morada  
Hoje vem lhe visitar

Meu senhor dono da casa  
Abre a porta e acende a luz  
Quero lhe dar boa noite  
Como o Menino Jesus

Meu senhor dono da casa  
escute e preste atenção  
Que aqui está em sua porta  
Os Três Reis da união.

Ao entrar em sua casa  
Uma árvore floresceu  
Doce nome de Jesus  
Que de Maria nasceu.

**2. A Saída da casa do devoto:**

Lá pro lado do Oriente  
Uma estrela apareceu  
Aos Três Reis anunciando  
Que o Messias nasceu

Vamos lhe dar festa feliz  
Estimado morador  
A benção de Deus vos cobre  
De virtude e favor

Deixar a vossa morada  
Sem deles sentir pesar  
Pela grande fé que tinha  
De Jesus ir adorar...

**3. Agradecimento pela oferta à bandeira:**

(...) Ai ó Deus salve nossa bandeira, ai, ai,  
Nosso Menino Jesus, ai, ai. (Bis)

Ai nosso Menino Jesus, ai,ai,  
Ai salve a outra bandeira, ai, ai.(Bis)

Ai nesse lindo rico altar, ai, ai,  
Ai todo rodeado de luz, ai, ai (Bis)

Ai lumiando nossa bandeira, ai, ai  
Ai nosso Menino Jesus, ai, ai.(Bis)



Ai agradeço sua oferta ai, ai,  
Ai colocada na bandeira , ai ai (Bis)

Ai com prazer no coração, ai ai,  
Foi colocada na bandeira, ai, ai, (Bis)

Ai agradeço a sua oferta ai, ai,  
Ai dada de bom coração, ai ai. (Bis)

Ai peço a Deus que lhe aumente ai, ai,  
Que abençoe a sua mão, ai, ai. (Bis)

Agora nós vamos parar, ai,ai,  
Não terminou nossa missão, ai, ai. (Bis)

#### 4. PROFECIA: **Anunciação**

Ai ô de casa nobre gente, ai, ai,  
A escutai que vos direi, ai, ai

A lá pra banda do Oriente, ai, ai,  
Ai são chegados os Três Reis, ai, ai,

Ai os Três Reis quando souberam, ai, ai,  
Ai que Jesus era nascido, ai, ai,

Ai saíram prá procurar, ai, ai,  
Ai o menino Deus nascido, ai, ai.

A caminhar, a caminhar, ai, ai,  
Ai para o lado de Belém, ai, ai.

Aonde está menino-Deus, ai, ai  
Ai que salvá o mundo vem, ai, ai,

Ai qual que foi aquela estrêla, ai, ai,  
Ai que nasceu no fim do dia, ai, ai,

Ai que anuncia o Jesus Cristo, ai, ai,  
Ai filho da Virgem Maria, ai, ai... (continua)

#### 5. **As Chulas do Palhaço:**

**a.**

*Êta ferramenta!*

Um cabra de Lampião,  
Pulou Pilão deitado,  
Quem morreu numa trincheira  
Há certo tempo passado  
Hoje lá pelo sertão  
Vive correndo a visão  
Fazendo mal assombrado

Ele quem trouxe a notícia  
Que viu Lampião chegar  
O inferno nesse dia  
Faltou poucos a virar

Pegou fogo no mercado  
Que morreu gente queimado  
Que faz pena até contar

O vigia que estava perto  
Respondeu-se lá de dentro  
Acho bom você correr  
Nego do pé cinzento  
Caboclo com o pé torto  
Nariz encarrapachado  
Tem a testa de veludo  
E os olhos embriagado

Segura pandeiro e caixa  
Entra vermelhão danado!

**b.** Fevereiro março abril  
Março, abril a fevereiro,  
Patrão eu peço licença,  
Quero sair do terreiro.

Cuidado com que os outros diz,  
Ela pode me enxergar,  
Cuidado com teu nariz,  
Prá ele não me sujar,  
Cuidado com a tua boca,  
Para nunca me malhar,  
Patrão, eu peço licença,  
Quero acabar de chegar!

Chegou meu dois de polícia  
Com seu tenente mineiro  
Com licença do patrão  
Já estou no degrau primeiro.

Chegou meu dois de polícia,  
Com sua aliança do mundo,  
Vou cair na Paraíba,  
Naquele poço mais fundo,  
Com licença do patrão,  
Já estou no degrau segundo...

Entrei na perna do pato,  
Vazei no gogó do pinto,  
Com licença do patrão,  
Já estou no degrau de cinco.

Sou devoto da Folia,  
Acompanho **o Santo Reis**,  
Patrão peço licença,  
Fale tudo de uma vez,  
Com a licença da casa,  
Já estou no degrau de seis.

Namorei uma menina,  
Por nome de Bernadete,  
Gostava de outra querida,  
Que chamava Elizabeth,

Com licença do patrão,  
Já estou no degrau de sete.

Já tirei minha carteira,  
Vou comprar o meu V8,  
**Patrícia** eu peço licença,  
Já estou no degrau de oito.

Homem prá se casar,  
compra casa, arruma móveis,  
Com licença do patrão,  
Já estou no degrau de nove.

Eu gosto de massa fina,  
Eu gosto dos meus pastéis,  
**Patrícia** eu peço licença,  
Já estou no degrau de dez...

**C.**

*Ôpa ferramenta!*  
Bendito seja louvado,  
louvado seja bendito,  
E eu não engano a ninguém,  
e nunca fui enganado  
Aqui está o caracol  
Rei de todo bordado,  
Se vocês estão aí tocando  
E eu ainda estou sentado  
Se quiser que o **Beleza** levante  
Ressona mais um mocado!  
*Treme!*

*Ôpa ferramenta!*  
De dia clareia o sol,  
De noite clareia a lua  
Seu patrício me dá licença  
Pro **Beleza** sair da rua! *Rapaz!*

*Ôpa ferramenta, ôpa!*  
Se for água eu passo a nado,  
Se for areia, eu passo andando,  
Me valei meu São Marco  
Ajuda meu São Cipriano  
Só sei pelo meu baralho,  
Saio pelo mundo jogando  
Mesmo que não ganho nada,  
Já estou indo passeando,  
Ô patrício, me dá licença,  
Que eu já estou me levantando, *rapaz!*

Bendito seja louvado,  
Faço as minha oração  
Só entro daqui prá dentro  
Com a licença do patrão.  
*Dá licença, patrão?*

Oi!  
De dia prá mim é noite  
De noite prá mim é dia

Quero uma salva de palmas  
Prá chegada do **Ventania!**

Oi!  
Já fui chamado prá brincar  
Em São José do Calçado  
Porque a fama que eu tenho  
Já correu em todo o Estado  
Muito palhaço eu tenho batido  
Bem pouco eu tenho apanhado.

Oi!  
Vocês estão aí em pé  
Eu estou aqui sentado  
Vocês quer que eu levante  
Ripinica aí um mocado,  
*Vai sanfoneiro!*

Oi gente!  
De dia clareia o sol,  
De noite clareia a lua,  
*Sou filho do Satanás,*  
*Sou neto do Tranca-Rua*  
Com licença do devoto,  
Vou me retirar da rua,  
*Vai!*

G. R. E. S. = ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

IMAGENS POÉTICAS DE JORGE LIMA

Samba-Enredo: TOLITO - MOZAR - DELSON

Cantor: SOBRINHO

I

Na Epopéia Triunfal

Que a Literatura Consquistou

Em Síntese de um Sonho

Que um Poeta tão Risonho

Assim se consagrou, ô, ô, ô

Ô, Ô, Ô Essa Negra Fulô

Uma Obra Fascinante

Que um Poeta tão Brilhante

O Povo Admirou - Ô, Ô, Ô

B I S

II

Jorge de Lima

Em Alagoas Nasceu

Ouviu Tudo dos Antigos, o que Aconteceu

Com os Escravos na Senzala

E no Quilombo dos Palmares

Foi um Sábio que Seguiu as Tradições

Com Seus Versos, Poemas e Canções

Boneca de Pano a Jóia Rara

Calabar e o Acendedor de Lampiões

Zumbi, Floriano e Padre Cícero,

Lampião, e o Pampa e o Amor - Ô, Ô, Ô.

B I S

# G.R.B.C. BALANÇO DA MANGUEIRA

Autores: Zezinho e Raul

## CELEIRO DE SAMBISTA

Venham ver quem chegou  
É o Balanço da Mangueira  
Meu senhor  
É o celeiro de sambista  
Onde o artista  
Sempre teve seu valor

Eu cheguei agora  
Com meu povo tradicional  
Trago esta melodia  
Para exaltar no carnaval

Tem capoeira, tem zum zum zum )  
Tem dança de ~~raça~~ *ritmo* ) BIS  
E também tem ziriguidum )

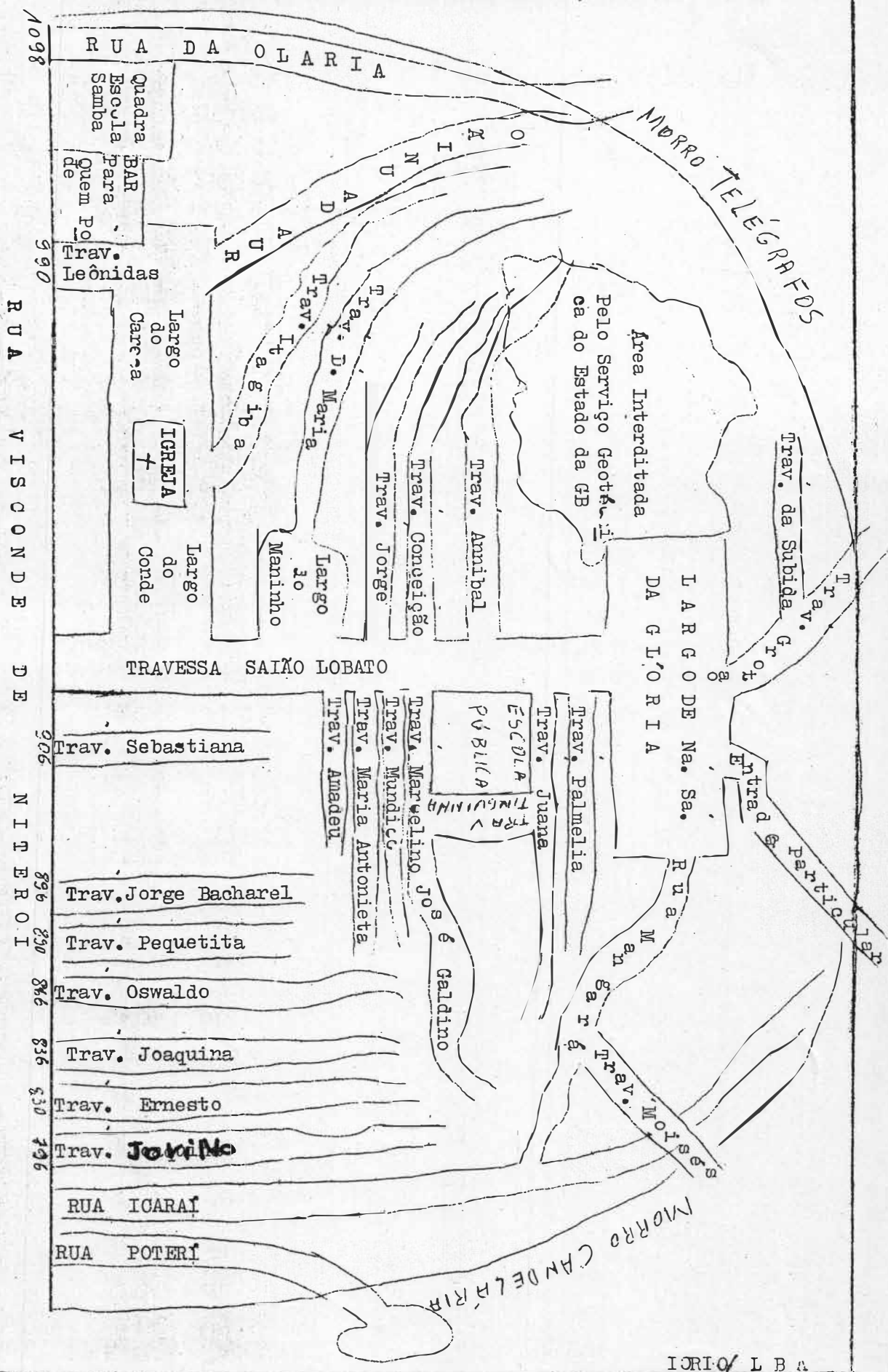
A  
R  
E  
N  
A

PARA VEREADOR

JACOB GOFMAN

A  
R  
E  
N  
A

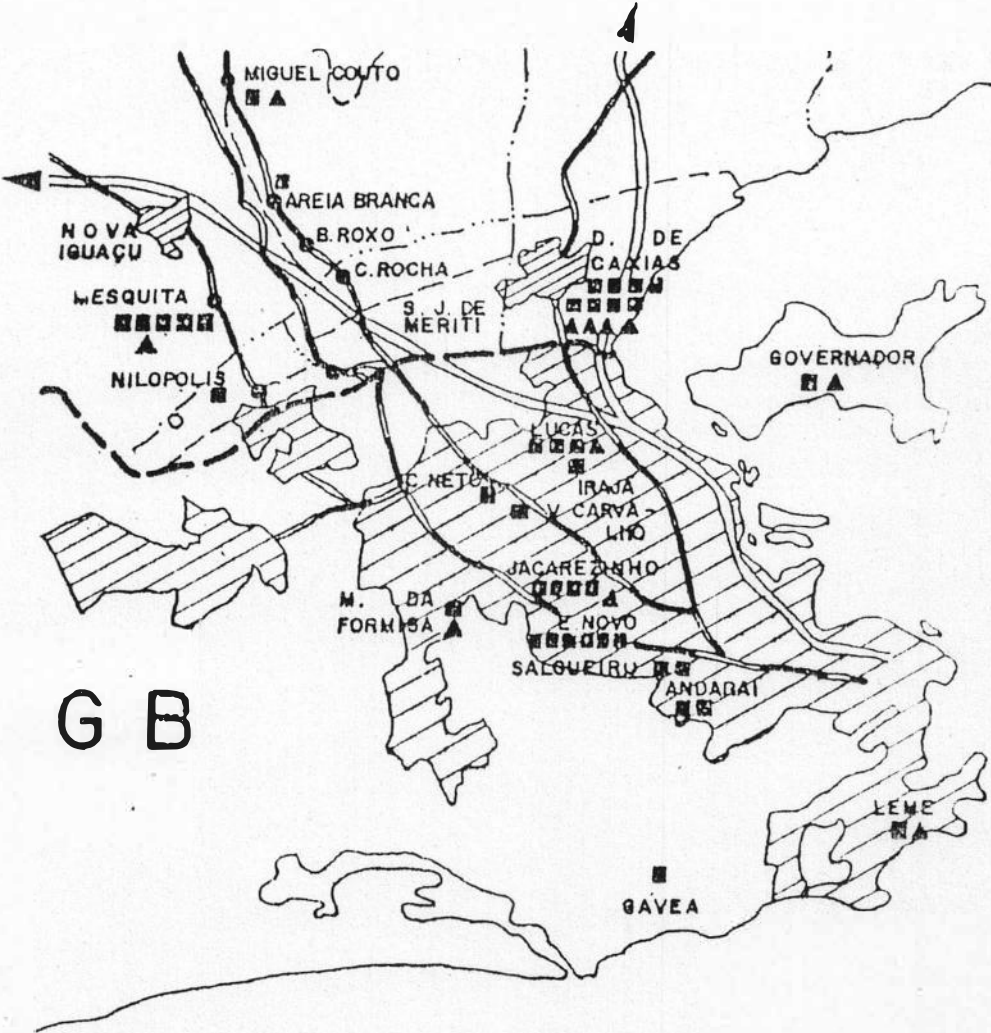
MAPA ARRUADO DE MANGUEIRA COM NOMES DADOS AS VIAS DE ACESSO





### **ANEXO III**

LOCALIZAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS - 1952 - 54



ESCALA

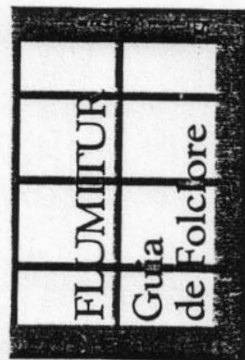
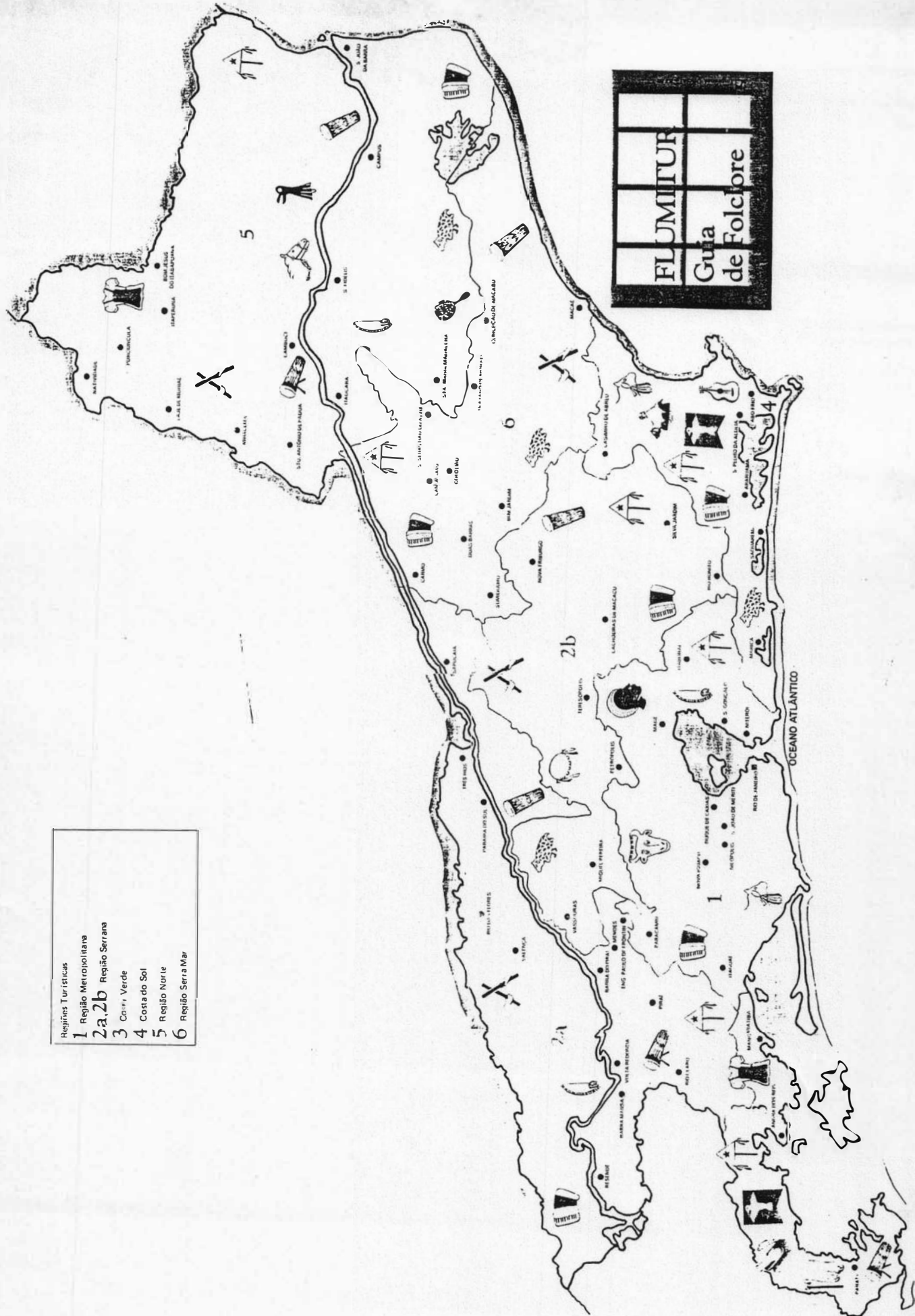


FOLIAS DE REIS

FOLIAS DE REIS PESQUISADAS

Regiões Turísticas

- 1 Região Metropolitana
- 2a, 2b Região Serrana
- 3 Costa Verde
- 4 Costa do Sol
- 5 Região Norte
- 6 Região Serra Mar



## MUNICÍPIO DE NILÓPOLIS

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural.	Nº Part *	Período	OBS.
Sagrado Coração de Jesus	Nova Cidade	Orestes Ferreira Coelho	mestre e resp.	—	12 F. e 2P	—	* (F) Foliões (P) Palhaços

## MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE MERITI

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural.	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq. 1977
Estrela do Oriente	Venda Velha	Álvaro Goudart	mestre	—	—	—	—	—
Reisado Folia do Oriente	Parque Aliança	José Araújo da Silva	responsável e contra-mestre	—	14 F. e 2P	24/12 a 20/01	• saem há 10 anos	19/11/84
Folia de Reis	S.J. de Meriti	Macarino	responsável	—	—	—	—	1977
Folia de Reis	Vila Velha	Maria Boldini	responsável	—	—	—	—	1977

## MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural.	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq.
Estrela do Oriente	Xerém/4º Dist.	Adolpho Nunes da Silva	dono e mestre	—	14 F. e 2P	—	• folia proveniente de Bom Jesus do Itabapoana e Itaperuna	1982
Três Reis do Oriente	—	Antonio Alves de Oliveira	mestre	—	—	—	• a partir de 84 Antônio de Almeida Fº passou a ser o responsável	—
Bandeira da Estrela Guia	Parque Centenário	Argentino Rodrigues da Fonseca	mestre	MG	16	24/12 a 20/01	—	11/12/80
Três Reis do Oriente	Saracuruna	Heles Apolinário	responsável	—	—	—	—	—

# MUNICÍPIO DE DUCHE DE CAXIAS (cont.)

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural.	Nº Part.º	Período	OBS	Data da Pesq.
Três Reis Magos do Oriente	Bairro Pantanal	Jadir de Azevedo Medeiros	dono e resp.	—	13 F. e 2 P	24/12 a 20/01		1980
Folia de Reis	Pilar/1º Dist.	Januário de Souza Planor	responsável	—	—	24/12 a 20/01		1978
Estrela D'Alva	Imbarê	José dos Santos	mestre e resp.	—	—	24/12 a 20/01		1980
Estrela do Oriente	—	Joaquim Nunes (falecido)	mestre e resp.	—	23	—	• contra-mestre: Antonio Godinho	1978
Verde Esperança	—	Joaquim Ferreira da Silva	—	—	—	—		—
Três Reis do Oriente	2º Distrito	Juversino Osório da Silva	dono e resp.	—	16 F. e 2 P.	—		1982
Três Reis do Oriente	Sta.Cruz da Serra	Lauro Silva Mariano	responsável	—	—	—	• mestre: Geraldo Ferreira(Geraldão)	—
Jornada de Reis Estrela Dalva do Oriente	Jardim Gramacho	Mª da Conceição Silva	responsável	—	—	—		1978
Reis de Congo	Jardim Gramacho	Manuel Estevão	mestre e resp.	—	18	—		—
Estrela Esperança dos Três Reis	S.Judas Tadeu	Miqueias Ferreira Machado	mestre e resp.	—	—	—		—
Três Reis do Oriente	Parque S.José	Manoel Júlio Fº	mestre e resp.	—	—	—		—
S.Sebastião	Bairro Centenário	Nilo José Messias	responsável	—	—	—	• mestre: Alcino Henrique	—
Penitente do Irajá	Vila S. Luiz	Osmar Nunes Pereira	responsável	—	—	24/12 a 20/01		1978
Reisado Flor do Oriente	Vila Rosário	Sebastião Vicente Moraes	responsável	—	16 F. e 2 P.	—	• segue a tradição da família sob responsabilidade de Sebastião há 7 anos	—
Reisado Flor do Oriente	Vila Rosário	Sebastião Vicente Moraes	mestre e resp.	—	—	—	• a manifestação não existe mais: o mestre não reside mais no município	—
Bandeira Verde Esperança	Jardim Gramacho	Sebastião Felipe da Silva	responsável	—	16	24/12 a 20/01		15/12/80

MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS (cont.)

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural	Nº Part.	Período	OBS	Data da Pesq.
Bandeira da Estrela do Oriente	Bairro Centenário	Valter Augusto da Silva	mestre	Duque de Caxias	15	24/12 a 20/01		11/12/80
Magos do Oriente	Pantanal	Walter Ferreira	—	Esp.Santo	—	—		—

# MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq.
Sete Estrelas do Rosário de Maria	Mesquita	Antônio Alcino Neves dos Santos	responsável	—	24 F. e 4 P.	—	• mestre: Maria Ana Neves dos Santos	—
Estrela da Guia	Mesquita	Ernesto Campos Ramos (falecido)	—	—	—	24/12 a 20/01	—	—
Estrela da Guia	4º Distrito	Agenor Clementino	mestre e resp.	—	—	24/12 a 20/01	• fundada há 17 anos; mestre mora em Vila Paulina/Belfort Roxo	—
Três Reis do Oriente	Queimados	Antônio Oliveira da Silva	responsável	—	—	24/12 a 20/01	• mestre: João Suisso	1978
Três Reis do Oriente	Eng. Pedreira	Araci Castro Sobrinho	mestre e resp.	—	12 F. e 4 P.	24/12 a 20/01	—	1978
do Mestre Caculia	Morro Agudo	Benedito	mestre	—	—	24/12 a 20/01	—	1978
Estrela do Oriente	Parque Flora	Dejanira Gonçalves	mestre e resp.	—	—	—	—	—
Três Reis do Oriente	3º Dist./Vila de Cava	Fidelis da Rocha	responsável	—	—	24/12 a 20/01	• mestre: Manoel de Souza Jr.	1978
Três Reis do Oriente do Divino Esp. Sto.	—	Fidélis Leonardo do Nascimento	mestre	—	—	—	• cnd: Balfro Sta. Eugênia	—
Jornada da Estrela de Jacó	Centro	Geonar Coelho Machado	mestre e resp.	—	—	—	• informações de Nestor Leal	—
Os Três Reis do Oriente	Belfort Roxo	Israel da Silva	mestre e resp.	—	16	24/12 a 20/01	—	1980
Anúncio de Balaão	Mesquita	Jésus Conti	mestre e resp.	—	22	24/12 a 20/01	• madrinha da Bandeira Três Reis Magos	1978
Mártir das Oliveiras	Queimados	João Antônio da Rosa	mestre e resp.	—	24 F. e 4 P.	24/12 a 20/01	—	1978
Estrela Guia do Oriente	Belfort Roxo	João da Silva (João Broinha)	mestre e resp.	—	—	—	—	—
Estrela de Balaão	Austín	João da Silva Sabóia	mestre e resp.	—	—	24/12 a 20/01	• diretor: João Batista Pedro	1978
Jornada de Reis Nova Jerusalém	Austín	João Fernandes Teixeira	mestre e resp.	—	16	—	—	—



# MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU (cont.)

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq. 1978
Sempre Viva	Jardim Alvorada	Jorge Juramento	mestre	—	—	24/12 a 20/01		1978
Estrela Dalva do Oriente	Belfort Roxo	Jorge Nunes	responsável	—	12	24/12 a 20/01	• mestre: Filinho Pinheiro	14/12/79
Três Marias	Miguel Couto	Jorge Vital Ferreira	mestre	Barbacena /MG	19	24/12 a 20/01		—
Estrela de Jacó	Queimados	José Antônio dos Santos (Pelé)	responsável	—	12 a 16 F. e 2 P.	—	• a folia existe há 4 anos; mestre: José	1983
Irmãos Unidos	Bairro Km. 11	José Augusto	mestre	—	—	24/12 a 20/01		1978
Três Reis Magos do Oriente	.....	José Galdino da Silva	mestre e resp.	—	—	—	• end: Rua das Nações	—
Bandeira do Divino	4º Dist. / Miguel Couto	José Luiz Pontes	—	—	—	24/12 a 02/02 (testa de N.S. das Candelas)		—
do Manezinho	Morro Agudo	Manezinho	mestre	—	—	24/12 a 20/01		1978
Santos Reis de S. Sebastião	Japeri	Manoel Afonso Marques	mestre e resp.	—	12 F. e 1 P.	—		—
Três Reis do Oriente	Morro Agudo	Manoel Alexandre da Silva	mestre e resp.	Carmo/RJ	—	—		—
Areia Branca	Belfort Roxo	Manoel Aniceto da Costa	mestre e resp.	—	22 F. e 4 P.	—		—
Estrela do Oriente	Coelho da Rocha	Manoel José da Silva Fº	mestre e resp.	S. Fidelis /RJ	16	24/12 a 20/01	• nas camisas o grupo usa as inscrições "Jornada Fluminense"	08/12/80
Estrela do Oriente	Belfort Roxo	Minervino Rodrigues Pereira	mestre e resp.	Itaperuna /RJ	14 F. e 1 P.	—	• o grupo existe há 9 anos	1981
Três Reis do Oriente	Vila de Cava	Moacyr Alves Guimarães	mestre e resp.	Campos	—	—		—
Jornada de Reis Irmandade Estrela Lumínosa	Bairro Carnaí	Nestor Leal	mestre e resp.	—	21	24/12 a 20/01	• todos os foliões são do sexo masc.; fundada em 1978	1979
Reisado Cruzeiro do Sul *	Comendador Soares	Nílzo da Conceição Teixeira	responsável	—	—	—		—

## MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU (cont.)

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural.	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq. 1978
Bandeira N.S.Aparecida	Morro Agudo	Osvaldino Custódio	mestre	—	—	24/12 a 20/01		—
Estrela Refulgente	Cabuçu	Osvaldo Oliveira da Silva	responsável	—	—	—	• informações de Nestor Leal; 1º ano que sai: 1985	—
Estrela do Oriente	Queimados	Sebastião Alves	mestre e resp.	—	—	—		—
Nova Jerusalém	Barro K-H/Centro	Sebastião Sigolo	mestre e resp.	—	25 F. e 4 P.	Ciclo Natal		1982
Estrela do Seguimento	Heliópolis/ Belfort Roxo	Sebastião Pinto Neto (Tião da Mina)	mestre e resp.	—	22 F.	—		1978
do Oriente Mártir S.Sebastião	Mesquita	Roque Fernandes da Silva	mestre	—	—	24/12 a 20/01		1978
Bandeira Três Reis do Oriente, Mangedoura de Belém	Austin	Walmir de Souza Cruz	mestre e resp.	—	18	—		—
Reisado Cruzeiro do Sul *	Comendador Soares	Waltair Francisco de Fraga	mestre	—	—	—	• contra-mestre: Nilzo da Conceição Teixeira	—

\* fonte: mesma do MUN./RJ

## MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq.
Estrela do Oriente	Catumbi/RJ	Alvim Gonçalves Ferreira	mestre e resp.	Muriáé /MG	16	24/12 a 20/01		23/12/80
Estrela de Belém	RJ	Antenor José Bento	mestre				• resp: Heber Oliveira	
Três Reis do Oriente	sede: Estácio / RJ	Antônio de Souza Rosa	responsável	MG			• end: Morro de São Carlos / Estácio	
Esplendor do Oriente	Ilha do Governador	Antônio Laurindo da Silva	mestre	Muriáé /MG	16		• mestre: Antonio Guedes (mesmo end)	1979
Estrela do Oriente	Catumbi	Antônio Guedes Garcia (faleceu)	mestre e resp.		16	24/12 a 20/01	• resp: João Alves Guedes	23/12/80
Estrela da Guia	Novo Mundo / Jacarepaguá	Baldino Antônio da Silva	responsável			24/12 a 20/01		1978
Três Reis do Oriente do Divino Esp. Sto.	Vila Isabel	Crisotte Maciel da Silva	mestre		24	24/12 a 20/01		1983
Estrela da Guia	Realengo	Emani Gomes	mestre			24/12 a 20/01		1978
Reisado Resplendor de Belém	Pilares	Francisco José da Silva (Chiquinho Vitalino)	mestre e resp.			24/12 a 20/01		1978
Sagrada Família	Mangueira	Geraldo do Amaral	responsável	Muriáé /MG	16	24/12 a 20/01	• mestre: José da Costa Lousada	08/01/81
Sagrada Família	Mangueira	Sebastião Alves de Oliveira (Simplicio)	mestre e resp.	Muriáé /MG	16			
Estrela D'Alva do Oriente da Penha	Penha	Geraldo Joaquim Teodoro	mestre e resp..				• palhaço: José Fernandes dos Santos / "Gigante"	
Jornada Estrela Brazão do Oriente	Inhoaíba/ Vila União	Jaci de Souza e Mª Aparecida de Souza	responsável		25		• a folia trás à frente 3 moças: à esq., a Virgem; ao meio a Bandeira; à dir. a Madrinha.	1981
Estrela de Ouro	Padre Miguel	João Martins	mestre				• resp: Sr. Oliveira	

## MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (cont.)


Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq.
Estrela do Oriente	R. Andaraí	José Constâncio Thimotheo	mestre e resp.	—	—	—	• resp. Sr. Manoel Frederico	—
Mangedoura de Mangueira	Morro da Mangueira	José Elias Gomes Fº (Teixeira)	responsável	—	19	—	—	1978
Estrela da Guia	Morro do Alemão / Ramos	José Machado	donor e mestre	—	22 F. e 3 P.	—	—	1981
Penitente de Sta. Marta	Botafogo	José Silva (Zé Diniz)	responsável	Miracema / ES	20	24/12 a 20/01	• end. é o mesmo da Associação de Moradores do Morro Sta Marta	23/12/80
Estrela da Guia dos Três Reis do Oriente e do Mártir S. Sebastião	Estr. Realengo 289 c/3 Pde Miguel; R. Baião 266 fds Realengo	Jovencio Catulino da Silva	mestre	—	22 F. e 3 P.	—	—	—
Estrela da Guia	Estádio / Morro do Querosene	Laércio de Souza	mestre e dono	—	28	24/12 a 20/01	• Laércio de Souza recebeu a bandeira do mestre José Adriano Sillis, de paciência, que encerrou suas atividades como responsável	05/12/83
Estrela da Guia	Paciência	José Adriano de Sillis	donor	—	20	24/12 a 20/01	• mestre: Sebastião Gerson Marques	1978
Estrela Cadente da Penha	Parque Proletário da Penha	Luiz Carlos Ferreira	responsável	—	15 F. e 2 P.	—	—	—
Estrela do Oriente	Campo Grande	Manoel Fraga Fº	mestre e resp.	—	—	—	• existe há 18 anos	—
Cruzeiro do Sul da Boca do Mato	Méier	Manuel Valente	mestre e resp.	—	27 F. e 3 P.	—	• contator: José Alexandre (Zé do forno)	1979
Jornadas dos Pastores dos Três Reis	Bonsucesso	Nadir Rocha da Silva	mestre e resp.	Itaocara	20	24/12 a 20/01	• existe há 21 anos	04/12/80
Bandeira Três Maria	Vila Cruzeiro / Penha	Nalziira da Silva	responsável	—	22 F. e 4 P.	—	• mestre: José Machado	1981

## MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (cont.)

Folia de Reis	Local	Nome	Categoria	Natural	Nº Part *	Período	OBS	Data da Pesq.
Bandeira do Divino Esp.Sto.	Padre Miguel	Odorinho Ferreira	mestre e dono	—	—	—	• resp: Sr. Manoel Frederico	—
Lapinha de Belém Juvenil da Penha	Vila Cruzeiro /Penha	Ricardo Ventura Neves	mestre e resp.	—	—	—	—	—
Estrela de Jacó anunciada por Balaão	Padre Miguel	Sandoval Ferreira da Silva	responsável	—	—	24/12 a 20/01	• mestre: José Moreira/ o Sr. Sandoval encerrou sua jornada	1978
Os Três Reis magos ao Encontro do menino Jesus trazendo paz na terra aos Homens de Boa Vontade	Bangu	Sebastião Nunes de Queiroz	responsável	—	18	24/12 a 20/01	• mestre João Alves/Jacarepaguá (residência)	10/12/82
Estrela do Oriente	Morro de São Carlos	Silvanir Rodrigues	mestre	—	12	—	• mestre tem 12 anos e a folia é formada por crianças	1983
Estrela da Guia	Campo Grande	Valdir João de Faria	responsável	—	20 (+ ou -)	24/12 a 20/01	• mestre: José Lima	—

*Nota (fonte): Arquivo de Cadastro de Danças e Folguedões  
Divisão do Folclore/Inst. Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)/Secret. do Est. de Ciência e Cultura*





Mineiro, atenda ao convite do  
Governador Hélio Garcia: venha  
passar as festas em casa.  
Venha rever sua família e sua  
gente. O encanto das  
montanhas e dos quintais de  
amora e manga.  
Você vai reencontrar nossa  
Minas Gerais mais forte, mais  
unida, mais irmã.  
E, mais do que nunca, terra da  
conciliação e do entendimento.  
Venha. A festa começa quando  
você chegar.

Este é um convite do  
Governador Hélio Garcia, em  
nome do povo de Minas.

MINAS GERAIS  
GOVERNO HÉLIO GARCIA

"GRUPO FOLCLÓRICO FOLIA DE REIS ESTRELA D'ALVA DO ORIENTE DA PENHA"

Parque Proletário da Penha - Rua N.S. de Fátima nº 32

Fundado em 1955.

FON-230.0050

ESTATUTO

"MESTRE - FOLIÃO"

"SUPERVISOR GERAL"

1º - OBRIGAÇÕES E DEVERES DE UM "MESTRE PALHAÇO"

O Palhaço é o policial da Folia de Reis. Dentro das regras ele resolve todos os casos e problemas violentos. Por exemplo, um bebado, um bicho feroz, assim como cachorro, boi, etc., um audacioso, um fora da lei.

Um bom Palhaço é um futuro Mestre. Um bom Palhaço ajuda o Mestre, um ajuda o outro, no enredo da Profecia, nos pontos de marração da Bandeira ou do próprio Palhaço. Na Folia de Reis são os dois mais entendidos do princípio ao fim. Deve saber sempre quantos componentes existem na jornada, agem de comum acordo. Nunca deve se afastar da Bandeira ou da Folia. Tudo que o Mestre estiver cantando, deve o Palhaço estar sabendo.

2º - OBRIGAÇÕES E DEVERES DE UM "CONTRA - MESTRE"

O Contra-Mestre é a segunda pessoa do Mestre. Ele é o gerente supervisor, ele tem que saber tanto quanto o Mestre. Ele executa todo o serviço do Mestre. O Mestre o orienta e ele executa. Onde existir Contra-Mestre o Mestre não trabalha, o Mestre só orienta. Ele tem o cuidado de alertar o Mestre em tudo que notar ou sentir que o Mestre não percebeu.

O Contra-Mestre é o braço direito do Mestre.

3º - OBRIGAÇÕES E DEVERES DE UM FISCAL DE FOLIA DE REIS

Na pessoa de um Fiscal está a lei, a doutrina a regra. O Fiscal é o digno conhecedor das Regras. O Fiscal tem as credenciais para corrigir, doutrinar. O Fiscal é a pessoa de confiança do Mestre, quem de obedecer o Fiscal não é digno. A disciplina está nas mãos do Fiscal também a alimentação, quem faltou, quem sobrou. O Fiscal zela pelo bem estar do esquadrão.



#### 4º - OBRIGAÇÕES E DEVERES DE UM "MESTRE DE BATERIA"

O Mestre de Bateria é responsável pela bateria, pelo ritmo. Ele é quem supervisiona a retaguarda. Ele manda na bateria, zela por ela. Os componentes da bateria obedecem no tocante ao ritmo e conservação do material. É ele que informa o estado, as avarias, que possa a bateria se encontrar. É ele quem dá o sinal ao Mestre de tudo pronto. Não tem instrumento definitivo.

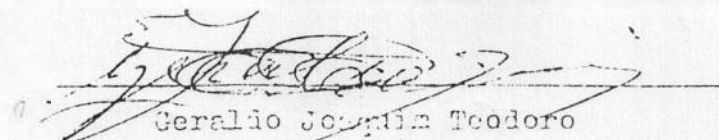
#### 5º - OBRIGAÇÕES E DEVERES DE UM "ALFERES"

Na Bandeira ele concentra toda a sua atenção. Ele tem que saber o estado em que ela se encontra. Os enfeites e as ofertas, se colocaram ou se tiraram. Comunicando ao Mestre. Não sendo para beijar, ofertar ou saudar ninguém nela toque sem permissão do Mestre. O Alferes recebe as ofertas passando-as para o responsável. Nunca ele pode desprezá-la. Na estrada é o guia, nas residências o vigia.

#### 6º - DEVERES E OBRIGAÇÕES DE UM BOM "POLIÃO DE REIS"

- 1) Ter Fé em Deus, ser devoto e confiante no seu Mestre.
- 2) Ser obediente, cumpridor dos seus deveres.
- 3) Zelar pelos seus instrumentos.
- 4) Ajudar em tudo o que for possível, ser pontual nos horários.
- 5) Evitar no máximo as bebidas alcoólicas, não dar atenção a ninguém na hora da reza e orações.
- 6) Não entregar o instrumento a pessoas estranhas.
- 7) Ajudar a cantar, não separar do grupo.
- 8) Ser educado até nas horas das refeições.
- 9) Limpar os pés na hora em que entrar na casa de um devoto.
- 10) Um por todos e todos por um, uma Polia de Reis é uma irmandade
- 11) Todos tem que obedecer e compreender o apito do Mestre.
- 12) O Mestre não tem nem deve ter necessidade de chamar a atenção seus correligionários.

Em 28 de agosto de 1975.

  
Geraldo Joaquim Teodoro  
Mestre-Polião

CARTEIRINHA, FORNECIDA AS FOLIAS DE REIS PELA  
DIVISÃO DE FOLCLORE DA SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO , EM SUBSTITUIÇÃO AS "LICENÇAS". Notar a Assinatura  
de Cáscia Frade, no verso.

\*\*\*\*\*



SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DE CIÊNCIA E  
CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE CULTURA  
DIVISÃO DE FOLCLORE

Inscrição N.º .....

Nome .....

Pseudônimo .....

Atividade Artística (Cultural) .....

\*\*\*\*\*

Endereço .....

Identidade N.º .....

CPF .....

Ass. ....

Obs. ....

Expedida em ..... / ..... / 19 .....

MARIA DE CÁSCIA FRADE  
Diretora da Divisão de Folclore